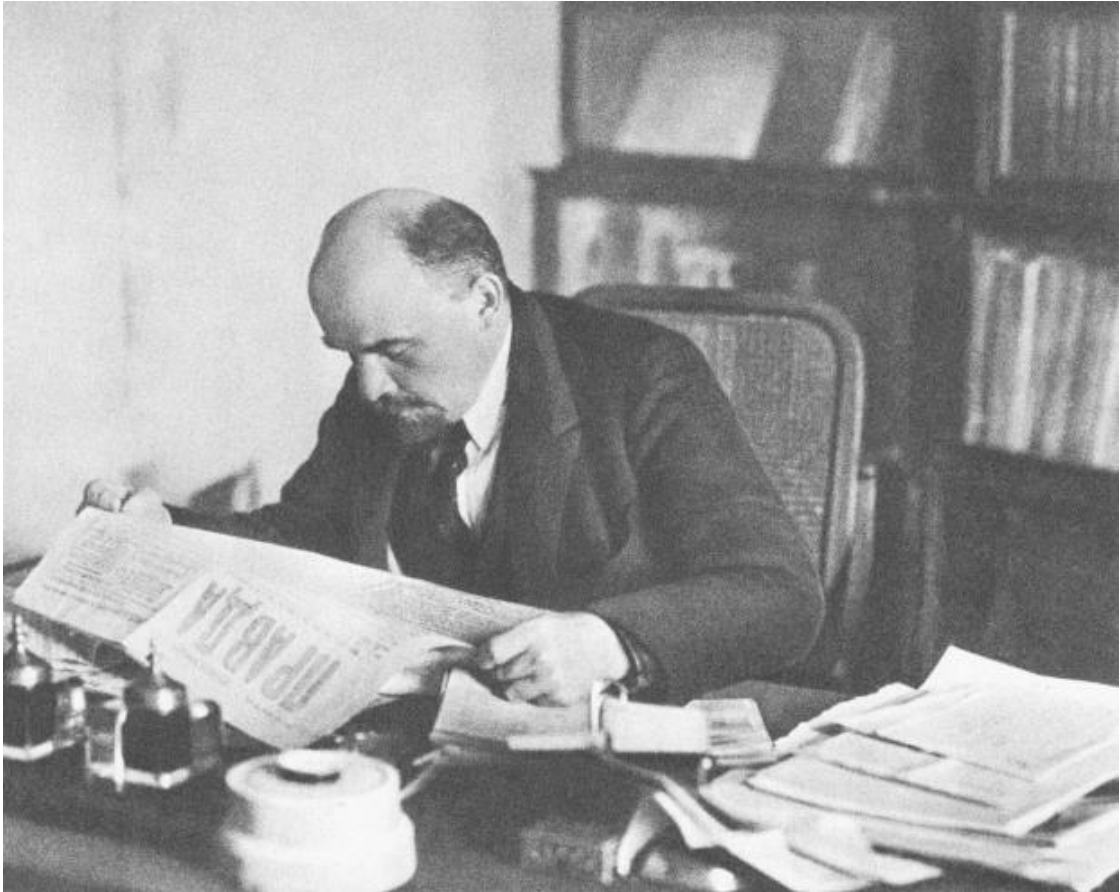


Seleção de Textos de Estudos Sobre o Trabalho com o Jornal



Índice:

Texto 1: V.I. Lenin. Por Onde começar?.....	3
Texto 2: V.I. Lenin. O Que Fazer?	6
Texto 3 Lenin, Cartas	16
Texto 4: Lenin, Balanço de seis meses de trabalho	18
Texto 5: A Estrutura, os Métodos e a Ação dos Partidos Comunistas.....	21
3° Congresso da III Internacional	
Texto 6: A Estrutura, os Métodos e a Ação dos Partidos Comunistas	23
4° Congresso da III Internacional	
Texto 7: Leon Trotsky, Quem dirigiu a insurreição de fevereiro?.....	24
Texto 8: Nadejda Krupskaja, Lênin, Propagandista e Agitador	26
Texto 9: J. P. Cannon, A História do Trotskismo Norte-Americano	34
Texto 10: Tony Cliff, Lenin e a construção do partido	36
Texto 11: Nahuel Moreno, Problemas de Organização	41
Texto 12: Ernesto González, O trotskismo operário e internacionalista na Argentina	42
Texto 13: MAS: Sobre o jornal	44
Texto 14: Extratos dos documentos de construção dos Congressos (2016 – Conferência 2019)	45

Texto 1: V.I. Lenin. Por Onde começar?

Publicado no Iskra n.4, maio, 1901.

No último ano, a pergunta “Que fazer?” se impôs com força particular aos social-democratas russos. Não se trata de escolher um caminho (como foi o caso nos fins dos anos oitenta e início dos anos noventa do século XIX), mas de saber quais passos práticos devemos dar sobre uma rota já traçada, e precisamente de que modo. Se trata do método e do plano de atividade prática. E precisamos reconhecer que os problemas do caráter e dos métodos da luta, fundamental para um partido prático, não estão completamente resolvidos entre nós e continuam a suscitar sérios dissensos, que revelam uma instabilidade e incerteza ideológica deploráveis. De um lado, está ainda bem viva a tendência “economicista”, que inferioriza e restringe o trabalho de organização e agitação política. De outro lado, continua de cabeça firmemente erguida a tendência do ecletismo sem princípios, que muda ao sabor de qualquer brisa e não sabe distinguir entre os interesses imediatos das tarefas essenciais e das exigências permanentes do movimento no seu conjunto.

Como é notório, esta tendência está implantada na Rabotcheie Dielo. A sua última declaração “programática”, um altissonante artigo sob o altissonante título de Uma reviravolta histórica (n. 6 do Listok Rabotchevo Dielo), confirma com particular evidência o comportamento característico supra indicado. Eis como se comportam: Ontem ainda estávamos com o “economismo”, indignávamo-nos com a decidida condenação da Rabotchaia Myls, “atenuávamos” a imposição plekhanoviana da questão da luta contra a autocracia, e hoje já citamos as palavras de Liebknecht: “Se as circunstâncias transformam-se em vinte e quatro horas, é preciso modificar a tática em vinte e quatro horas”, já falamos de uma “forte organização combativa” para o ataque direto, para o assalto contra a autocracia, que promova larga agitação revolucionária e política (guarde bem como somos agora enérgicos: revolucionária e política!) entre as massas, “incansável apelo aos protestos de rua”, e “organização das manifestações de rua com notório (sic!) caráter político”, etc., etc.

Poderíamos, com efeito, declararmo-nos contentes com o fato da Rabotcheie Dielo haver assimilado tão rapidamente o programa avançado que publicamos no primeiro número do Iskra, de criação de um forte partido organizado, imbuído do objetivo não de conquistar simples concessões, mas sim a própria fortaleza da autocracia, porém, o fato destes indivíduos não terem opiniões firmes enfraquece a nossa alegria.

O Rabotcheie Dielo, naturalmente, evoca Liebknecht em vão. Em vinte e quatro horas se pode mudar a própria tática de agitação nessa ou naquela questão específica, a própria tática em questão ou alguma particularidade da estrutura do partido, mas somente indivíduos sem princípios podem mudar em vinte e quatro horas, ou mesmo em vinte e quatro meses, a própria ideia sobre a necessidade – em geral constante e absoluta – de uma organização de luta e de agitação política entre as massas. É ridículo evocar a frase de Liebknecht em outra situação, ao sucederem-se os períodos: Questionar se se deve trabalhar por criar uma organização combativa e realizar uma agitação política em qualquer situação, em períodos “cinzentos, pacíficos”, em períodos de “declínio do espírito revolucionário”, quando ao contrário, exatamente nessas situações e nesses períodos é particularmente necessário esse trabalho, porque nos momentos de explosões sociais não há tempo hábil para criar uma organização, que nesses momentos já deve estar pronta para poder desenvolver imediatamente sua atividade. “Mudar a tática em vinte e quatro horas”!? Mas para poder mudar a tática é necessário antes de tudo ter uma tática, e se não existe uma organização viva, preparada para a luta política em qualquer momento e todas as situações, não se pode falar de qualquer plano sistemático de ação, iluminado por princípios firmes e rigorosamente aplicado, que é só o que merece o nome de tática. Vejamos, de fato, como estão as coisas: Já se disse que o “momento histórico” colocou diante do partido um problema “completamente novo”, o terrorismo. Ontem, “completamente novo” era o problema da organização política e da agitação, hoje o do terrorismo. Não é muito estranho ouvir escritores públicos se esquecerem a tal ponto da própria história russa sobre uma radical mudança de tática? Afortunadamente, o Rabotcheie Dielo está errado. O problema do terrorismo não é de fato novo, a nós basta recordar brevemente a opinião que vimos formando-se dentro da social-democracia russa.

Na linha dos princípios nós não renunciamos nunca e não poderíamos renunciar ao terrorismo. É uma operação militar que pode perfeitamente servir, e ser até necessária, em um determinado momento da batalha, quando a tropa se encontra em uma determinada situação e existindo determinadas condições. Mas a substância do problema é precisamente que hoje o terrorismo não vem absolutamente proposto como uma operação do exército operante, estritamente ligada e adequada a todo o sistema de luta, mas como um meio de ataque singular, autônomo e independente de todo o exército. E quando falta uma organização

revolucionária central e as locais são débeis, o terrorismo não pode ser nada diferente. Eis por que dizemos decididamente que nas circunstâncias atuais este meio de luta é intempestivo, inoportuno, uma vez que desvia os combatentes mais ativos de suas verdadeiras tarefas, mais importantes para todo o movimento, e desorganiza não a força governativa, mas a revolucionária.

Recordai os últimos acontecimentos: diante de nossos olhos grande massa de operários e “populares” desejando atirar-se à luta, e os revolucionários estão privados de um estado maior de dirigentes e organizadores. Nestas condições, não se corre talvez o risco que, se os revolucionários mais enérgicos passam à atividade terrorista, se enfraqueçam as únicas divisões de combatentes sobre as quais podemos basear sérias esperanças? Não se corre talvez o risco de se romper a ligação entre as organizações revolucionárias e a massa dispersa dos descontentes, que protestam e estão prontos para a luta, mas são frágeis exatamente porque dispersos? Contudo essa ligação é a única garantia de nosso sucesso. Longe de nós o pensamento de negar qualquer importância às ações heroicas isoladas, mas temos o dever de nos colocarmos energicamente em guarda contra as permissivas exaltações do terrorismo, contra reconhecê-lo como principal e fundamental meio de luta, coisa à qual muitíssimas pessoas estão propensas hoje em dia. O terrorismo não poderá nunca se tornar uma ordenada ação militar: no melhor dos casos, pode servir somente como um dos métodos do assalto decisivo. Aqui se levanta a questão se no momento atual poderíamos fazer apelo a esse assalto. O Rabotcheie Dielo, ao menos parece, responde que sim. Ao menos exclama: “Alinhai-vos na coluna de assalto!” Mas, ainda uma vez, muito zelo e pouco siso. A massa principal de nossa força militar é composta de voluntários e pelos insurretos. Possuímos somente algumas pequenas divisões de tropas permanentes, e ainda essas não são mobilizáveis, não são amigáveis entre si, não são adestradas, em geral, para alinhar-se em uma coluna militar e menos ainda em uma coluna de assalto. Nestas condições, qualquer pessoa capaz de compreender as condições gerais de nossa luta sem esquecer cada “reviravolta” do curso histórico dos acontecimentos, deve ter claro que nossa palavra de ordem, nesse momento, não pode ser “lançar o assalto”, mas deve ser “organizar um assédio regular à fortaleza inimiga”. Em outras palavras: A tarefa imediata de nosso partido não pode ser utilizar todas as formas ora disponíveis de ataque, mas promover a formação de uma organização revolucionária, capaz de unir todas as forças e de dirigir o movimento não somente no nome, mas de fato, isto é, de estar sempre pronta a sustentar qualquer protesto e qualquer explosão social, desfrutando destas para multiplicar e consolidar as forças militares que possam servir para a batalha decisiva.

A lição dos acontecimentos de Fevereiro e Março (de 1901) é tão sugestiva que é duvidoso se podemos sofrer objeções de princípio contra esta conclusão. Mas nós hoje devíamos resolver o problema não no campo dos princípios, mas praticamente. Devíamos não somente esclarecer a nós mesmos qual organização precisamos exatamente, e por meio precisamente de quais trabalhos: devíamos elaborar um plano de organização que passe a ser executado por todas as partes do partido.

Considerada a urgência do problema, decidimos de nossa parte submeter à atenção dos camaradas o esboço de um plano, que desenvolvemos de modo mais detalhado em um opúsculo em curso de preparação para impressão.

Em nosso parecer, o ponto de partida da nossa atividade, o primeiro passo prático para criar a organização que desejamos, o fio condutor, enfim, seguindo o qual poderemos incessantemente desenvolver, enraizar e alargar essa organização, deve ser a fundação de um jornal político para toda a Rússia. Aqui precisamos antes de tudo de um jornal; sem um jornal é impossível coordenar sistematicamente a propaganda e a agitação multiformes e consequentes que constituem a tarefa permanente e principal da social democracia em geral, e a tarefa particularmente urgente do momento atual, no qual o interesse pela política, pela questão do socialismo, está acordando na mais larga parte da população. E nunca foi sentida com tanta força como hoje a exigência de se completar a agitação dispersa, feita através da ação pessoal, dos jornalecos locais, opúsculos etc. Completar com a agitação generalizada e regular que se pode desenvolver somente por meio da imprensa periódica. Não creio que seja exagerado afirmar que a maior ou menor frequência e regularidade da saída (e difusão) do jornal poderá ser o índice mais exato da solidez dos êxitos obtidos na organização desse setor, que é o mais elementar e mais importante de nossa atividade militar. Diga-se, aquilo de que aqui precisamos é um jornal para toda a Rússia. Se não sabemos e em quanto não soubermos unificar a nossa influência sobre o povo e o governo mediante a palavra impressa, será utopia pensar poder unificar outros meios de influência mais complexos, mais difíceis e a curto prazo mais decisivos. O nosso movimento, seja do ponto de vista ideológico ou do prático, organizativo, sofre sempre muito por causa de seu fracionamento, dado que a imensa maioria dos social-democratas está quase completamente absorvida pelo trabalho puramente local, que restringe seu horizonte e a amplitude de sua atividade, de sua experiência clandestina e a sua preparação. Exatamente desse

fracionamento se deve cortar as raízes mais profundas, daquela instabilidade e daquela fraqueza da qual tratamos acima. E o primeiro passo adiante para livrarmo-nos desse defeito, para transformarmos diversos movimentos locais em um único movimento nacional russo deve ser a organização de um jornal para toda a Rússia.

Enfim, aqui necessitamos absolutamente de um jornal político. Na Europa moderna sem um órgão de imprensa política é inconcebível um movimento que mereça ser chamado político. Sem um órgão de imprensa política é absolutamente impossível cumprir nosso dever de concentrar todos os elementos de descontentamento de protesto político, de fecundar com estes o movimento revolucionário do proletariado. Demos o primeiro passo, despertamos na classe operária a paixão pelas denúncias “econômicas”, de fábrica. Devemos completar o passo seguinte: despertar em todos os estratos do povo mais ou menos consciente a paixão pela denúncia política. Se as vozes que se levantam para desmascarar o regime são hoje tão débeis, raras e tímidas, não devíamos ficar impressionados. Isso não se deve à resignação geral ao arbítrio policial. É devido ao fato que os homens capazes de fazer as denúncias, e prontos a fazê-las, não têm uma tribuna da qual possam falar, não têm um público que escute e aprove apaixonadamente os oradores; ao fato destes não verem de nenhuma parte no povo uma força à qual valha a pena dirigirem-se para protestarem contra o “onipotente” governo russo.

Mas hoje tudo isso se vai modificando com extraordinária rapidez. Esta força existe, é o proletariado revolucionário; já demonstrou estar pronto não somente a escutar e sustentar o apelo à luta política, mas também a somar-se corajosamente na luta. Temos hoje a possibilidade e o dever de criar uma tribuna da qual todo o povo possa denunciar o governo czarista, e essa tribuna deve ser um jornal social-democrata. A classe operária, diferente das outras classes e dos outros setores da sociedade russa, mostra um constante interesse pelo conhecimento político, pede continuamente (e não somente nos períodos de particular fermentação) publicações ilegais. Quando existe tal pedido por parte da massa, quando já estão formando-se dirigentes revolucionários provados, e a concentração da classe operária resulta que esta habita os bairros operários das grandes cidades, as vilas operárias, os subúrbios industriais, a fundação de um jornal político é coisa para que o proletariado está perfeitamente preparado. E através do proletariado o jornal penetrará nas filas da pequena burguesia urbana, dos artesãos rurais e dos camponeses e se transformará em um verdadeiro jornal político popular.

Um jornal, todavia, não tem somente a função de difundir ideias, de educar politicamente e de conquistar aliados políticos. O jornal não é somente um propagandista e agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Sobre esse último aspecto, se pode comparar o jornal com a estrutura de andaimes que envolve o edifício em construção, mas permite adivinhar seus traços, facilita os contatos entre os construtores, lhes ajudando a subdividir o trabalho e a dar conta dos resultados gerais obtidos com o trabalho organizado. Através do jornal e com o jornal se formará uma organização permanente, que se ocupará não somente do trabalho local, mas também do trabalho geral sistemático, que ensinará a seus membros a acompanharem atentamente os acontecimentos políticos, a avaliar a importância e a influência de diversos estratos da população, a elaborar quais métodos permitem ao partido revolucionário exercitar sua influência sobre os mesmos. Até mesmo as tarefas técnicas de assegurar ao jornal fornecimento regular de recursos e uma distribuição eficiente obrigará a criar uma rede de agentes locais de confiança do partido unificado, agentes [distribuidores e correspondentes] que deverão manter-se em contato vivo uns com os outros, deverão conhecer a situação geral, habituar-se a executar regularmente uma parte do trabalho para toda a Rússia, a experimentar as próprias forças organizando hora esta, hora aquela ação revolucionária. Esta rede de agentes será o esqueleto exatamente da organização de que aqui precisamos: suficientemente grande para estender-se por todo o país; suficientemente ampla e variada para efetuar uma rigorosa e detalhada divisão do trabalho, suficientemente temperada para saber cumprir inflexivelmente o seu trabalho em todas as circunstâncias, em todas as reviravoltas e em todos os imprevistos, bastante flexível para saber, por um lado, evitar a batalha em terreno descoberto e contra um inimigo de forças superiores, que as concentrou em um só ponto e, por outro, aproveitar das incapacidades de manobra do inimigo para cair-lhe em cima no lugar e no momento em que ele menos espera. Hoje, diante de nós se coloca uma tarefa relativamente fácil, apoiar os estudantes que se manifestam nas praças das grandes cidades. Amanhã, pode se colocar uma tarefa mais difícil, por exemplo, apoiar o movimento dos desempregados de alguma região. Depois de amanhã, deveremos estar talvez em nosso posto participando de modo revolucionário de um levante camponês. Hoje, devíamos usar o agravamento da situação política que o governo criou com a cruzada contra o zemstvo [espécies de parlamentos rurais de tipo feudal russo]. Amanhã, deveremos apoiar a indignação da população contra este ou aquele esbirro czarista, desencadeando e ajudando,

mediante os boicotes, as denúncias, as manifestações etc., a dar uma lição tal que o constranja a se retirar. Tal grau de preparação para a luta se pode formar somente com uma atividade contínua em que se empenhe a tropa regular. Se nós unirmos nossas forças para desaguar em um jornal de escala nacional, tal trabalho fará surgir e formará não somente os propagandistas mais hábeis, mas também os organizadores mais provados, os chefes políticos mais capazes de saberem lançar no momento exato a palavra de ordem da luta decisiva e dirigir essa luta.

Para concluir, poucas palavras para evitar um possível equívoco. Temos sempre falado sobretudo de uma preparação sistemática, planificada, mas com isto não pretendemos de fato dizer que a autocracia poderá cair exclusivamente em seguida a um assédio regular e um assalto organizado. Não pretendemos cair em um doutrinário absurdo. Ao contrário, é plenamente possível e historicamente muito mais provável que a autocracia caia sob a pressão de uma daquelas explosões espontâneas ou daquelas complicações políticas imprevisíveis, que ameaçam vir continuamente de todas as partes. Mas nenhum partido pode, sem cair no aventureirismo, planejar sua atividade com base na esperança de explosões sociais e complicações políticas. Nós devemos seguir a nossa estrada, desenvolver sem pausas o nosso trabalho sistemático, e quando menos esperarmos, e surgirem esses imprevistos, tanto maiores serão as possibilidades de não nos deixarmos pegar desprevenidos por nenhuma “reviravolta histórica”.

Texto 2: V.I. Lenin. O Que Fazer? 1902

V. «PLANO» DE UM JORNAL POLÍTICO PARA TODA A RÚSSIA

«O maior erro do Iskra neste aspecto - escreve B. Kritchévski (R. D., n.º 10, p. 30), imputando-nos a tendência para “converter a teoria em doutrina morta, isolando-a da prática” - é o seu “plano” de uma organização de todo o partido» (isto é, o artigo Por onde Começar?142). E Martínov faz coro com ele, declarando que «a tendência do Iskra para minimizar a importância da marcha ascendente da cinzenta luta quotidiana em comparação com a propaganda de ideias brilhantes e acabadas ..., foi coroada pelo plano de organização do partido, plano que nos é oferecido no n.º 4, no artigo Por onde Começar?». (Ibid., p. 61.) Finalmente, há pouco juntou-se ao número dos indignados contra este «plano» (as aspas têm a intenção de exprimir a ironia com que o acolhe) L. Nadéjdine, que, num folheto que acabamos de receber, Em Vésperas da Revolução (editado pelo «grupo revolucionário-socialista» Svoboda, que já conhecemos), declara que «falar neste momento de uma organização cujos fios nasçam de um jornal para toda a Rússia é produzir ideias de gabinete e trabalho de gabinete» (p. 126), é dar provas de «literatismo», etc.

Não pode surpreender-nos a coincidência do nosso terrorista com os defensores da «marcha ascendente da cinzenta luta quotidiana», pois já vimos, nos capítulos sobre a política e sobre a organização, as raízes desta afinidade. Mas devemos observar, desde já, que L. Nadéjdine, e só ele, procurou honestamente penetrar na linha do pensamento do artigo que lhe desagradou; procurou dar-lhe uma resposta a fundo, enquanto a Rab. Dielo nada disse em essência e apenas procurou embrulhar a questão, amontoando indignas saídas demagógicas. E, por mais desagradável que seja, é preciso perder tempo a limpar previamente os estábulos de Augias.

a) QUEM SE OFENDEU COM O ARTIGO «POR ONDE COMEÇAR?»

Vamos fazer um ramalhete com as expressões e exclamações com que a Rab. Dielo se lança contra nós. «Não é um jornal que pode criar a organização do partido, mas precisamente o contrário»... «Um jornal que se encontra acima do partido, fora do seu controlo e que não dependa dele por ter a sua própria rede de agentes»... «Por obra de que milagre esqueceu o Iskra as organizações sociais-democratas, já existentes de facto, do partido a que ele próprio pertence?»... «Pessoas que possuem firmes princípios e um plano correspondente são também os reguladores supremos da luta real do partido, ao qual ditam a execução do seu plano»... «O plano relega as nossas organizações, reais e vitais, para o reino das sombras e quer dar vida a uma fantástica rede de agentes»... «Se o plano do Iskra fosse levado à prática, apagaria completamente as marcas do Partido Operário Social Democrata da Rússia, que se vem formando no nosso país»... «Um órgão de propaganda subtrai-se ao controle e converte-se em legislador absoluto de toda a luta revolucionária prática»... «Que atitude deve tomar o nosso partido face à sua submissão total a uma redacção autónoma?», etc., etc. O conteúdo e o teor destas citações, como vê o leitor, mostram que a Rab. Dielo se sente ofendida. Não é em si própria, porém, que se sente

ofendida, mas pelas organizações e comitês do nosso partido que o Iskra quer relegar, segundo pretende o dito órgão, para o reino das sombras e até apagar as suas marcas. Que horror, imaginem! Mas há uma coisa estranha. O artigo *Por onde Começar?* apareceu em Maio de 1901 e os artigos da R. Dielo em Setembro de 1901; agora estamos já em meados de Janeiro de 1902. Durante estes cinco meses (tanto antes como depois de Setembro) nem um só comitê, nem uma só organização do partido protestou formalmente contra este monstro que quer relegar os comitês e organizações para o reino das sombras! E há que fazer constar que durante este período apareceram, quer no Iskra, quer em numerosas outras publicações, locais e não locais, dezenas e centenas de comunicações de todos os confins da Rússia. Como pôde acontecer que as organizações que se quer relegar para o reino das sombras não se tenham apercebido disso nem se tenham sentido ofendidas, e que, em contrapartida, se tenha ofendido uma terceira pessoa?

Isto sucedeu porque os comitês e as restantes organizações estão ocupados por um trabalho autêntico e não a brincar à «democracia». Os comitês leram o artigo *Por onde Começar?*, viram nele uma tentativa «de elaborar certo plano da organização, para que possa iniciar-se a sua estruturação por toda a parte», e, tendo-se apercebido perfeitamente de que nem uma só de «todas essas partes» pensará «iniciar a estruturação» antes de se convencer da sua necessidade e de que o plano arquitetónico é justo, naturalmente não pensaram em «ofender-se» com a terrível ousadia dos que disseram no Iskra: «Dada a urgência da questão decidimos, pelo nosso lado, submeter à atenção dos camaradas um esboço do plano que desenvolveremos em pormenor numa brochura cuja impressão está a ser preparada.» Parece possível que não se compreenda, se é que se adota uma atitude honesta em relação a este problema, que se os camaradas aceitam o plano proposto à sua atenção não o executarão por «subordinação», mas por estarem convencidos de que é necessário para a nossa obra comum e que, caso não o aceitem, o «esboço» (que palavra tão pretensiosa, não é verdade?) não passará de um simples esboço? Não será demagogia arremeter contra o esboço do plano não só «demolindo-o» e aconselhando os camaradas a rejeitá-lo, mas ainda instigando pessoas pouco experimentadas no trabalho revolucionário contra os autores do esboço, pelo simples facto de estes se atreverem a «legislar», a agir como «reguladores supremos», isto é, porque eles se atrevem a propor um esboço do plano?? Pode o nosso partido desenvolver-se e andar para a frente se a tentativa de elevar os militantes locais, para que tenham ideias, tarefas, planos, etc., mais amplos, tropeça não só com a objecção de que estas ideias são incorretas, mas também com um sentimento de «ofensa» pelo facto de se «querer» «elevar» esses militantes? Porque também L. Nadéjdine «demoliu» o nosso plano, mas não se rebaixou a semelhante demagogia, que já não pode ser explicada apenas pela candura ou pelo carácter primitivo das concepções políticas; repudiou resolutamente e desde o início a acusação de «fiscalizar o partido». Por esta razão, podemos e devemos responder a fundo à crítica que Nadéjdine faz ao plano, enquanto à Rab. Dielo só se pode responder com o desprezo.

Mas desprezar um autor que se rebaixa ao ponto de gritar sobre «autocracia» e «subordinação» não nos dispensa do dever de desfazer a confusão face à qual esta gente coloca o leitor. E aqui podemos mostrar a todos, com toda a clareza, que valor têm as habituais frases sobre uma «ampla democracia». Acusam-nos de esquecer os comitês, de querer ou de tentar relegá-los para o reino das sombras, etc. Como responder a estas acusações quando, por razões de secretismo, não podemos expor ao leitor quase nenhum facto real das nossas relações efetivas com os comitês? Os que lançam uma acusação tão ousada, capaz de irritar a multidão, têm sobre nós a vantagem da sua desfaçatez, do seu desdém pelos deveres do revolucionário, que oculta cuidadosamente aos olhos do mundo as relações ou ligações que tem, que estabelece ou procura estabelecer. Naturalmente, renunciamos, de uma vez para sempre, a competir com pessoas deste quilate no campo da «democracia». Quanto ao leitor não iniciado em todos os assuntos do partido, o único meio para cumprir o nosso dever para com ele é expor, não o que existe e o que se encontra *im Werden* [em processo de formação], mas uma pequena parte do que se passou, e da qual se pode falar porque pertence ao passado.

O Bund faz alusão à nossa «impostura». A «União» no estrangeiro acusa-nos de tentar apagar as marcas do partido. Um momento, senhores! Ficareis plenamente satisfeitos quando expusermos ao público quatro factos do passado.

Primeiro fato. Os membros de uma das «Unões de Luta» que tiveram uma participação direta na formação do nosso partido e no envio de um delegado ao congresso que o fundou entram em acordo com um dos membros do grupo do Iskra para fundar uma biblioteca operária especial, com o objetivo de atender às necessidades de todo o movimento. Não se consegue fundar a biblioteca operária, e as brochuras escritas para ela. As *Tarefas dos Sociais-Democratas Russos* e *A Nova Lei das Fábricas* vão parar por caminhos indiretos e através de terceiras pessoas ao estrangeiro, onde são publicadas.

Segundo fato. Os membros do Comitê Central do Bund dirigem-se a um dos membros do grupo do Iskra com a proposta de organizar em conjunto o que então o Bund chamava «um laboratório de literatura», indicando que se não se conseguisse levar à prática o projeto o nosso movimento podia vir a sofrer um sério retrocesso. O resultado destas conversações foi a brochura A Causa Operária na Rússia.

Terceiro fato. O Comitê Central do Bund, por intermédio de uma pequena cidade de província, dirige-se a um dos membros do grupo do Iskra propondo-lhe que se encarregue da direção do Rabótchaia Gazeta, que devia retomar a sua publicação, e obtém imediatamente a sua concordância. Mais tarde, modifica a proposta: trata-se apenas de colaborar, devido a uma nova composição da redacção. Claro que também se concorda com isto. Envia-se os artigos (que se conseguiu conservar): O Nosso Programa, protestando diretamente contra a bernsteiniada, contra a viragem da literatura legal e do Rabótchaia Misl; A Nossa Tarefa Imediata («a organização de um órgão do partido que apareça com regularidade e estreitamente ligado a todos os grupos locais»; os defeitos do «trabalho artesanal» imperante); Um Problema Vital (analisando a objecção de que se deveria, em primeiro lugar, desenvolver a atividade dos grupos locais antes de dar início à organização de um órgão comum; insistindo na importância primordial da «organização revolucionária», na necessidade de «elevar a organização, a disciplina e a técnica da conspiração ao mais alto grau de perfeição»). A proposta para retomar a publicação do Rabótchaia Gazeta não se chega a realizar e os artigos ficam por publicar.

Quarto fato. Um membro do Comité organizador do II congresso ordinário do nosso partido comunica a um dos membros do grupo do Iskra o programa do congresso e apresenta a candidatura desse grupo para a redacção do Rabótchaia Gazeta, que devia retomar a sua publicação. Esta diligência, por assim dizer, preliminar, é depois sancionada tanto pelo comité a que a referida pessoa pertencia como pelo Comité Central do Bund; o grupo do Iskra é informado do local e data do congresso, mas o grupo (não tendo, por determinados motivos, a certeza de poder enviar um delegado a este congresso) redige também um relatório escrito para o mesmo. No referido relatório defende-se a ideia de que apenas com a eleição de um Comité Central, longe de se resolver o problema da unificação num momento de completa fragmentação como o atual, corremos, pelo contrário, o risco de comprometer a grande ideia da criação do partido, no caso de se verificar novamente uma rápida e completa vaga de prisões, coisa mais do que provável quando reina a falta de secretismo; de que, por isso, se devia começar por convidar todos os comités e todas as demais organizações a apoiar o órgão comum quando reiniciasse a sua publicação, órgão que realmente vincularia todos os comités através de uma ligação efetiva e prepararia realmente um grupo de dirigentes de todo o movimento; - e depois os comités e o partido poderiam já facilmente transformar este grupo criado pelos comités num Comité Central, quando esse grupo se tivesse desenvolvido e fortalecido. O congresso, porém, não se pôde reunir devido a uma série de detenções, e, por razões conspirativas, destruiu-se o relatório, que só alguns camaradas, entre eles os delegados de um comité, tiveram ocasião de ler.

Julgue agora o leitor por si mesmo o carácter de métodos como a alusão do Bund a uma impostura ou o argumento da Rab. Dielo, que pretende que queremos relegar os comités para o reino das sombras, «substituir» a organização do partido por uma organização para a difusão das ideias de um só jornal. Sim, precisamente perante os comités, depois de inúmeros convites feitos por eles, apresentámos relatórios sobre a necessidade de se adoptar um determinado plano de trabalho comum. E precisamente para a organização do partido elaborámos esse plano nos nossos artigos enviados ao Rabótchaia Gazeta e no relatório para o congresso do partido e repetimos que o fizemos a convite de pessoas que ocupavam no partido uma posição tão influente que tomavam a iniciativa de o reconstruir (de facto). E só quando fracassaram as duas tentativas que a organização do partido, em conjunto connosco, fez para reiniciar oficialmente a publicação do órgão central do partido julgámos que era nosso dever iniludível apresentar um órgão não oficial, a fim de que, à terceira tentativa, os camaradas vissem já alguns resultados da experiência e não meras conjecturas. Agora todos podem já observar certos resultados dessa experiência, e todos os camaradas podem julgar se compreendemos com acerto qual era o nosso dever e a opinião que merecem as pessoas que, despeitadas por termos mostrado a uns a sua inconsequência em relação à questão «nacional» e a outros a inadmissibilidade das suas vacilações sem princípios, procuram induzir em erro as pessoas que desconhecem o passado mais recente.

b) PODE UM JORNAL SER UM ORGANIZADOR COLECTIVO?

A chave do artigo *Por onde Começar?* é pôr precisamente esta questão e resolvê-la pela afirmativa. A única pessoa que, pelo que conhecemos, tentou analisar a questão quanto ao fundo e provar a necessidade de a resolver de modo negativo foi L. Nadéjine, cujos argumentos reproduzimos na íntegra:

« ... Muito nos agrada que o Iskra (nº 4) coloque a questão da necessidade de um jornal para toda a Rússia, mas não podemos de maneira alguma estar de acordo que esta maneira de pôr o problema corresponda ao título do artigo *Por onde Começar?*. É sem dúvida um dos assuntos de extrema importância, mas não é com isso, nem com toda uma série de panfletos populares, nem com uma montanha de proclamações que se podem criar os fundamentos de uma organização de combate para um momento revolucionário. É indispensável começar a formar fortes organizações políticas locais. Não as temos, o nosso trabalho desenvolveu-se sobretudo entre os operários cultos, enquanto as massas travavam quase exclusivamente a luta económica. Se não se educam fortes organizações políticas locais, que valor poderia ter um jornal para toda a Rússia, mesmo que esteja excelentemente organizado? Uma sarça ardente que arde sem se consumir, mas que a ninguém transmite o seu fogo! O Iskra crê que em torno desse jornal, no trabalho para ele, se concentrará o povo, se organizará. Mas como lhe é muito mais fácil concentrar-se e organizar-se em torno de um trabalho mais concreto! Este trabalho pode e deve ser o de organizar jornais locais em vasta escala, o de preparar imediatamente as forças operárias para manifestações, o de levar as organizações locais a trabalhar constantemente entre os desempregados (difundindo persistentemente entre eles folhas volantes e panfletos, convocando-os para reuniões, exortando-os à resistência ao governo, etc.). É preciso dar início a um trabalho político vivo no plano local, e quando surgir a necessidade de unificação nesta base real, a união não será algo de artificial, não ficará no papel. Porque não é com jornais que se conseguirá esta unificação do trabalho local numa obra comum a toda a Rússia! (Em *Vésperas da Revolução*, p. 54.)

Sublinhamos nesta tirada eloquente as passagens que permitem apreciar com maior relevo tanto a opinião errada do autor sobre o nosso plano, como, em geral, o falso ponto de vista que ele opõe ao Iskra. Se não se educam fortes organizações políticas locais, não terá valor o melhor jornal destinado a toda a Rússia. Completamente justo. Mas trata-se precisamente de que não existe outro meio para educar fortes organizações políticas senão um jornal para toda a Rússia. O autor não notou a declaração mais importante do Iskra, feita antes de passar a expor o seu «plano»: a declaração de que era necessário «apelar para a formação de uma organização revolucionária capaz de unir todas as forças e de dirigir o movimento, não só de uma maneira nominal, mas na realidade, quer dizer, capaz de estar sempre disposta a apoiar todo o protesto e toda a explosão, aproveitando-os para multiplicar e robustecer as forças de combate aptas para a batalha decisiva».

Mas agora, depois de Fevereiro e Março, todos estarão em princípio de acordo com isso - continua o Iskra -, e o que nós precisamos não é de resolver o problema em princípio, mas sim na prática; é necessário estabelecer imediatamente um plano determinado para a construção, para que todos possam, agora mesmo e de todos os lados, iniciar a construção. E eis aqui que nos arrastam mais uma vez da solução prática do problema para trás, para uma verdade em princípio justa, incontestável, grande, mas completamente insuficiente, completamente incompreensível para as grandes massas trabalhadoras: para a «educação de fortes organizações políticas»! Mas não é disso que se trata, respeitável autor, mas de como, precisamente, há que educar, e educar com êxito!

Não é verdade que o «nosso trabalho se desenvolveu sobretudo entre os operários cultos, enquanto as massas travavam quase exclusivamente a luta económica». Sob esta forma, a tese desvia-se para a tendência, habitual no Svoboda e radicalmente errada, de opor os operários cultos à «massa». Pois, nestes últimos anos, também os operários cultos do nosso país travaram «quase exclusivamente a luta económica». Isto, por um lado. Por outro, tão pouco as massas aprenderão jamais a travar a luta política enquanto nós não ajudarmos a formação dos dirigentes para esta luta, procedentes tanto dos operários cultos como dos intelectuais; e estes dirigentes podem formar-se, exclusivamente, iniciando-se na apreciação sistemática e quotidiana de todos os aspectos da nossa vida política; de todas as tentativas de protesto e de luta das diferentes classes e por diferentes motivos. Por isso, falar de «educar organizações políticas» e, ao mesmo tempo, opor o «trabalho da papelada» de um jornal político ao «trabalho político vivo no plano local» é simplesmente ridículo! Mas se o Iskra adapta precisamente o seu «plano» de um jornal ao «plano» de criar uma «preparação combativa» que possa apoiar tanto um movimento de desempregados, um levantamento de camponeses, como o descontentamento dos zémsti, «a indignação da população contra os bachibuzuques tsaristas cheios de soberba», etc. Além disso, qualquer pessoa familiarizada com o movimento sabe muito bem que a imensa maioria das organizações locais nem sequer pensa nisto; que muitas das perspectivas aqui esboçadas de «um trabalho político vivo» não foram aplicadas na prática nem uma só vez por nenhuma organização; que, por

exemplo, a tentativa para chamar a atenção para o recrudescimento do descontentamento e dos protestos entre os intelectuais dos zemstvos origina um sentimento de confusão e perplexidade tanto em Nadéjdine («Meu Deus! mas será esse órgão para os zémstsi?» Em *Vésperas*, p. 129) como nos «economistas» (ver a carta no nº 12 do *Iskra*), como em muitos militantes práticos. Nestas condições, pode-se unicamente «começar» por incitar as pessoas a pensar em tudo isto, a resumir e sintetizar todos e cada um dos indícios de efervescência e de luta ativa. Em momentos destes, em que se rebaixa a importância das tarefas sociais-democratas, o «trabalho político ativo» só pode iniciar-se exclusivamente por uma agitação política viva, coisa impossível sem um jornal para toda a Rússia, que apareça frequentemente e se difunda com regularidade.

Aqueles que consideram o «plano» do *Iskra* como uma manifestação de «literatismo» não compreenderam de modo algum a própria essência do plano, tomando como fim o que se propõe como meio mais adequado para o momento presente. Esta gente não se deu ao trabalho de refletir sobre duas comparações que ilustram claramente o plano proposto. A organização de um jornal político para toda a Rússia - escrevia-se no *Iskra* - deve ser o fio fundamental, seguindo o qual podemos invariavelmente desenvolver, aprofundar e alargar esta organização (isto é, a organização revolucionária, sempre disposta a apoiar todo o protesto e toda a explosão). Façam o favor de nos dizer: quando os pedreiros colocam em diferentes pontos as pedras de um edifício enorme e sem precedentes, será um trabalho «de papelada» esticar um fio que os ajuda a encontrar o lugar justo para as pedras, que lhes indica a finalidade da obra comum, que lhes permite colocar não só cada pedra, mas mesmo cada bocado de pedra, que, ao somar-se aos precedentes e aos seguintes, formará a linha acabada e total? E não vivemos nós, por acaso, um momento desta índole na nossa vida de partido, quando temos pedras e pedreiros, mas nos falta precisamente o fio, visível a todos e pelo qual todos se podem guiar? Não importa que gritem que, ao esticarmos o fio, o que queremos é mandar: se assim fosse, senhores, poríamos *Rabótcaia Gazeta* nº 3 em vez de *Iskra* nº 1, como nos propuseram alguns camaradas e como teríamos pleno direito de fazer depois dos acontecimentos atrás relatados. Mas não o fizemos; queríamos ter as mãos livres para desenvolver uma luta intransigente contra todo o tipo de pseudo sociais-democratas; queríamos que o nosso fio, se está justamente esticado, fosse respeitado pela sua justeza, e não por ter sido esticado por um órgão oficial.

«A questão de unificar as atividades locais em órgãos centrais move-se num círculo vicioso – diz-nos sentenciosamente L. Nadéjdine - a unificação requer homogeneidade de elementos, e esta homogeneidade não pode ser criada senão por um aglutinador, mas este aglutinador só pode aparecer como produto de fortes organizações locais, que, neste momento, não se distinguem de maneira alguma pela sua homogeneidade.»

Verdade tão respeitável e tão incontestável como a de que é necessário educar fortes organizações políticas. E não menos estéril do que esta. Toda a questão «se move num círculo vicioso», pois toda a vida política é uma cadeia sem fim, composta de uma série infinita de elos. Toda a arte de um político consiste precisamente em encontrar e agarrar-se com força precisamente ao elozinho que menos lhe possa ser arrancado das mãos, que seja o mais importante num dado momento e que melhor garanta ao seu possuidor a posse de toda a cadeia. Se tivéssemos um destacamento de pedreiros experimentados, que trabalhassem de modo tão harmónico que, mesmo sem o fio, pudessem colocar as pedras precisamente onde é necessário (falando abstratamente isto não é de modo algum impossível), poderíamos talvez agarrarmo-nos também a um outro elo. Mas a infelicidade consiste precisamente em ainda termos necessidade de pedreiros experimentados e que trabalhem de modo tão harmónico, em as pedras serem colocadas frequentemente ao acaso, sem serem alinhadas pelo fio comum, de forma tão desordenada que o inimigo as dispersa com um sopro como se fossem grãos de areia e não pedras.

Outra comparação: «O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Neste último sentido, pode ser comparado aos andaimes que se levantam à volta de um edifício em construção, marcando-lhe os contornos, facilitando as comunicações entre os construtores, ajudando-os a repartir entre si o trabalho e a observarem os resultados gerais alcançados pelo trabalho organizado.» Isto faz pensar - não é verdade? - no literato, no homem de gabinete, exagerando a importância do seu papel. Os andaimes não são imprescindíveis para a própria casa: são feitos com um material de qualidade inferior, são utilizados durante um período relativamente curto e lançados ao fogo uma vez terminado o edifício, ainda que apenas nas suas grandes linhas. No que diz respeito à construção de organizações revolucionárias, a experiência mostra que se podem, por vezes, construir sem andaimes (recordai a década de 70). Mas agora não podemos sequer imaginar a possibilidade de construir sem andaimes o edifício de que temos necessidade.

Nadéjdine não está de acordo com isto e diz: «O Iskra crê que em torno desse jornal, no trabalho para ele, se concentrará o povo, se organizará. Mas como lhe é muito mais fácil concentrar-se e organizar-se em torno de um trabalho mais concreto!»

Claro, claro: «mais fácil concentrar-se e organizar-se em torno de um trabalho mais concreto» ... Um provérbio russo diz: Não cuspas no poço, que da sua água terás de beber. Mas há pessoas que não se importam de beber de um poço em cuja água já se cuspiu. Em nome deste carácter mais concreto, quantas infâmias não disseram e escreveram os nossos notáveis «críticos» legais do «marxismo» e os admiradores ilegais do Rabótchaia Misl! Até que ponto está todo o nosso movimento abafado pela nossa estreiteza de vistas, pela nossa falta de iniciativa e pela nossa timidez, justificada com os argumentos tradicionais: «Muito mais fácil... em torno de um trabalho mais concreto!» E Nadéjdine, que se considera dotado de um sentido especial da «vida», que condena com singular severidade os homens de «gabinete», que imputa ao Iskra (com pretensões de sagacidade) a debilidade de ver o «economismo» em toda a parte, que imagina estar muito acima desta divisão em ortodoxos e críticos, não nota que com os seus argumentos favorece a estreiteza de vistas que o indigna e bebe a água do poço em que mais se cuspiu! Sim, não basta a indignação mais sincera contra a estreiteza de vistas, o desejo mais ardente de elevar as pessoas que se curvam perante ela, se o que se indigna anda à deriva, sem velas e sem leme, e se, tão «espontaneamente» como os revolucionários da década de 70, se aferra ao «terror excitante», ao «terror agrário», ao «toque a rebate», etc. Vede em que consiste esse algo «mais concreto» em torno do qual, pensa ele, «será muito mais fácil» concentrar-se e organizar-se: 1) jornais locais; 2) preparação de manifestações; 3) trabalho entre os desempregados. Ao primeiro olhar se vê que todas estas coisas são tomadas completamente ao acaso, unicamente para se dizer alguma coisa, porque, qualquer que seja a forma com que forem consideradas, seria uma total incongruência encontrar nelas o quer que seja de especialmente capaz de «concentrar e organizar». E o próprio Nadéjdine diz algumas páginas mais à frente: «Já é tempo de deixar claramente assente um facto: na base faz-se um trabalho extremamente mesquinho, os comités não fazem um décimo do que poderiam fazer... os centros de unificação que temos atualmente são uma ficção, burocracia revolucionária, promoção recíproca a general, e assim continuarão as coisas enquanto não se desenvolverem fortes organizações locais.» Não há dúvida que estas palavras, ao mesmo tempo que exageros, encerram muitas e amargas verdades; e será que Nadéjdine não vê a ligação que existe entre o trabalho mesquinho na base e o estreito horizonte dos militantes, o reduzido alcance das suas atividades, coisas inevitáveis dada a pouca preparação dos militantes confinados nos limites das organizações locais? Terá Nadéjdine, tal como o autor do artigo sobre organização publicado no Svoboda, esquecido que a passagem a uma ampla imprensa local (desde 1898) foi acompanhada de uma intensificação especial do «economismo» e do «trabalho artesanal»? Além disso, mesmo que fosse possível uma organização mais ou menos satisfatória de «uma abundante imprensa local» (e já demonstramos mais atrás que, salvo casos muito excepcionais, isto era impossível), mesmo nesse caso, os órgãos locais tão pouco poderiam «concentrar e organizar» todas as forças dos revolucionários para uma ofensiva geral contra a autocracia, para dirigir a luta única. Não esqueçais que aqui só se trata do alcance «concentrador», organizador, do jornal, e poderíamos fazer a Nadéjdine, defensor da fragmentação, a mesma pergunta irónica que ele faz: «Será que herdámos, de qualquer parte, uma força de 200 000 organizadores revolucionários?» Prossigamos. Não se pode contrapor a «preparação de manifestações» ao plano do Iskra, pela simples razão de este plano dizer precisamente que as manifestações mais amplas são um dos seus fins, mas do que se trata é de escolher o meio prático. Aqui mais uma vez Nadéjdine se enredou, não vendo que só um exército já «concentrado e organizado» pode «preparar» manifestações (que até agora, na imensa maioria dos casos, têm sido completamente espontâneas), e que o que precisamente não sabemos é concentrar e organizar. «Trabalho entre os desempregados.» Sempre a mesma confusão, porque isto também representa uma das ações militares de um exército mobilizado e não um plano para mobilizar esse exército. O caso seguinte demonstra até que ponto Nadéjdine subestima, também neste sentido, o prejuízo que nos causa a fragmentação, a falta entre nós de uma «força de 200 000 organizadores».

Muitos (e entre eles Nadéjdine) censuram o Iskra pela parcimónia de notícias sobre o desemprego, pelo carácter casual das crónicas sobre os fenómenos mais habituais da vida rural. É uma censura merecida, mas o Iskra é «culpado sem ter culpa.» Nós procurámos «esticar um fio» também através da aldeia, mas no campo quase não há pedreiros e há forçosamente que encorajar todo aquele que nos comunique mesmo os factos mais habituais, na esperança de que isto multiplicará o número de colaboradores neste terreno e nos ensinará a todos a escolher, finalmente, os factos realmente relevantes. Mas há tão pouco material de ensino que, se não o sintetizamos à escala de toda a Rússia, não há absolutamente nada que aprender. Não há dúvida que um homem que tenha, mesmo que seja aproximadamente, as aptidões de agitador e o conhecimento da

vida dos vagabundos que observamos em Nadéjdine poderia, com a agitação entre os desempregados, prestar inestimáveis serviços ao movimento; mas um homem desta índole enterraria o seu talento se não tivesse o cuidado de manter todos os camaradas russos ao corrente de todos os pormenores da sua atuação para servir de ensinamento e de exemplo às pessoas que, na sua imensa maioria, não sabem ainda iniciar este novo trabalho.

Todos sem exceção falam hoje da importância da unificação, da necessidade de «concentrar e organizar», mas a maior parte das vezes não têm uma noção exata de por onde começar e de como realizar esta unificação. Todos estarão certamente de acordo em que «se unificássemos» os círculos isolados - digamos, de bairro - de uma cidade seriam necessários para isso organismos comuns, isto é, não só a denominação comum de «união» mas um trabalho realmente comum, um intercâmbio de materiais, de experiência, de forças, uma distribuição de funções, não já só por bairros mas segundo as especialidades de todo o trabalho urbano. Todos estarão de acordo em que um sólido aparelho conspirativo não cobrirá os seus gastos (se é que se pode utilizar uma expressão comercial) com os «recursos» (subentende-se que tanto materiais como pessoais) de um único bairro e que o talento de um especialista não se poderá desenvolver num campo de ação tão reduzido. O mesmo se poderá dizer, entretanto, também da união de várias cidades, porque, como mostrou a história do nosso movimento social-democrata, mesmo o campo de ação de uma localidade isolada se mostra e já se mostrou enormemente estreito: provámo-lo mais atrás pormenorizadamente com o exemplo da agitação política e do trabalho de organização. E necessário, é incondicionalmente necessário, antes de mais, alargar este campo de ação, criar uma ligação efetiva de união entre as cidades, com base num trabalho regular e comum, porque o fraccionamento deprime as pessoas que «estão metidas num buraco» (expressão do autor de uma carta dirigida ao Iskra), sem saber o que se passa no mundo, com quem têm de aprender, como adquirir experiência de modo a satisfazer o seu desejo de uma ampla atividade. E eu continuo a insistir que esta ligação efetiva de união só pode começar a ser criada com base num jornal comum que seja, para toda a Rússia, a única empresa regular nacional a fazer o balanço de toda a atividade, nos seus aspectos mais variados, incitando dessa maneira as pessoas a seguir infatigavelmente para a frente, por todos os numerosos caminhos que levam à revolução, como todos os caminhos levam a Roma. Se queremos a unificação não só em palavras, é necessário que cada círculo local dedique imediatamente, suponhamos um quarto das suas forças, a um trabalho ativo para a obra comum. E o jornal mostra-lhe imediatamente os contornos gerais, as proporções e o carácter da obra; mostra-lhe quais são as lacunas que mais se notam em toda a atividade geral da Rússia, onde é que não existe agitação, onde são débeis as ligações, quais são as engrenagens do enorme maquinismo geral que este ou aquele círculo poderia reparar ou substituir por outras melhores. Um círculo que ainda não tenha trabalhado e que não procura senão trabalho poderia começar já, não como artesão na sua pequena oficina isolada e que não conhece nem o desenvolvimento da «indústria» anterior a ele nem o estado geral de determinadas formas de produção industrial, mas como colaborador de uma vasta empresa, que reflete todo o impulso revolucionário geral contra a autocracia. E quanto mais perfeita for a preparação de cada engrenagem isolada, quanto mais numerosos fossem os trabalhadores isolados que participam na obra comum, tanto mais apertada seria a nossa rede e tanto menos perturbações nas nossas fileiras provocariam as inevitáveis prisões.

A ligação efetiva começaria já a ser criada através da simples função de difusão do jornal (se ele merecesse realmente tal título, isto é, se aparecesse regularmente, umas quatro vezes por mês, e não uma vez por mês como as revistas volumosas). Atualmente são raríssimas, e em todo o caso uma exceção, as relações entre as cidades sobre assuntos revolucionários; então essas relações converter-se-iam em regra e, naturalmente, assegurariam não só a difusão do jornal, mas também (o que é muito mais importante) o intercâmbio de experiência, de materiais, de forças e de recursos. Imediatamente o trabalho de organização ganharia uma envergadura muito maior, e o êxito alcançado numa localidade encorajaria constantemente o aperfeiçoamento do trabalho e o aproveitamento da experiência já adquirida por um camarada que atua noutra extremo do país. O trabalho local seria muito mais rico e variado do que é atualmente; as denúncias políticas e económicas que se recolhessem por toda a Rússia alimentariam intelectualmente os operários de todas as profissões e de todos os graus de desenvolvimento, forneceria dados e ocasião para conversas e leituras sobre os mais variados problemas, suscitados, além disso, pelas alusões feitas pela imprensa legal, pelas conversas em sociedade e os «tímidos» comunicados do governo. Cada explosão, cada manifestação, seria apreciada e discutida em todos os seus aspectos e em todos os confins da Rússia, fazendo surgir o desejo de não ficar para trás, de fazer melhor que os outros (nós, os socialistas, não excluimos de modo nenhum toda a emulação, toda a «concorrência», em geral!), de preparar conscientemente o que da primeira vez se tinha feito

até certo ponto espontaneamente, de aproveitar as condições favoráveis de uma determinada localidade ou de um determinado momento para modificar o plano de ataque, etc. Ao mesmo tempo, esta reanimação do trabalho local não acarretaria a desesperada tensão «agónica» de todas as forças, nem a mobilização de todos os homens, como sucede frequentemente agora, quando há que organizar uma manifestação ou publicar um número de um jornal local: por um lado, a polícia tropeçaria com muito maiores dificuldades para chegar até «à raiz», já que não se saberia em que localidade haveria que procura-la; por outro, um trabalho comum e regular ensinaria os homens a fazer concordar em cada caso concreto a força de um ataque com o estado de forças deste ou daquele destacamento do exército comum (hoje quase ninguém pensa, em parte alguma, nesta coordenação porque nove décimos dos ataques se produzem espontaneamente), e facilitaria o «transporte» de um lugar para outro não só das publicações, mas também das forças revolucionárias.

Atualmente, na maior parte dos casos, estas forças são sangradas no estreito trabalho local; então ter-se-ia possibilidade e ocasiões constantes para transferir um agitador ou organizador mais ou menos capaz de um extremo para o outro do país. Começando com uma pequena viagem para tratar de assuntos do partido e à custa do partido, os militantes habituar-se-iam a viver inteiramente por conta do partido, a tornar-se revolucionários profissionais, a formar-se como verdadeiros chefes políticos.

E se realmente conseguíssemos que todos, ou uma maioria considerável dos comités, grupos e círculos locais empreendessem ativamente o trabalho comum, poderíamos, num futuro muito próximo, estar em condições de publicar um semanário que se difundisse regularmente em dezenas de milhares de exemplares por toda a Rússia. Este jornal seria uma parte de um gigantesco fole de uma forja que aticasse cada centelha da luta de classes e da indignação do povo, convertendo-a num grande incêndio. Em torno deste trabalho, em si muito inofensivo e muito pequeno ainda, mas regular e comum no pleno sentido da palavra, concentrar-se-ia sistematicamente e instruir-se-ia o exército permanente de lutadores experimentados. Sobre os andaimes desta obra comum de organização rapidamente veríamos subir e destacar-se, de entre os nossos revolucionários, os Jeliábov sociais-democratas; de entre os nossos operários, os Bebel russos, que se poriam à cabeça do exército mobilizado e levantariam todo o povo para acabar com a ignomínia e a maldição da Rússia. É com isto que é preciso sonhar!

* * *

«É preciso sonhar!» Escrevi estas palavras e assustei-me. Imaginei-me sentado no «congresso de unificação», tendo à minha frente os redatores e colaboradores da Rabótcie Dielo. E eis que se levanta o camarada Martínov e, em tom ameaçador, dirige-se-me: «Permita-me que lhe faça uma pergunta: tem ainda a redacção autónoma o direito de sonhar sem prévio referendo dos comités do partido?» Atrás dele levanta-se o camarada Kritchévski e (aprofundando filosoficamente o camarada Martínov, que, há muito tempo já, tinha aprofundado o camarada Plekhánov), num tom ainda mais ameaçador, continua: «Eu vou ainda mais longe, e pergunto se em geral um marxista tem o direito de sonhar, se não esquece que, segundo Marx, a humanidade sempre pôs perante si tarefas realizáveis, e que a táctica é um processo de crescimento das tarefas, que crescem com o partido.»

Só de pensar nestas perguntas ameaçadoras sinto calafrios, e não penso senão numa coisa: onde me esconder. Tentarei esconder-me atrás de Píssarev.

Há desacordos e desacordos - escrevia Píssarev sobre o desacordo entre os sonhos e a realidade. Os meus sonhos podem ultrapassar o curso natural dos acontecimentos ou podem desviar-se para um lado onde o curso natural dos acontecimentos não pode nunca chegar. No primeiro caso, os sonhos não produzem nenhum dano, e podem até apoiar e reforçar as energias do trabalhador... Em sonhos desta índole, nada existe que possa deformar ou paralisar a força do trabalho. Bem pelo contrário. Se o homem estivesse completamente privado da capacidade de sonhar assim, se não pudesse de vez em quando adiantar-se e contemplar em imaginação o quadro inteiramente acabado da obra que se esboça entre as suas mãos, eu não poderia, de maneira alguma, compreender que móbil levaria o homem a iniciar e levar a seu termo vastos e penosos empreendimentos nas artes, nas ciências e na vida prática... O desacordo entre os sonhos e a realidade nada tem de nocivo, sempre que a pessoa que sonhe acredite seriamente no seu sonho, observe atentamente a vida, compare as suas observações com os seus castelos no ar e, de uma maneira geral, trabalhe escrupulosamente para a realização das suas fantasias. Quando existe um contacto entre o sonho e a vida, tudo vai bem.»

Pois bem, sonhos desta natureza, infelizmente, são muito raros no nosso movimento. E a culpa recai sobretudo nos representantes da crítica legal e do «seguidismo» ilegal, que se gabam da sua ponderação, da sua «proximidade» do «concreto».

c) DE QUE TIPO DE ORGANIZAÇÃO PRECISAMOS?

Pelo que atrás se disse, o leitor pode ver que a nossa «táctica-plano» consiste em rejeitar o apelo imediato ao assalto, em exigir que se organize «o assédio regular à fortaleza inimiga», ou, por outras palavras, em exigir que todos os nossos esforços tenham como objetivo reunir, organizar e mobilizar um exército regular. Quando pusemos a ridículo a Rabótcheie Dielo por saltar do «economismo» aos gritos sobre a necessidade do assalto (gritos que irromperam impetuosamente em Abril de 1901, no nº 6 do Listok «R. Dielo», este órgão atacou-nos, como era natural, acusando-nos de «doutrinarismo», dizendo que não compreendíamos o dever revolucionário, que exortávamos à prudência, etc. Evidentemente, não estranhámos de modo nenhum estas acusações na boca de gente que, não tendo quaisquer princípios, se escapa com a profunda «táctica-processo»; como tão pouco estranhámos que esta acusação tenha sido repetida por Nadéjdine, que, em geral, manifesta o mais altivo desprezo pela firmeza dos princípios programáticos e táticos.

Diz-se que a história não se repete. Mas Nadéjdine empenha-se com todas as suas forças em repeti-la e imita zelosamente Tkatchov, denegrindo o «trabalho cultural revolucionário», vociferando sobre o «repicar dos sinos do vetche157», apregoando um «ponto de vista» especial «de vésperas da revolução», etc. Pelo que se vê, esquece a célebre frase que diz que se o original de um acontecimento histórico é uma tragédia, a sua cópia mais não é do que uma farsa.158 A tentativa de tomada do poder - tentativa preparada pela propaganda de Tkatchov e realizada pelo terror «intimidativo», e que realmente intimidava na sua época - era majestosa, enquanto, pelo contrário, o terror «excitante» deste Tkatchov em ponto pequeno é simplesmente ridículo; sobretudo, é ridículo quando se completa com a ideia de organizar os operários médios.

«Se o Iskra - escreve Nadéjdine - saísse da sua esfera de literatismo, veria que isto (fatos como a carta de um operário publicada no nº 7 do Iskra, etc.) são sintomas que provam que brevemente, muito brevemente, começará o “assalto”, e falar agora (sic!) de uma organização cujos fios nascem de um jornal para toda a Rússia é fomentar ideias de gabinete e trabalho de gabinete.»

Fixai-vos nesta confusão incrível: por um lado, terror excitante e «organização dos operários médios», juntamente com a ideia de que é «mais fácil» concentrar-se em torno de algo «mais concreto», por exemplo, em torno de jornais locais, e, por outro, falar «agora» de uma organização para toda a Rússia significa fomentar ideias de gabinete, isto é (empregando uma linguagem mais franca e simples), «agora» já é tarde! E para «a ampla organização de jornais locais» não é tarde, respeitabilíssimo L. Nadéjdine? Ao contrário comparemos com isto o ponto de vista e a táctica do Iskra: o terror excitante é uma tolice; falar em organizar precisamente os operários médios numa ampla organização de jornais locais significa escancarar as portas ao «economismo». É preciso falar de uma organização de revolucionários única para toda a Rússia e não será tarde falar dela até ao momento em que começar o verdadeiro assalto, e não um assalto no papel.

«Sim - continua Nadéjdine -, no que respeita a organização a nossa situação está muito longe de ser brilhante; sim, o Iskra tem toda a razão quando diz que o grosso das nossas forças de combate é constituído por voluntários e insurrectos... Está bem que tendes uma noção sóbria do estado das nossas forças. Mas porque esqueceis que a multidão não é de maneira nenhuma nossa e que, portanto, não nos perguntará quando deve abrir as hostilidades e lançar-se no “motim”. Quando a própria multidão começar a atuar com a sua força devastadora espontânea, então pode envolver e desalojar o “exército regular”, que sempre se pensou organizar de maneira extraordinariamente sistemática, mas que não houve tempo de fazer.» (Sublinhado por mim.) Estranha lógica! Precisamente porque a «multidão não é nossa», é insensato e indecente dar gritos de «assalto» imediato, já que o assalto é um ataque de um exército regular e não uma explosão espontânea da multidão. É precisamente porque a multidão pode envolver e desalojar o exército regular que se torna sem falta necessário que todo o nosso trabalho de «organização extraordinariamente sistemática» do exército regular ande a par do ascenso espontâneo, porque quanto mais conseguirmos esta organização, tanto mais provável será que o exército regular não seja envolvido pela multidão, mas marche à frente dela, à sua cabeça. Nadéjdine engana-se, porque imagina que este exército sistematicamente organizado se ocupa de coisas que o afastam da multidão, enquanto, na realidade, se ocupa exclusivamente de uma agitação política geral e multiforme, isto é, precisamente de um trabalho que aproxima e funde num todo a força destruidora espontânea da multidão e a força destruidora consciente da organização dos revolucionários. A verdade é que vós, senhores, lançais para o próximo as vossas próprias faltas, pois precisamente o grupo Svoboda, ao introduzir no programa o terror exorta desse modo à criação de uma organização de terroristas; e uma tal organização distrairia efetivamente

o nosso exército da sua aproximação da multidão, que infelizmente não é ainda nossa e infelizmente não nos pergunta, ou quase não nos pergunta ainda, como e quando deve abrir as hostilidades.

«Deixaremos passar despercebida a própria revolução - continua Nadéjdine assustando o Iskra -, como nos sucedeu com os acontecimentos atuais, que nos apanharam de surpresa.» Esta frase, relacionada com as que citámos mais atrás, demonstra-nos claramente o absurdo do «ponto de vista» especial «de vésperas da revolução» congeminado pelo Svoboda. Falando sem ambiguidades, o «ponto de vista» especial reduz-se a que «agora» já é tarde para deliberar e nos prepararmos. Mas neste caso, oh respeitabilíssimo inimigo do «literatismo»! para que escrever 132 páginas impressas sobre «questões de teoria 160 e de tática»? Não lhe parece que, do «ponto de vista de vésperas da revolução», seria mais adequada uma edição de 132 000 panfletos com um breve apelo: «A eles!»?

Corre precisamente menos riscos de deixar passar despercebida a revolução quem, como faz o Iskra, coloca no lugar principal do seu programa, de toda a sua tática, de todo o seu trabalho de organização, a agitação política entre todo o povo. As pessoas que, em toda a Rússia, estão ocupadas a entrançar os fios da organização que nasça de um jornal para toda a Rússia, longe de deixar passar despercebidos os acontecimentos da Primavera, deram-nos, pelo contrário, a possibilidade de os prever. Tão pouco deixaram passar despercebidas as manifestações descritas nos n.º 13 e 14 do Iskra, pelo contrário, participaram nelas, com perfeita consciência de que era seu dever acorrer em ajuda do ascenso espontâneo da multidão, contribuindo ao mesmo tempo, através do seu jornal, para que todos os camaradas russos conheçam estas manifestações e utilizem a sua experiência. E se continuarem vivos, não deixarão também passar despercebida a revolução que exigirá de nós, antes e acima de tudo, experiência em matéria de agitação, saber apoiar (apoiar de maneira social-democrata) todos os protestos, saber orientar o movimento espontâneo, preservando-o dos erros dos amigos e das ciladas dos inimigos!

Eis-nos chegados, pois, à última razão que nos força a insistir particularmente no plano de uma organização formada em torno de um jornal para toda a Rússia, por meio do trabalho conjunto para este jornal comum. Só uma tal organização assegurará à organização de combate social-democrata a flexibilidade indispensável, isto é, a capacidade de se adaptar imediatamente às mais variadas condições de luta, que mudam rapidamente; saber «por um lado, evitar as batalhas em campo aberto contra um inimigo que tem uma superioridade esmagadora de forças, quando este concentra toda a sua força num ponto, e, por outro lado, aproveitar a lentidão de movimentos desse inimigo para o atacar no local e no momento em que menos espera ser atacado». Seria um gravíssimo erro estruturar a organização do partido contando apenas com explosões e lutas de rua ou só com a «marcha ascendente da cinzenta luta quotidiana». Devemos desenvolver sempre o nosso trabalho quotidiano e estar sempre dispostos a tudo, porque muitas vezes é quase impossível prever como alternarão os períodos de explosões com os de calma, e mesmo que fosse possível prever isso não se poderia aproveitar a previsão para reconstruir a organização, porque num país autocrático essas mudanças produzem-se com assombrosa rapidez, às vezes como consequência de uma incursão noturna dos janízaros czaristas. E a própria revolução não deve ser imaginada como um ato único (como pelos vistos a imaginam os Nadéjdine), mas como uma rápida sucessão de explosões mais ou menos violentas, alternando com períodos de calma mais ou menos profunda. Por isso, o conteúdo fundamental das atividades da organização do nosso partido, o foco destas atividades deve consistir num trabalho que é possível e necessário tanto durante o período da explosão mais violenta como durante o da calma mais completa, a saber: um trabalho de agitação política unificada em toda a Rússia, que lance luz sobre todos os aspectos da vida e se dirija às mais amplas massas. E este trabalho é inconcebível na Rússia atual sem um jornal para toda a Rússia e que apareça com muita frequência. A organização que se formar por si mesma em torno desse jornal, a organização dos seus colaboradores (no sentido lato do termo, isto é, de todos aqueles que trabalham para ele) estará precisamente disposta a tudo, desde salvar a honra, o prestígio e a continuidade do partido nos momentos de maior «depressão» revolucionária, até preparar, fixar e levar à prática a insurreição armada de todo o povo. Suponhamos, com efeito, uma vaga de prisões total, o que é muito corrente entre nós, numa ou em várias localidades. Não havendo em todas as organizações locais um trabalho comum de forma regular, essas vagas de prisões são acompanhadas amiudadamente de uma interrupção do trabalho durante longos meses. Ao contrário, se todas tivessem um trabalho comum bastariam, no caso da maior vaga de prisões, algumas semanas de trabalho de duas ou três pessoas enérgicas para pôr em contacto com o organismo central comum os novos círculos de jovens que, como é sabido, mesmo agora brotam com extrema rapidez; e quando o trabalho comum, que sofre as consequências das vagas de prisões, está à vista de toda a gente, os novos círculos podem surgir e pôr-se em contacto com esse organismo central ainda mais rapidamente.

Imaginal, por outro lado, uma insurreição popular. Hoje, provavelmente, todos concordarão que devemos pensar nela e prepararmo-nos para ela. Mas como prepararmo-nos? Terá o Comité Central que designar agentes em todas as localidades para preparar a insurreição? Mesmo que tivéssemos um Comité Central, este CC não conseguiria absolutamente nada designando-os, dadas as atuais condições da Rússia. Pelo contrário, uma rede de agentes, que se forme por si própria no trabalho de organização e de difusão de um jornal comum, não teria de «esperar de braços cruzados» a palavra de ordem da insurreição, mas faria precisamente um trabalho regular que lhe garantiria, em caso de insurreição, as maiores probabilidades de êxito. Precisamente este trabalho reforçaria os laços de união tanto com as mais amplas massas operárias como com todos os sectores descontentes com a autocracia, o que tem tanta importância para a insurreição. Precisamente com base nesta obra formar-se-ia a capacidade de avaliar acertadamente a situação política geral e, por consequência, a capacidade para escolher o momento adequado para a insurreição. Precisamente esta obra habituaria todas as organizações locais a fazerem-se eco, simultaneamente, de todos os problemas, incidentes ou acontecimentos políticos que apaixonam toda a Rússia, a responder a esses «acontecimentos» da maneira mais enérgica, mais uniforme e mais conveniente possível; e, no fundo, a insurreição é a «resposta» mais enérgica, mais uniforme e mais conveniente de todo o povo ao governo. Precisamente este trabalho, por fim, habituaria todas as organizações revolucionárias, em todos os cantos da Rússia, a manter entre si as relações mais constantes e ao mesmo tempo mais conspirativas, relações que criariam a unidade efetiva do partido; e sem estas relações não é possível discutir coletivamente um plano de insurreição, nem adoptar em vésperas desta última as medidas preparatórias indispensáveis, medidas que devem ser mantidas no mais rigoroso segredo.

Numa palavra, «o plano de um jornal político para toda a Rússia», longe de ser o fruto de um trabalho de gabinete de pessoas contaminadas pelo doutrinário e pelo literatismo (como pareceu a pessoas que meditaram pouco nele), é, pelo contrário, o plano mais prático para começar, em toda a parte e imediatamente, a prepararmo-nos para a insurreição, sem esquecer ao mesmo tempo nem um instante o trabalho normal de todos os dias.

Texto 3: Lenin, Cartas de 1905 a novembro de 1910

Zemiliachka

“Recebi sua irada carta e me apresso a responder. Você se ofendeu sem motivo. Se disse palavras fortes foi, por certo, por afeto e com uma ressalva: se a informação de Liádov era correta. O enorme trabalho que você tem feito para ganhar 15 comitês e organizar três conferências é muito apreciado por nós como poderia ver na carta anterior relativa à Conferência do Norte”

(...)

“Liádov delineou o assunto do órgão de imprensa na Rússia de maneira incorreta e peço que me desculpe se me indignei um pouco e a ofendi.”

(...)

“Trate de conseguir o dinheiro, e escreva-se que não está irritada comigo”

A. Bogadov

“Querido amigo. Finalmente lançamos Vperiod e tenho desejo de conversar mais extensamente com você sobre ele. Depois de amanhã sairá o número 2. Pensamos publicá-lo semanalmente. Temos colaboradores suficientes. O estado de ânimo é excelente e todos manifestam grande capacidade de trabalho (com exceção de Vas. Vas. que está um tanto deprimido). Estamos convencidos que o projeto sairá bem, a menos que quebrems. Durante os primeiros meses necessitamos angustiosamente de ajuda, porque se a publicação não sair com regularidade seria uma enorme desgraça para a posição da maioria. Não esqueça e consiga (sobretudo de Gorki) ainda que seja pouco a pouco.

Continuo. Agora é de particular importância informar a Fajmétov que deve ocupar-se energicamente de organizar a colaboração literária da Rússia. O êxito do semanário depende fundamentalmente do trabalho ativo dos escritores e social democratas russos. Escreva a Rajmétov que mobilize para isto Finn e Kolontái, (são extremamente necessários artigos sobre a Finlândia), Rumiántseay e Andrei Sokolov, em especial e sobretudo ao último. Sei por uma larga experiência que nestas coisas os russos são endemoniados, imperdoáveis e incrivelmente lentos. Por isso temos que agir: 1) dando o exemplo; 2) não confiar em

promessas, se não tratar de obter a todo custo matérias finalizadas. É indispensável que Rajmétov responsabilize pessoas sobre pequenos artigos e cartas, receba-os e envie-os, e que não os deixe em paz até que os entreguem. (Também agregaria os nomes de Suvórov e Lunts, e certamente Rajmétov conhece muitos outros).

Temos suma necessidade de 1) pequenos artigos sobre questões da vida na Rússia de 6.000 a 18.000 letras; 2) notas sobre esses mesmos temas de 2.000 a 6.000 letras; 3) colaborações sobre todos os temas, da mais diversa extensão; 4) extratos de passagens interessantes e citações das publicações locais e especializadas da Rússia; 5) notas sobre artigos de jornais e revistas russos. Os três últimos pontos estão dentro das possibilidades da juventude operária, sobretudo dos estudantes, e por isso é necessário acompanhá-los, fazer propaganda desse trabalho, ensiná-los como aproveitar qualquer pequeno acontecimento, fazê-los entender o quanto se necessita no estrangeiro de qualquer ‘matéria prima’ da Rússia (nós nos encarregaremos de elaborá-la e aproveitá-la desde o ponto de vista literário!), que seria tolo envergonhar-se por qualquer erro de redação, que tem que se acostumar a conversar e manter correspondência sem cerimônias com a revista no estrangeiro se querem que seja sua própria revista. Nesse sentido, eu consideraria necessário, absolutamente necessário, que se atribua a todos os círculos estudantis e a todos os grupos operários uma direção (no estrangeiro, por que agora temos muitas e ainda teremos mais) de Vperiod. Cria-me que entre os membros dos nossos comitês existe um preconceito estúpido contra a ampla comunicação das direções à juventude da periferia. Combata este preconceito por todos os meios, distribua as direções e exija contato direto com a Redação do Vperiod. Sem isso o organismo não avançará. Nos faz muita falta a correspondência operária e nos chega muito pouca. Necessitamos que dezenas e centenas de operários escrevam direta e espontaneamente ao Vperiod.

Temos que conseguir também que os operários nos enviem seus contatos para enviar-lhes o jornal envelopado. Os operários não teriam medo. A polícia não tem força para interceptar sequer a décima parte dos envios. Um tamanho pequeno (4 páginas) e uma frequente aparição do Vperiod fazem com que o envio seja o problema mais importante do Vperiod. Temos que propor diretamente o objetivo de fomentar a assinatura dos operários ao Vperiod, de estimular o hábito de que nos enviem dinheiro e seus contatos diretamente ao estrangeiro (um rublo não é uma coisa de outro mundo!) Se sabemos encarar isso como é devido, podemos na verdade revolucionar a difusão da literatura ilegal na Rússia. Não esqueça que o transporte da literatura tarda, no melhor dos casos, quatro meses. Isso quando se trata de uma publicação semanal! Enquanto os envios, de 50 a 75% chegará seguramente com a mesma rapidez que o correio.”

A. A. Gorki

“Estimado A. M.: Nestes dias recebi uma carta da Redação do Pravda, em Petersburgo, que me solicitava que escrevesse a você dizendo-lhe que lhes alegraria muito contar com a sua colaboração permanente. ‘Queríamos oferecer a Gorki 25 kopeks por linha, porém receamos que se ofenda’. me escreveram.

A mim não parece que haja algo que possa ofendê-lo. A ninguém pode ocorrer pensar que sua colaboração depende de uma questão de honorários. Da mesma forma, todo mundo sabe que o Pravda dos operários, que habitualmente paga 2 kopeks a linha e que na maioria das vezes não paga nada, não pode atrair ninguém com seus honorários.

Porém não há nada de mal, ‘na verdade é bom’, que os colaboradores de um jornal operário recebam uma remuneração qualquer que seja. A tiragem é agora de 20.000 a 25.000. Já é hora de começar a pensar em encarar adequadamente a retribuição aos colaboradores. O que tem de mal que todos os que trabalham no jornal operário comecem a cobrar um pouco? O que pode haver de ofensivo nesta proposta?”

(...)

A. Y. M. Sverdlov

[Sverdlov aparece pela primeira vez em 1913]

“tem que tomar em suas mãos o dinheiro (das entradas e das assinaturas)

(...)

Seria excelente que conseguíssemos, pouco a pouco, sentar juntos aos literatos e fazer avançar o Proschevenie. Excelente! O leitor será novo, proletário – faremos que a revista seja barata – e você deixará passar literatura somente democrática, sem adornos e sem floreios. Aglutinaremos os operários. E os operários de agora são bons.

(...)

Antes, recebia sempre o Pravda pela manhã, como recebo Rech e Nóvoe Vremia. Porém, desde a última semana, o Pravda tem começado a atrasar-se e só chega ao entardecer. Não há dúvida de que o departamento de expedição trabalha descuidadamente. Peço encarecidamente que tomem medidas para que tenham mais cuidado com o envio diário.

(...) No dia primeiro (14) de março, farão 39 anos da morte de Marx. Deveriam publicar um suplemento de 2 ou 3 kopeks, quatro páginas do formato do Pravda com um retrato grande de Marx e uma série de artigos.

(...)

O plano de um grande jornal é excelente. Meu convencimento: fazem falta dois periódicos: um grande, de 5 kopeks e um pequeno de 1 kopek. E o atual deve evoluir no sentido do pequeno. A edição de folhetos e livros de 5 a 10 folhas é também uma boa ideia. Lutaremos também por ela com energia.

(...)

Com Aléxinski e Dnevnitski (Plejánov) é possível, e a remuneração do trabalho ampliaria este círculo de colaboradores ao quíntuplo. Espero resposta imediata. 1) se está de acordo ou não com o combinado; 2) em caso de não estar, qual é o seu plano; 3) quanto dinheiro precisa; 4) quanto você conseguirá; 5) como concebe ou planeja você sua participação no negócio, no sentido dos limites de responsabilidade, etc.

(...)

O Pravda tem uma tiragem de 30.000 a 32.000 nos dias de semana e de 40.000 a 42.000 nos feriados.

(...)

Toda a ‘intelectualidade’ está com os liquidadores. A massa operária está conosco. (o Pravda tira 40.000 contra o Luch. Porém os operários criam sua intelectualidade com muita dificuldade. Lenta e dificilmente. Os assuntos do Partido na Rússia, em geral, vêm melhorando perceptivelmente. Crescem e se fortalecem manifestadamente por todas as partes os círculos, grupos e organizações de operários.

(...)

Chama atenção uma indubitável reanimação no movimento social democrata. De novo, as pessoas começam a entregar dinheiro (pouco a pouco). Uma novidade! Entre a tropa há sinais de reanimação das organizações revolucionárias.

(...)

Agora que o Luch liquidacionista se expande (com dinheiro dos liberais, evidentemente, pois seu déficit é de 1.000 rublos por mês e só tira 12.000 exemplares), há que decuplicar a campanha para apoiar os seis deputados operários, ampliar as assinaturas do Pravda e ampliar o Pravda. Há que levar diretamente nas fábricas a luta pelo Pravda, exigindo mais assinaturas, que supere o Luch em cada fábrica e que se introduza nas fábricas uma competição pelo maior número de assinaturas ao Pravda. A vitória do Partido é a vitória do Pravda e vice e versa. Teria que iniciar a seguinte campanha: aumentar a tiragem do Pravda, de 30.000 a 50.000 ou 60.000 e o número de assinaturas de 5.000 a 20.000 e seguir nessa direção sem fraquejar. Então ampliaremos e melhoraremos o Pravda.”

Texto 4: Lenin, Balanço de seis meses de trabalho

Julho de 1912 – virada quando começa o ascenso

[Quando o ascenso é retomado, sai o diário do Partido – Pravda] Felizmente, existem dados relativamente completos que demonstram quem e como foi fundada a imprensa operária na Rússia. São os dados relativos às contribuições para o diário operário.

Começemos com as contribuições com as quais foi fundado o Pravda. (...)

“Para nós, o mais importante e interessante não é a soma total das contribuições, mas a composição dos doadores. Por exemplo, Névkaya Zvezdá publicou no número 3 o resumo total das contribuições para o jornal diário operário, que chegaram a 4.288 rublos e 84 kopeks (desde janeiro até 5 de maio, sem contar os donativos recebidos desde o 22 de abril, dia do surgimento do Pravda, diretamente para este periódico. Isso faz surgir entre nós as seguintes perguntas: Que papel tem cumprido os próprios operários e grupos de operários na arrecadação desta soma? Ela se formou com grandes aportes dos simpatizantes? Ou são os operários que tem demonstrado um interesse pessoal e vivo pela imprensa operária e tem reunido uma importante soma com as doações de um grande número de grupos operários?

Desde o ponto de vista da iniciativa e da energia dos próprios operários tem mais importância 100 rublos coletados pelos próprios operários, suponhamos, por 30 grupos de operários, que 1.000 rublos reunidos por dezenas de “simpatizantes”. Um jornal fundado com as moedas de cinco kopeks recolhidas por pequenos

círculos operários das fábricas está organizado com mis solidez, firmeza e seriedade (tanto do ponto de vista financeiro como – o que é mais importante – desde o ponto de vista do desenvolvimento da democracia operária) que um jornal fundado com dezenas e centenas de rublos aportados por intelectuais simpatizantes.

Para dispor de dados exatos sobre esta questão fundamental, essencial, fizemos o seguinte resumo dos dados das contribuições que garantiram os três periódicos mencionados. Consideramos somente os aportes efetuados, segundo registro, por grupos de operários ou funcionários.

Neste caso, só nos interessam as contribuições feitas pelos próprios operários, e não por operários individualmente, que podem ter esbarrado casualmente em um arrecadador sem estarem ligados por laços ideológicos, ou seja, por suas opiniões e convicções, mais precisamente por grupos de operários, sobre os quais não resta nenhuma dúvida, discutiram se deviam dar o dinheiro, a quem dá-lo e com que finalidade.

Consideramos como contribuição de um grupo de operários cada notícia do Zvezdá, Névskaia Zvezdá e Pravda, em que se indicava que era precisamente um grupo de operários ou funcionários que haviam doado dinheiro para o jornal operário diário.

Quantas contribuições desse tipo foram efetuadas durante o primeiro semestre de 1912?

Quinhentas e quatro contribuições de grupos!

Mais de quinhentas vezes grupos de operários fizeram contribuições para fundar e apoiar seu jornal, doando o salário de um dia, fazendo uma doação ou reiterando-a periodicamente. Na fundação de seu periódico participaram ativamente 504 grupos operários, sem contar os operários e simpatizantes que o fizeram individualmente. Este número indica, sem dúvida, que nas massas operárias despertou um interesse profundo e consciente pelo jornal operário, e não por qualquer periódico operário, mas pelo jornal operário democrático. E se entre as massas existem essa consciência e essa atividade, não há porque temer dificuldade nem obstáculo algum. Não há e nem pode haver dificuldades e obstáculos que não possam ser vencidos, de uma forma ou de outra, pela consciência, pela atividade e pelo interesse das massas operárias.

Essas 504 contribuições de grupo se distribuem, pelos meses, da seguinte maneira:

Janeiro de 1912.....	14
Fevereiro.....	18
Março.....	76
Abril.....	227
Maió.....	135
Junho.....	34
Total em seis meses.....	504

(...)

“Isto mostra que precisamente o ascenso de abril criou o jornal operário Pravda. Não cabe nenhuma dúvida de que existe uma estreita relação entre o ascenso geral do movimento operário (e não na forma restrita setorial ou profissional, mas com uma amplitude que abarque todo o povo) e a fundação do órgão diário da democracia operária de Petersburgo.”

(...)

“Em junho, o número de contribuições deste tipo diminui e é inferior ao de março. Por suposto, deve-se ter em conta que depois do surgimento do jornal diário operário, tenha adquirido importância decisiva outra forma de ajuda ao periódico: a assinatura e sua distribuição entre os companheiros, conhecidos, compatriotas, etc.”

(...)

Em Moscou e região está concentrada a massa predominante de operários fabris da Rússia. Em 1905, por exemplo, havia ali, segundo dados estatísticos do próprio governo, 567.000 operários fabris, ou seja, mais de um terço de toda a Rússia (1.660.000) e muito mais que na circunscrição de Petersburgo (298.000). Por isso, a região de Moscou está convocada a ocupar o primeiro lugar no número de leitores e de amigos do jornal operário, no número de representantes conscientes da democracia operária. Moscou deverá buscar, como é natural, seu próprio diário operário.

(...)

Os operários sabem muito bem que não podem esperar nenhum benefício nem da III nem da IV Dumas, porém devemos participar das eleições. Primeiro, para unir e educar politicamente as massas operárias durante as eleições, quando se intensifica a luta dos partidos e de toda vida política. Segundo, para conseguir que sejam eleitos para a Duma nossos deputados operários. Até na Duma mais reacionária, essencialmente latifundiária, os deputados operários tem proporcionado e podem proporcionar proveitos à causa operária se

são autênticos operários democratas, se estão ligados às massas, e as massas aprendem a dirigi-los e controla-los.

Durante o primeiro semestre de 1912, todos os partidos da Rússia têm começado, e em essência, terminado, o que se denomina mobilização eleitoral das forças dos Partidos. Mobilização é um termo militar. Significa por uma tropa em posição de combate. Da mesma maneira que antes de começar uma guerra as tropas são colocadas em posição de combate, convocam-se os reservistas e distribuem-se armas e munição, nas vésperas de eleições todos os partidos fazem um balanço de seu trabalho, reiteram seus acordos sobre os pontos de vista e as palavras de ordem do partido, agrupam suas forças e se preparam para a luta contra todos os demais partidos. Em essência, este trabalho, repetimos, já terminou. Faltam algumas semanas para as eleições; nesse período pode-se e deve-se tensionar as forças para aumentar a influência sobre os eleitores, sobre as massas; porém se o próprio partido (o partido de cada classe), não tiver se preparado durante os seis meses nada poderá ajudá-lo, será um zero à esquerda.

Por isso, os seis meses que abarcam nossa estatística correspondem a meio ano de mobilização enérgica das forças operárias perante as eleições da IV Duma. São, claro está, seis meses de mobilização de todas as forças da democracia operária, não só em relação à luta eleitoral; mas, por enquanto, deteremos nossa atenção nesta última.”

(...)

Daí que se deve continuar, desenvolver e ampliar sem falta este hábito da arrecadação de contribuições dos grupos operários, criado pelo ascenso de abril e maio. E, sem dúvida, fazem falta as informações sobre as contribuições como as que o Pravda tem sempre publicado.

Este hábito tem muita importância, tanto do ponto de vista da solidez da imprensa operária como dos interesses gerais da democracia operária.

Há que desenvolver e fortalecer a imprensa operária. Para isso é necessário dinheiro. Só por meio das arrecadações constantes e massivas entre os operários poder-se-á conseguir, com um trabalho tenaz, uma organização satisfatória dos jornais operários na Rússia. Nos Estados Unidos existe um jornal operário (*Apeal to Reason*) – que tem mais de meio milhão de assinaturas. Será um mal operário russo – diríamos parafraseando um conhecido aforismo – aquele que não aspire alcançar e superar o seu irmão estadunidense.

Porém, há outro aspecto da questão muito mais importante que o financeiro. Suponhamos que cem operários de distintos setores de uma fábrica entreguem um kopek cada um, no dia do pagamento, para o jornal operário. Seriam arrecadados no total, dois rublos em um mês. Suponhamos, por outro lado que dez operários que ganham mais se encontrem casualmente e arrecadem dez rublos de uma vez.

Os primeiros dois rublos valem mais que os outros dez. Isto é tão óbvio para qualquer operário que não exige muitas explicações.

Deve ser estabelecido o hábito de cada operário entregar no dia do pagamento a cada mês um kopek para o jornal operário. Deixemos que a assinatura do jornal siga seu curso e que quem possa pague mais, como se tem feito até agora. Porém o mais importante, além disso, é estabelecer e expandir o costume de “um kopek para o jornal operário”.

(...)

“O jornal operário deve publicar maior número de informações e artigos mais variados, suplementos dominicais, etc. deve ter seus colaboradores na Duma, em todas as cidades mais importantes do estrangeiro...”

Nota:

Pravda (A Verdade): diário bolchevique legal; o primeiro número surgiu em Petersburgo em 22 de abril (5 de maio) de 1912. A decisão sobre a necessidade de se publicar um jornal operário diário de massa foi tomada durante os trabalhos da VI Conferência (de Praga) de toda a Rússia do POSDR.

O Pravda começou a ser publicado durante um novo ascenso revolucionário, quando em todo o país se estendia uma onda de greves políticas de massa motivadas pela mortandade de Lena. O jornal era publicado com fundos arrecadados entre os operários. Lenin exercia a direção ideológica do Pravda, quase diariamente escrevia artigos para o jornal e dava orientações para a sua Redação. Lenin cuidava para que o periódico seguisse uma linha combativa e revolucionária, criticava a Redação por inserir artigos que não eram precisos nos problemas de princípio.

O Pravda vinculava o Partido com as grandes massas populares. Em torno do jornal se constituiu um grande exército de colaboradores operários. Em cada número eram publicadas dezenas de notas de operários. O jornal escrevia sobre a ausência de direitos dos trabalhadores, citava exemplos da necessidade econômica

dos operários, informava sobre o rumo das greves, aplicava a política do Partido na direção do crescente movimento operário, educava as massas no espírito da solidariedade proletária, do internacionalismo proletário. Designava-se um espaço considerável em suas páginas para a situação dos camponeses na Rússia czarista. Havia no diário uma ‘Seção Camponesa’. (...) Nessas difíceis condições os bolcheviques conseguiram editar 636 números do Pravda em pouco mais de dois anos.

Texto 5: A Estrutura, os Métodos e a Ação dos Partidos Comunistas

**3º Congresso da III Internacional
1921**

VI – A Imprensa do Partido

36. A imprensa comunista deve ser desenvolvida e melhorada pelo Partido com uma energia infatigável. Nenhum jornal poderá ser reconhecido como órgão comunista se não estiver submetido às diretrizes do Partido. Esse princípio deve ser aplicado também para as publicações literárias, como livros, brochuras, escritos periódicos, etc., levando em consideração seu caráter científico, de propaganda ou outro.

O Partido deve se esforçar para ter bons jornais antes de ter muitos. Todo Partido Comunista deve ter um órgão central, sempre que possível.

37. Um jornal não deve jamais se tornar uma empresa capitalista como são os jornais burgueses pretensamente “Socialistas”. Nosso jornal deve ser independente das instituições de crédito capitalistas. A organização ágil da publicidade por anúncios, que pode melhorar consideravelmente as condições de existência do nosso jornal, não deve ficar na dependência das grandes empresas de publicidade. Logo, uma atitude inflexível em todas as questões sociais proletárias dará aos jornais de nosso Partido de massas uma força e uma consideração absolutas. Nosso jornal não deve servir para satisfazer o gosto sensacionalista nem a diversão de um público variado. Ele não deve fazer concessões à crítica dos literatos pequeno-burgueses ou aos virtuosos do jornalismo para criar uma clientela de salão.

38. Um jornal comunista deve, antes de tudo, defender os interesses dos operários oprimidos e lutadores. Deve ser nosso melhor propagandista e agitador, o propagandista dirigente da revolução proletária.

Nosso jornal tem por tarefa reunir as experiências adquiridas nas atividades de todos os membros do Partido e fazer disso um guia político para revisão e melhoria dos métodos de ação comunista. Essas experiências devem ser trocadas nas reuniões de redatores de todo o país, reuniões que procurem criar a maior unidade de tom e tendência no conjunto da imprensa do Partido. Assim, essa imprensa, como qualquer jornal em particular, será o melhor organizador do nosso trabalho revolucionário.

Sem esse trabalho de organização e de coordenação dos jornais comunistas, e em particular do órgão central, colocar em prática a centralização democrática e uma sadia divisão do trabalho no interior do Partido e, por consequência, também o cumprimento da missão histórica possível.

39. O jornal comunista deve ser uma empresa comunista, isto é, uma organização proletária de combate, uma associação de operários revolucionários, de todos os que escrevem regularmente para o jornal, que o compõem, imprimem, administram, distribuem, reúnem o material de informação, discutem e elaboram nos núcleos, enfim, que agem cotidianamente para distribuí-lo etc.

Para fazer do jornal uma verdadeira organização de combate, uma poderosa e viva associação de trabalhadores comunistas, impõem-se várias medidas práticas.

Todo comunista se liga estreitamente a seu jornal, trabalhando e se sacrificando por ele. Ele é sua arma cotidiana que, para servir, deve se transformar cada vez mais forte e afiado. Somente graças aos sacrifícios financeiros e materiais o jornal comunista conseguirá se manter. Os membros do Partido devem constantemente, fornecer os meios necessários para sua organização e para sua melhoria, até que ele seja distribuído nos grandes Partidos legais e sólido o suficiente para organização do movimento comunista.

Não é suficiente ser um agitador e um recrutador zeloso para o jornal, é preciso também se transformar em colaborador útil. É preciso informar o mais rápido possível tudo o que mereça ser observado, do ponto de vista social e econômico, na fração sindical e nos núcleos, do acidente de trabalho à reunião profissional, dos maus-tratos dispensados aos jovens aprendizes até o relatório comercial da empresa. As frações sindicais devem informar sobre as reuniões e sobre as decisões e medidas mais importantes tomadas por essas reuniões pelos secretariados das Uniões, assim como sobre as atividades dos nossos adversários. A vida pública das

reuniões e da rua oferece aos militantes atentos do Partido ocasião de observar com senso crítico os detalhes, cuja utilização pelos jornais tornará clara aos mais indiferentes nossa atitude em relação às exigências da vida.

A comissão de redação deve tratar com o maior carinho e zelos essas informações sobre a vida dos operários e suas organizações e utilizá-las como breves comunicações, dando a nosso jornal o caráter de uma verdadeira comunidade de trabalho, viva e forte, ou para, à luz desses exemplos práticos da vida cotidiana dos operários, tornar compreensíveis os ensinamentos do comunismo, o que constitui a via mais rápida para chegar a tornar viva e íntima a ideia do comunismo entre as grandes massas operárias. Na medida do possível, a comissão de redação deverá estar à disposição dos operários que venham a visitar o jornal nas horas mais favoráveis do dia, para acolher suas necessidades e suas queixas relativas à miséria de sua existência para anotá-las com cuidado e servir-se delas para dar vida ao jornal. Certamente, na sociedade capitalista, nenhum dos nossos jornais se transformaria numa verdadeira associação de trabalho comunista. Pode-se, entretanto, mesmo nas condições mais difíceis, organizar um jornal revolucionário operário, partindo desse ponto de vista. Isto está provado pelo exemplo do Pravda, de nossos camaradas russos, durante os anos de 1912-1913. Esse jornal se constituiu realmente numa organização permanente e ativa dos operários revolucionários conscientes nos centros mais importantes do Império Russo. Esses camaradas redigiam, editavam e distribuía conjuntamente o jornal; a maioria, entre eles, economizando o dinheiro necessário para as despesas pelo trabalho e pelo salário de seu trabalho. O jornal, por seu turno, pôde lhes dar o que eles desejavam, o que eles tinham necessidade nos movimentos de luta e que hoje lhes serve ainda no trabalho e na luta. Tal jornal, por seu turno, pôde lhes dar o que eles desejavam, o que eles tinham necessidade nos momentos de luta e que hoje lhes serve ainda no trabalho e na luta. Tal jornal, com efeito, pode ser para os membros do Partido e para todos os operários revolucionários o que eles chamam “nosso jornal”

40. O elemento essencial da atividade da imprensa de combate comunista é a participação direta nas campanhas conduzidas pelo Partido. Se, em certo momento, a atividade do Partido estiver concentrada em determinada campanha, o jornal do Partido deve colocar a serviço dessa campanha todas as suas colunas, suas fábricas e não apenas os artigos de fundo. A redação deve encontrar, em todos os domínios, material para empreender essa campanha e alimentá-la da forma mais conveniente.

41. O recrutamento para o nosso jornal deve ser seguido conforme um sistema estabelecido. Antes de tudo, é preciso utilizar todas as situações em que os operários estejam vivamente integrados no movimento, em que a vida política e social esteja mais agitada, seguida de algum evento político e econômico. Assim, depois de cada greve ou locaute, durante os quais o jornal defendeu franca e energeticamente os interesses dos operários em luta, deve-se organizar, imediatamente após o fim da greve, um trabalho de recrutamento homem a homem entre os que tenham participado da greve. Não apenas as frações comunistas dos sindicatos e das profissões envolvidas no movimento grevista devem levar a propaganda do jornal em seu meio através de listas e assinaturas mas, também, na medida do possível, deve-se procurar as listas dos operários que tenham feito a greve, bem como seus endereços, a fim de que os grupos especiais encarregados dos interesses do jornal possam levar uma agitação em domicílio.

Do mesmo modo, após toda campanha política eleitoral por que seja despertado o interesse das massas operárias, deve ser levada uma campanha de agitação, de casa em casa, pelos grupos de trabalhadores, especialmente incumbidos desta tarefa nos diferentes bairros operários.

Durante as épocas de crise política ou econômica latentes, cujos efeitos se façam sentir nas massas operárias sob a forma de aumento de preços, de desemprego e outras misérias, deve-se tentar, após uma propaganda hábil contra essa situação, obter, se possível, por intermédio das frações sindicais, grandes listas de operários organizados nos sindicatos, a fim de que o grupo especial do jornal possa continuar sistematicamente a agitação em domicílio. A última semana do mês é a mais conveniente para o trabalho de recrutamento. Toda organização local que deixe passar esta última semana do mês, ainda que isso aconteça uma vez por ano, sem prosseguir na propaganda em favor da imprensa, comete um atraso culposos na extensão do movimento comunista. O grupo especial encarregado dos interesses do jornal não deve deixar passar nenhuma reunião pública de operários, nenhuma grande manifestação sem, desde o início, e também durante os intervalos e ao final, agir de maneira mais ativa para obter assinaturas para nosso jornal. As frações sindicais devem cumprir esta tarefa também em todas as reuniões de seus sindicatos, nos núcleos e nas frações sindicais por categoria.

42. Nosso jornal deve ser constantemente defendido pelos membros do Partido contra todos os seus inimigos.

Todos os membros devem levar uma luta impiedosa contra a imprensa capitalista, revelar sua venalidade, suas mentiras, sua vileza reticente e suas intrigas.

A imprensa social-democrata e socialista independente deve ser vencida e desmascarada em sua atitude traidora pelos exemplos da vida cotidiana, através de ataques contínuos, mas sem se envolver em pequenas polêmicas de fração. As frações sindicais e outras devem se aplicar organizadamente a subtrair a influência perturbadora e paralisante dos jornais social-democratas aos membros dos sindicatos e de outras associações operárias. O trabalho de assinaturas para o nosso jornal, assim como a agitação em domicílio ou nas empresas deve igualmente ser dirigido com habilidade contra a imprensa dos socialistas traidores.

Texto 6: A Estrutura, os Métodos e a Ação dos Partidos Comunistas

4º Congresso da III Internacional

(...) Todo Partido Comunista deve, então, em seus esforços para ter apenas membros verdadeiramente ativos, exigir de cada um dos que figuram em suas fileiras que coloque à disposição de seu partido sua força e seu tempo, na medida em que possa dispor, nas circunstâncias dadas, e sempre consagrar ao partido o melhor de si. Para ser membro do Partido Comunista, é necessário, de maneira geral, além da convicção comunista, cumprir também as formalidades da inscrição, primeiro como candidato e, em seguida, como membro. É necessário pagar regularmente as cotizações estabelecidas, a assinatura do Jornal do Partido etc. Mas o mais importante é a participação de cada um no trabalho político cotidiano.

(...) Nossa tarefa mais importante antes do levante revolucionário declarado é a propaganda e a agitação revolucionária. (...) A propaganda e a agitação comunista deve, antes de tudo, se enraizar nos meios mais profundos do proletariado. Elas devem ser engendradas pela vida concreta dos operários, seus interesses comuns, particularmente por suas lutas e esforços. (...) O que dá mais força à propaganda comunista é seu conteúdo revolucionário. (...) As principais formas de propaganda e agitação são: conversas pessoais, participação nos combates dos movimentos operários – sindicais e políticos, ação pela imprensa e a literatura do partido. Cada membro de um partido legal ou ilegal deve, de uma ou de outra forma, participar regularmente dessa atividade. (...) A propaganda pessoal verbal deve ser conduzida em primeiro lugar à maneira de agitação a domicílio organizada sistematicamente e confiada a grupos constituídos especialmente para esse fim. Nenhuma casa na área de influência da organização local do partido deve ficar de fora dessa agitação. Nas cidades mais importantes uma agitação de rua, especialmente organizada, com distribuição de folhetos e cartazes, pode dar bons resultados. Também nas usinas e fábricas deve-se organizar uma agitação pessoal regular, conduzida pelos núcleos e frações do Partido e acompanhada da distribuição de literatura.

É preciso levar a Agitação comunista entre as massas proletárias, de tal maneira que os proletários militantes reconheçam nossa organização comunista como a que deve dirigir leal e corajosamente, com previdência e energia, seu próprio movimento em direção a um objetivo comum. (...) Para isso, os comunistas devem tomar parte em todas as lutas espontâneas e movimentos da classe operária e assumir como sua a missão de salvaguardar os interesses dos operários em todos os seus conflitos com os capitalistas a respeito da jornada de trabalho etc. os comunistas devem ocupar-se energeticamente das questões concretas da vida dos operários, ajudá-los a se desembaraçar dessas questões, chamar sua atenção para os casos de abusos mais importantes, ajudá-los a formular exatamente e de forma prática suas reivindicações aos capitalistas e, ao mesmo tempo, desenvolver entre eles espírito de solidariedade e a consciência da comunidade de interesse dos operários de todos os países como uma classe unida que constitui parte do exército mundial do proletariado.

(...) A imprensa comunista deve ser desenvolvida e melhorada pelo Partido com uma energia infatigável. (...) O Partido deve se esforçar para ter bons jornais antes de ter muitos. Todo Partido Comunista deve ter um órgão central, sempre que possível diário. (...) Todo comunista se liga estreitamente a seu jornal, trabalhando e se sacrificando por ele. Ele é sua arma cotidiana que, para servir, deve se transformar cada vez mais forte e afiado. (...) Não é suficiente ser um agitador e um recrutador zeloso para o jornal, é preciso também se transformar em colaborador útil. É preciso informar mais rápido possível tudo o que mereça ser observado, do ponto de vista social e econômico, na fração sindical e nos núcleos, do acidente de trabalho à reunião profissional, dos maus-tratos dispensados aos jovens aprendizes até o relatório comercial da empresa. O recrutamento para nosso jornal deve ser seguido conforme um sistema estabelecido. Antes de mais nada, é preciso utilizar todas as situações nas quais os operários estejam vivamente integrados no movimento, e nas

quais, a vida política e social esteja mais agitada, seguida de algum evento político e econômico. Assim, depois de cada greve ou locaute, durante os quais o jornal defendeu franca e energicamente os interesses dos operários em luta, deve-se organizar, imediatamente após o fim da greve, um trabalho de recrutamento homem a homem entre os que tenham participado da greve. Não apenas as frações comunistas dos sindicatos e das profissões envolvidas no movimento grevista devem levar a propaganda do jornal em seu meio através de listas e assinaturas, mas, também, na medida do possível, deve-se procurar as listas dos operários que tenham feito a greve, bem como seus endereços, a fim de que os grupos especiais encarregados dos interesses do jornal possam levar uma agitação a domicílio. (...) O grupo especial encarregado dos interesses do jornal não deve deixar passar nenhuma reunião pública de operários, nenhuma grande manifestação sem, desde o início, e também durante os intervalos e ao final, agir de maneira mais ativa para obter assinaturas para nosso jornal. As frações sindicais devem cumprir esta tarefa também em todas as reuniões de seus sindicatos, nos núcleos e frações sindicais nas reuniões por categoria.

Texto 7: Leon Trotsky, Quem dirigiu a insurreição de fevereiro?

Advogados e jornalistas das classes prejudicadas pela revolução gastaram uma boa quantidade de tinta tentando provar mais tarde que o que aconteceu em fevereiro foi essencialmente uma rebelião de mulheres, reforçada por um motim de soldados e que recebeu o nome de revolução; (...) As classes privilegiadas de todas as épocas, e também seus lacaios, sempre tentaram declarar a revolução que as derrubaram, em contraste com as revoluções passadas, como um motim, uma sedição ou uma revolta da ralé.

(...) a Revolução de Fevereiro foi obra dos operários e camponeses – estes na pessoa dos soldados. Mas ainda resta a grande questão: quem liderou a revolução? Quem levantou os operários? Quem levou os soldados para as ruas? Depois da vitória, estas perguntas tornaram-se objeto de discórdia entre os partidos. Ela foi resolvida de forma mais simples pela fórmula universal: Ninguém liderou a revolução, ela se fez por si mesma. A teoria do “espontaneísmo” caía mais oportunamente nas mentes não apenas destes cavalheiros que ontem pacificamente governavam, julgavam, acusavam, defendiam, negociavam, ou comandavam, e hoje se apressavam em adular a revolução, mas também de muitos políticos profissionais e antigos revolucionários, que estavam dormindo durante a revolução e desejavam pensar que nisso eles não foram diferentes de todo o resto.

(...) Como estavam os bolcheviques? Já os vimos em parte. Os principais dirigentes da organização bolchevique clandestina eram nesta época três: os antigos operários Chliapnikov e Zalutsky, e o ex-estudante Molotov. Chliapnikov, tendo vivido algum tempo no exterior e em associação estreita com Lenin, era no sentido político o mais maduro e ativo destes três, que constituíam o birô do Comitê Central. Contudo, as próprias memórias de Chliapnikov confirmam da melhor forma o fato de que os eventos eram muito para o trio. Até a última hora, estes dirigentes pensavam que era a questão de uma manifestação revolucionária, uma entre muitas, e não de uma insurreição armada. Nosso amigo Kayurov, um dos líderes do bairro de Vyborg, afirma de modo categórico: “Nenhuma iniciativa orientadora dos centros do partido foi sentida... o comitê de Petrogrado estava preso e o representante do Comitê Central, o camarada Chliapnikov, era incapaz de dar qualquer diretriz para o dia seguinte”.

(...) Para dar uma idéia clara da situação na esfera da direção revolucionária, é preciso lembrar que os revolucionários mais autorizados, os líderes dos partidos de esquerda, estavam no exterior, e alguns deles, na prisão e no exílio. Quanto mais perigoso era um partido para o velho regime, mais cruelmente decapitado aparecia no momento da revolução. (...) Lenin estava no exterior, Zinoviev com ele; Kamenev estava no exílio, junto com os então pouco conhecidos líderes práticos: Sverdlov, Rykov, Stalin.

(...) Mas se o partido bolchevique não podia garantir à insurreição uma liderança autorizada, o mesmo se pode dizer de outras organizações. Este fato reforçou a convicção corrente do caráter espontâneo da Revolução de Fevereiro. Não obstante, esta convicção está profundamente errada, ou pelo menos sem significado.

A luta na capital durou não uma hora, ou duas, mas cinco dias. (...) De onde veio esta força sem exemplo de agressão e impetuosidade? É insuficiente se referir à exasperação. Ela sozinha é pouco. Os operários de Petersburgo, não importa o quanto estavam diluídos durante os anos de guerra, com material humano novo, tinham em seu passado uma grande experiência revolucionária.

(...) Às vésperas da guerra, as camadas operárias revolucionárias seguiam os bolcheviques e lideravam as massas atrás delas. (...) A guerra em si, suas vítimas, seu horror, sua infâmia, impeliam não apenas as velhas, mas também as novas camadas de operários ao conflito com o regime tsarista. Fez isso com uma força redobrada e as levou a esta conclusão: isto não pode mais durar. A conclusão era universal; ela tornou coesas as massas e deu a elas uma poderosa força dinâmica.

O Exército inchou, trazendo para si milhões de operários e camponeses. Todos tinham parentes entre as tropas: um filho, um marido, um irmão. O Exército não estava mais isolado do povo, como antes da guerra. O povo se encontrava freqüentemente com os soldados; via-os quando saíam para o *front*, vivia com eles quando voltavam para a casa de licença, conversava com eles nas ruas e nos bondes sobre as trincheiras, visitava-os nos hospitais. Os bairros operários, os quartéis, o *front* e, de certa forma, as aldeias, tornaram-se vasos comunicantes. Os operários sabiam o que os soldados pensavam e sentiam. Eles tinham inúmeras conversas sobre a guerra, sobre a gente que estava ficando rica com ela, sobre os generais, o governo, o tsar e a tsarina. O soldado dizia da guerra: “Maldita seja!”. E o operário respondia sobre o governo: “Maldito seja!”. O soldado perguntava: “Por que então vocês estão quietos aqui no centro?”. O operário respondia: “Não podemos fazer nada com mãos vazias; nós quebramos a cabeça contra o Exército em 1905”. O soldado refletia: “Se todos começássemos juntos!”. O operário: “Isso, todos juntos!”. Conversas deste tipo antes da guerra eram conspiratórias e realizadas apenas a dois; agora elas se realizavam em todo lugar, em toda ocasião, e quase abertamente, pelo menos nos bairros operários.

(...) A insurreição dos batalhões da guarda, aparecendo como uma surpresa geral para os círculos liberais e socialistas legais, não foi de modo algum uma surpresa para os operários. (...) Os operários mediam a temperatura do Exército e sentiam que se aproximava o momento crítico. Foi exatamente isso que deu tal força inconquistável ao impulso das massas, confiantes da vitória.

(...) O mesmo autor narra dois incidentes que o permitem olhar pela fechadura do laboratório do processo revolucionário. Na sexta, 24 de fevereiro, quando ninguém nas altas esferas esperava uma revolução no futuro próximo, um bonde em que viajava um senador, inesperadamente, entre a Liteiny e uma rua adjacente, manobrou com tal violência que as janelas estremeceram e uma quebrou, e lá parou. O condutor disse para todos saírem: “O carro não prosseguirá”. Os passageiros objetaram, reclamaram, mas desceram. “Ainda posso ver a face do taciturno condutor: raivosamente resoluto, um aspecto de lobo”. O movimento dos bondes foi interrompido até onde a vista alcançava. Este condutor resoluto, em cujo rosto o senador viu um “aspecto de lobo”, devia estar dominado por um alto senso de dever para ousar, sozinho, parar um carro contendo dignitários nas ruas da Petersburgo imperial em tempo de guerra. Foram condutores como este que pararam o vagão da monarquia e, com praticamente as mesmas palavras – Este trem não irá adiante! –, fizeram descer a burocracia, não fazendo distinção, em sua pressa, entre um general dos gendarmes e um senador liberal. O condutor da avenida Liteiny era um fator consciente da história. Ele deveria ter sido educado com antecedência.

Durante o incêndio do Palácio da Justiça, um jurista liberal do círculo do mesmo senador expressou na rua seu pesar de que salas cheias de decisões judiciais e arquivos de cartórios estavam perecendo. Um homem idoso, de aspecto sombrio, vestido como operário, objetou irritado: “Seremos capazes de dividir as casas e as terras nós mesmos, sem seus arquivos”. Provavelmente, este episódio está aumentado de uma maneira literária. Mas havia muitos operários idosos como este na multidão, capazes de fazer a réplica necessária. (...) Estes anônimos e austeros estadistas das fábricas e ruas não caíram do céu: deviam ter sido educados. Ao registrar os eventos dos últimos dias de fevereiro, o Serviço Secreto também observava que o movimento era “espontâneo”, isto é, não tinha uma direção planejada de cima; mas logo acrescentava: “a não ser a condição geralmente propagandeada do proletariado”. Esta avaliação atingia o alvo: os profissionais da luta contra a revolução, antes de entrar nas celas deixadas vagas pelos revolucionários, discerniam muito melhor o que estava acontecendo do que os líderes do liberalismo.

A doutrina mística do espontaneísmo nada explica. Para apreciar corretamente a situação e determinar o momento para um golpe contra o inimigo, era preciso que as massas ou suas camadas dirigentes deveriam fazer seu exame dos eventos históricos e ter seus próprios critérios para estimá-los. Em outras palavras, era preciso não contar com as massas no abstrato, mas com as massas operárias de Petrogrado e os operários russos em geral, que passaram pela Revolução de 1905, pela insurreição de Moscou de dezembro de 1905, e esmagados pelo Regimento Semenovsky da Guarda. Era preciso que por esta massa estivessem espalhados operários que refletissem sobre a experiência de 1905, criticando as ilusões constitucionais dos liberais e

mencheviques, assimilando as perspectivas da revolução, meditando centenas de vezes sobre a questão do Exército; observassem atentamente o que se passava neste meio – operários capazes de tirar conclusões revolucionárias do que eles observavam e as comunicassem a outros. E, finalmente, era preciso que houvessem, nas tropas da própria guarnição, soldados progressistas, conquistados, ou pelo menos tocados, pela propaganda revolucionária no passado.

(...) Para a questão: “Quem dirigiu a Revolução de Fevereiro?”, podemos responder de forma suficiente: operários conscientes e temperados, educados em sua maior parte pelo partido de Lenin. Mas devemos adicionar aqui: esta direção provou ser suficiente para garantir a vitória da insurreição, mas inadequada para transferir imediatamente para as mãos da vanguarda proletária a direção da revolução.

Texto 8: Nadejda Krupskaja, Lênin, Propagandista e Agitador

1939

Lênin propagandista

A indústria só começou a se desenvolver na Rússia depois dos outros países capitalistas: Inglaterra, França e Alemanha. Por isso, também o movimento operário começou a se desenvolver mais tarde e apenas adquiriu caráter de massa lá para a década de 90 do século passado. Por essa altura, a experiência de luta do proletariado internacional, que passara, entretanto, por várias revoluções, era já grande. Foi no fogo desse movimento revolucionário que se forjaram pensadores como Marx e Engels, cuja doutrina iluminaria o caminho a percorrer pelo proletariado. Eles demonstraram que o regime burguês estava irremediavelmente condenado, que o proletariado triunfaria de maneira inevitável, conquistando o poder, reorganizando a vida e criando uma sociedade nova, comunista.

Lênin, que na sua juventude estudou a doutrina de Marx e Engels e sobre ela meditou profundamente, compreendeu que o marxismo era um guia para a ação da classe operária na Rússia, pois só ele poderia fazer com que os operários russos deixassem de ser ignorantes escravos, oprimidos e brutalmente explorados, transformando-os em lutadores conscientes e organizados pelo socialismo, fazendo da classe operária uma força poderosa, orientando na sua esteira o grosso dos trabalhadores e pondo cobro à exploração.

A doutrina de Marx esclareceu Lênin quanto ao rumo do desenvolvimento social.

“Se a nossa propaganda – dizia Lênin – alcança êxitos, isso não acontece por virtude da nossa habilidade propagandística, mas porque afirmamos a verdade”.

A profunda convicção é uma das características da propaganda leninista.

Lênin dominava perfeitamente a doutrina marxista; leu e releu cada uma das obras de Marx. O seu texto sobre Marx, escrito em 1914 para o Dicionário Enciclopédico de Granat, traz uma extensa bibliografia e é uma amostra do seu conhecimento da doutrina marxista. Todas as obras de Lênin demonstram.

O perfeito conhecimento dos assuntos em causa é a segunda característica da propaganda leninista.

Lênin conhecia a teoria marxista, todas as suas relações e conexões.

Em 1894, quando o movimento operário ainda despontava, Lênin escreveu *Quem são os verdadeiros “amigos do povo” e como lutam contra a social democracia*, texto onde fez a defesa da aplicação do marxismo na Rússia, de acordo com as nossas condições concretas e desde os primeiros passos do movimento operário.

É de notar que afirmou isso quando a maioria não podia assumir um papel de relevo na Rússia.

Em 1898, publicou *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, onde demonstrou, à base de inúmeros dados, que o desenvolvimento capitalista, apesar do atraso do país, se estava a fazer na Rússia.

Em 1902, *Que Fazer?*. Analisa aí o que deve ser o partido da classe operária na Rússia para poder conduzir a classe por uma via correta.

Em 1905, *As duas táticas da social-democracia na revolução democrática*.

Em 1907, quando a derrota da revolução de 1905 era já evidente, entre outras razões devido à insuficiente ligação do movimento operário com o campesinato, Lênin escreveu *O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa*, onde sublinhou a necessidade de uma sólida aliança revolucionária da classe operária e do campesinato, fundamentando toda a sua argumentação na experiência de 1905.

As questões cruciais para o movimento operário foram, todas elas, cuidadosamente estudadas à luz do marxismo por Lênin. Sabemos hoje a importância enorme que o livro de Lênin sobre o imperialismo, escrito no clímax da guerra mundial, e *O Estado e a Revolução*, publicado nas vésperas da Revolução de Outubro, tiveram entre nós. A relação estabelecida entre a teoria e a prática é uma particularidade das obras de Lênin:

nenhuma questão prática aparece nela separada da teoria, os problemas teóricos estão estreitamente vinculados à realidade viva, e isto permite ao leitor compreender facilmente tanto uns como outros. Quer nos trabalhos científicos, quer na propaganda oral e escrita, Lênin sabia fundir a teoria com a prática.

A arte de relacionar a teoria com a realidade viva, tornando compreensível, ao mesmo tempo, a teoria e a realidade circundante, é outra das características da propaganda leninista.

Não era por serem interessantes que Lênin estudava a teoria e a realidade. Se analisava a realidade à luz do marxismo era para tirar dela as conclusões que serviram de guia para a ação. A sua propaganda ligava-se de perto ao que, a cada momento, impunha-se fazer. Na Conferência sobre a Comuna de Paris, realizada na Suíça pouco depois da Revolução de Fevereiro de 1917, Lênin não tratou apenas de como os operários parisienses ganharam o poder em 1871 e do juízo de Marx sobre a Comuna, mas também o que os operários russos teriam que fazer quando conquistassem o poder. Isto explicava como Lênin sabia fazer da teoria um guia para a ação.

A arte de arvorar a teoria em guia para a ação é outra das características da propaganda leninista.

Apesar da amplitude dos seus conhecimentos e da sua vasta experiência de propagandista – as suas conferências e artigos de propaganda são numerosíssimos – Lênin preparava meticulosamente cada intervenção, cada conferência ou relatório. Os numerosos papéis das conferências de Lênin que se conservam, permitem-nos observar como ele pesava escrupulosamente as suas intervenções e a sua arte de destacar o mais necessário, o essencial, e ilustrar os seus pensamentos com exemplos brilhantes.

A preparação cuidadosa de cada intervenção, outra característica da propaganda leninista.

Lênin, nas suas intervenções, não ladeava os problemas delicados nem os atenuava, pelo contrário, colocava-os concretamente, de maneira nua e crua. Por vezes, agudizava mesmo as questões, não se assustando com as palavras fortes: considerava que a linguagem do propagandista não podia ser desapaixonada, semelhante ao murmúrio tranquilo de um regato. Ainda que por vezes falasse com brusquidão, com rudeza, as suas palavras ficavam gravadas na memória, emocionavam e atraíam.

Colocar frontalmente os problemas e sugerir o público pela foga: eis o método da propaganda leninista.

Lênin estudava atentamente as massas, conhecia as suas condições de trabalho, as suas condições de vida e os problemas concretos que as afligiam. Quando falava às massas, procurava uma linguagem que lhes fosse comum. Nas conferências e palestras tomava em consideração o que nesse momento mais preocupava o auditório, o que o auditório tinha mais dificuldade em compreender e o que lhe parecesse mais importante. Era pelo grau de atenção dos ouvintes, pelas perguntas e contestações que faziam, que Lênin se regulava para apreciar o estado de espírito do público, falar do que lhe interessava, explicar o que eles viam claramente e identificar-se com eles.

Lênin sabia identificar-se com o auditório e criar uma atmosfera de mútua compreensão.

E, finalmente, é de referir que, perante as massas, Lênin dava força às suas palavras. Falava com os operários, os camponeses pobres e médios e os soldados vermelhos de maneira chã, como camarada, como iguais. Não eram para Lênin “objetos de propaganda”, mas pessoas vivas que tinham sofrido e pensado muito, que exigiam atenção para as suas necessidades. “Falava a sério conosco”, diziam os operários, e apreciavam a sua lhanza, simplicidade e camaradagem. Os ouvintes notavam que Lênin se preocupava com as questões que abordava e isso era, para eles, o mais convincente.

A simplicidade com que explicava as suas ideias e a camaradagem que punha no trato com os ouvintes davam força à propaganda de Lênin, faziam-na particularmente frutífera e eficaz, como agora se diz.

A propaganda, a agitação e a organização não estão separadas por muralhas intransponíveis. O propagandista que saiba comunicar ao público o seu entusiasmo é, ao mesmo tempo, um agitador. O propagandista que saiba converter a teoria em guia para a ação facilita indubitavelmente o trabalho do organizador.

Na propaganda de Lênin as notas de agitação ressoavam vigorosamente e era dada toda a importância aos problemas de organização, o que não diminuía a força e a transcendência da propaganda.

Aprendamos, pois, com o Lênin propagandista.

Lênin agitador

“A nossa doutrina não é um dogma, mas um guia para ação”, diziam Marx e Engels. Lênin repetia frequentemente estas palavras. Toda sua atividade se orientou no sentido de fazer do marxismo o guia para a ação da classe operária.

Quando chegou a Petersburgo, em 1893, começou a explicar aos operários dos círculos como é que Marx concebia a situação e a tendência para o desenvolvimento da sociedade, ressaltando a importância que Marx dava à classe operária, à sua luta contra os capitalistas e explicando as razões que o levavam a dizer que o triunfo da classe operária era inevitável. Lênin procurava falar com a maior simplicidade, dando exemplos da vida dos operários russos. Via que os operários o escutavam com um grande interesse e assimilavam os fundamentos da doutrina de Marx, mas notava que não bastava falar, que era “necessário desenvolver amplamente a luta de classes”, que era preciso mostrar como isso se poderia fazer e destacar os problemas em torno dos quais se deveria organizar a luta. A tarefa consistia em pegar os fatos que mais preocupavam os operários, explicá-los e mostrar o que importava fazer para acabar com eles, ou modificá-los. Por exemplo: algumas das coisas que mais preocupavam os operários na década de noventa era a duração da jornada de trabalho, as multas, os descontos e o tratamento grosseiro. O círculo de Lênin resolveu mandar um camarada a certas fábricas para ajudar os operários a formular as reivindicações à administração. Depois imprimiam tarjetas que os operários apoiavam, unânimes.

A agitação punha as massas operárias em movimento.

“A propaganda deve estar indissolúvelmente ligada à agitação entre os operários; essa agitação passa naturalmente ao primeiro plano em virtude das atuais condições políticas da Rússia e o nível de desenvolvimento das massas operárias”, escrevia Lênin, em 1897, no texto *As tarefas da social-democracia russa*.

“A agitação entre os operários se faz com a participação dos social-democratas em todas as manifestações espontâneas da luta da classe operária, em todos os conflitos entre operários e capitalistas por causa da jornada de trabalho, do salário, das condições de trabalho, etc., etc. A nossa tarefa consiste em fundir a nossa atividade com os problemas práticos, cotidianos, da classe operária, ajudar os operários a se orientarem nestas questões, despertar a atenção dos operários para os principais abusos de que são alvo, ajudá-los a formular, da maneira mais exata e prática, as reivindicações perante os patrões, desenvolver nos operários a consciência da sua solidariedade, a consciência da comunidade de interesses e da comunidade da causa de todos os operários russos como classe operária única, parte do exército mundial do proletariado”.

Em 1906, tratando de como os encarregados da agitação eleitoral social-democrata deviam fazer entre os camponeses, Lênin escreveu:

“... a simples repetição da palavra ‘classe’ é insuficiente para demonstrar o papel de vanguarda do proletariado na atual revolução. A exposição da nossa doutrina socialista e da teoria geral do marxismo não bastam para demonstrar o papel da vanguarda do proletariado. Para o fazer, é necessário saber demonstrar com fatos, quando se analisam os problemas candentes da revolução atual, que os militantes do partido operário defendem com mais consequência, acerto, energia e habilidade que ninguém os interesses desta revolução e seu completo triunfo”.

A agitação, segundo Lênin, liga a teoria com a prática. Nisso reside a sua força.

A agitação desempenhou um papel muito importante na luta econômica dos operários, ensinando-os a utilizar a greve como método de luta contra os capitalistas e propiciando a conquista de algumas melhorias para a classe operária.

Com o entusiasmo pelos êxitos na luta econômica, surgiu no seio da social-democracia a corrente do “economismo”, que se caracterizava pelo menosprezo da teoria marxista, pelo culto da espontaneidade, pela tendência para reduzir as tarefas do proletariado à luta pela melhoria da sua situação econômica e pelo afã de restringir a agitação política entre os operários.

“Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário” – escreveu Lênin, em 1902, no *Que Fazer?*, saindo ao caminho dos economistas.

“Nunca é demais insistir nesta ideia numa altura em que à prédica posta em voga pelo oportunismo se junta um devotamento pelas formas mais estreitas da atividade prática”.

A agitação é um método para fomentar a atividade das massas, e não são os marxistas os únicos a utilizarem-na; a burguesia tem uma enorme e velha experiência neste sentido. Mas uma e outra agitação são

em absoluto distintas. Só “a justa solução teórica **assegura** o êxito sólido da agitação”, dizia Lênin no II Congresso do Partido.

O menosprezo pela teoria e a subestimação da sua importância – “absolutamente independente da vontade de quem a faz” – significa “fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários”. Deste modo, o fundamental, aquilo que Lênin dava importância, é o conteúdo da agitação.

Lênin se opunha a que a agitação se reduzisse exclusivamente aos apelos e exigia que ela se ligasse ao trabalho de esclarecimento.

Lênin considerava que a força da agitação estava no trabalho de esclarecimento, convenientemente organizado, simples e claro na forma.

É preciso “falar numa linguagem simples e clara, acessível às massas, abandonando decididamente a artilharia pesada dos vocábulos sábios, das palavras estranhas, as palavras-de-ordens, definições e conclusões aprendidas de antemão, mas que as massas ainda não entendem, nem conhecem” – escrevia Lênin, em 1906, num artigo intitulado *A social-democracia e os acordos eleitorais*.

Isso não significa, evidentemente, que Lênin negasse a utilidade das palavras-de-ordens.

“Em muitos casos, é conveniente, e por vezes necessário, coroar a plataforma eleitoral da social-democracia com uma palavra-de-ordem geral e breve, a palavra de ordem das eleições, que coloque os principais problemas da prática política imediata e proporcione a base e o material mais favoráveis e acessíveis para fazer a prédica do socialismo em todos os terrenos” – escreveu Lênin, em 1911.

Lênin condenava a demagogia, a excitação dos maus instintos das massas, aproveitando a sua ignorância. Afirmava: “... não me cansarei de repetir que os demagogos são os piores inimigos da classe operária”. A demagogia e as falsas promessas indignavam-no. O que os socialista-revolucionários prometeram aos camponeses!

Lênin nunca prometeu aos camponeses nada em que não acreditasse profundamente. Não admitia que, com a finalidade de se obterem êxitos, calassem-se os nossos objetivos socialistas, a nossa posição nitidamente classista. As massas apercebiam-se disso e compreendiam que Lênin falava “a sério” com elas (como dizia um operário ao recordar as intervenções de Lênin, em 1917).

Atacava ferosamente os economicistas que procuravam restringir o conteúdo da agitação. Em *As tarefas da social-democracia russa* (1897) Lênin afirmava:

“Se não há no campo econômico problema da vida operária que não seja utilizável para a agitação econômica, também não há no campo político problema algum que não sirva para a agitação política. Estes dois tipos de agitação estão indissolúvelmente ligados na atividade dos social-democratas, como o estão entre si as duas faces de uma medalha. Tanto a agitação política como a econômica são de igual modo indispensáveis para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado; tanto a agitação política como a econômica são de igual modo importantes para a direção da luta de classes dos operários russos, pois toda a luta de classes é luta política”.

“... A agitação multilateral é precisamente o foco onde coincidem os interesses candentes da educação política do proletariado e os interesses candentes de todo o desenvolvimento social e de todo o povo, de todos os elementos democráticos que nele existem. O nosso dever é nos metermos em todas as questões levantadas pelos liberais, definir a nossa posição de social-democratas perante eles e tomar providências necessárias para que o proletariado participe ativamente na sua solução e obrigue a resolvê-las à sua maneira.”

“Será possível nos limitarmos à propaganda da ideia de que a classe operária é hostil à autocracia? Naturalmente que não. Não basta **explicar** a opressão política a que os operários estão sujeitos (da mesma maneira que não bastava **explicar-lhes** o antagonismo entre os seus interesses e o dos seus patrões). É necessário fazer a agitação em volta de cada manifestação concreta dessa opressão (como começamos a fazê-la a propósito das manifestações concretas da opressão econômica). E dado que as mais diversas classes são vítimas **desta** opressão, dado que se manifesta nos mais diferentes aspectos da vida e da atividade sindical, civil, pessoal, familiar, religiosa, científica,

etc., etc., é ou não evidente que **não cumpriríamos a nossa missão** de desenvolver a consciência política dos operários se não nos **comprometêssemos** a organizar uma **vasta campanha de denúncias** da autocracia? Porque, para fazer agitação a propósito das manifestações concretas da opressão, é preciso denunciar essas manifestações (do mesmo modo que para fazer agitação econômica era necessário denunciar os abusos perpetrados nas fábricas).”

A Iskra, periódico clandestino editado no estrangeiro, teve ao seu cargo a denúncia política. De acordo com a intenção de Lênin, o periódico deveria converter-se num propagandista coletivo que contribuísse para fundir a atividade das massas numa única torrente e para colocar os problemas mais importantes.

“... Toda a vida política – escrevia Lênin, em 1902, no Que Fazer? – é uma cadeia sem fim formada por uma série infinita de elos. A arte do político está precisamente em achar e segurar com força o elo mais difícil de arrancar das mãos, o elo mais importante num momento determinado, e que garanta tanto quanto possível a quem o possua a posse de toda a cadeia...”.

A Iskra, dirigida por Lênin, sabia escolher os problemas mais importantes e desenvolvia em seu torno uma ampla agitação. Uma organização política adequadamente estruturada, que abarcasse as imensas massas trabalhadoras, elevava o papel do agitador.

O agitador – dizia Lênin – é um tribuno popular que sabe falar às massas, comunicar-lhes o seu entusiasmo e agarrar os fatos mais salientes e elucidativos. O discurso de um tribuno popular deste tipo encontra sempre eco nas massas e é apoiado pela energia da classe revolucionária.

Lênin foi um agitador, um tribuno popular deste tipo.

No verão de 1905, Lênin escreveu em As duas táticas da social-democracia na Revolução Democrática que

“toda a ação do POSDR se cristalizou já num marco definitivo, consistente e invariável, que garanta incondicionalmente a fixação do centro da gravidade na propaganda e na agitação, nos comícios relâmpagos e nas reuniões de massa, na difusão de prospectos e folhetos, na contribuição para a luta econômica e no apoio das suas palavras-de-ordens”.

Mas, se agitação entrou já no âmbito do trabalho prático e adquiriu formas determinadas, ISSO NÃO SIGNIFICA QUE LÊNIN TOLERASSE, UM MOMENTO SEQUER, QUE ELA SE TRANSFORME NUM CHAVÃO.

Lênin exigia que se abordassem as diferentes camadas da população de maneiras diversas. Qualquer social-democrata que pronuncie, seja onde seja, um discurso político, tem de falar sempre obrigatoriamente da república. Mas é necessário saber falar da república. Não se pode falar dela nos mesmos termos num comício, numa fábrica e numa aldeia cossaca, numa reunião de estudantes ou num casebre de camponeses, nas tribunas da III Duma e nas páginas de uma publicação editada no estrangeiro.

“A arte de qualquer propagandista e de qualquer agitador consiste precisamente em influenciar o melhor possível cada auditório dado, apresentando as verdades conhecidas da forma mais convincente, compreensível e assimilável”, escreveu Lênin, em dezembro de 1911.

Isto, evidentemente, não significa que se deva falar a uns de uma coisa e a outros de outra. Trata-se apenas da maneira de abordar a questão. Recordo-me dos anos que vivemos em Paris e frequentávamos as sessões eleitorais. Lênin interessava-se particularmente pela maneira como os socialistas falavam nas reuniões públicas. Lembro-me que uma vez ouvimos um socialista discursar num comício operário e voltamos depois a ouvi-lo numa reunião de intelectuais, onde predominavam professores. O conferencista disse na segunda reunião precisamente o contrário do que tinha dito na primeira. Desejava apenas ter o maior número de votos nas eleições. Lênin ficou indignado: o conferencista mostrava-se radical perante os operários e oportunista perante os intelectuais.

Lênin considerava de grande importância o saber explicar as palavras-de-ordens gerais, baseando-se nas questões locais.

“É necessário utilizar o melhor possível o órgão central na agitação local: reimprimindo-o, **explicando** em panfletos as ideias e as palavras-de-ordens, desenvolvendo-as ou modificando-as consoante

as condições locais, etc.”, eis o que Lênin afirmava, em 1905, em nome da redação do *Proletari* no periódico *Rabochi*⁽¹⁾.

Nunca se cansava de insistir para que se mudassem as massas, para que se lhes falasse habilmente. Lênin estudava constantemente as massas, sabia escutá-las, compreender o que diziam, e captar a essência do que o operário e o camponês pretendiam expor.

Ao falar da ditadura do proletariado e de como os comunistas se devem preparar para ela, Lênin disse nas *Teses acerca das tarefas fundamentais do II Congresso da Internacional Comunista* (julho de 1920):

“A ditadura do proletariado é o pleno exercício da direção de todos os trabalhadores e explorados – aqueles que a classe capitalista oprimia, vexava, perseguia, desunia e enganava – pela única classe que o desenvolvimento histórico do capitalismo preparou para esta função dirigente. Daí que a preparação da ditadura do proletariado deve ser iniciada desde já por toda a parte, da seguinte maneira, entre outras”.

Depois de sublinhar a necessidade de organizar células comunistas, Lênin prossegue:

“... estas células estreitamente ligadas entre si e com os órgãos centrais do Partido, permutando entre si suas experiências, realizando um trabalho de agitação, de propaganda e de organização, e adaptando-se a todas as esferas da vida social, a todas as categorias e setores das massas trabalhadoras, devem educar-se a si mesmas com regularidade através deste trabalho multilateral e educar o Partido, a classe e as massas”.

E mais adiante:

“... no que se refere às massas, é preciso aprender a abordá-las do modo mais paciente e cauteloso, para chegar a compreender as particularidades e os aspectos originais da psicologia de cada camada, profissão, etc.”.

Aprender a abordar as massas, era nisso que Lênin via a preparação do Partido para a ditadura do proletariado. Foi isso o que aprendeu com particular tenacidade durante toda a sua vida.

Lênin NÃO TOLERAVA NENHUM CHAVÃO NA ESCOLHA DAS PALAVRAS-DE-ORDENS em torno das quais a agitação era feita. Dava grande importância à sua escolha. Num relatório sobre os partidos pequeno-burgueses apresentado a uma reunião de funcionários do Partido, em novembro de 1918, Lênin assinalou que:

“toda a palavra-de-ordem se pode tornar mais rígida que o necessário”.

Ele dava uma extraordinária importância à flexibilidade na agitação, à arte de escolher numa cadeia de fatos o elo que permitisse arrastar toda a cadeia, ou seja, elucidar todo o conjunto de fenômenos.

Quando, nos inícios da década de 90, entrei para um círculo estudantil, sem ser ainda marxista, os camaradas deram-me para ler as *Cartas Históricas*, de Mirtov (Lavrov). As Cartas me impressionaram imensamente. Anos depois, na deportação em Shishenkoie, Lênin e eu conversamos sobre este tema. Eu falava delas com muita “suavidade”. Ilich criticava-as numa perspectiva marxista. O meu último argumento foi este: “não terá acaso razão Lavrov quando diz: ‘A bandeira que é revolucionária num momento, poderá ser reacionária no momento seguinte?’”. Ilich me respondeu que esse pensamento era correto, o que, no entanto, não fazia que todo o livro também o fosse.

Ao longo de toda a sua atividade, o Partido, mantendo-se fiel aos seus princípios fundamentais, teve de constantemente mudar as palavras-de-ordens de acordo com as mutações das condições. E as condições de trabalho mudavam sem cessar.

No Verão de 1905, Lênin escreveu aos camaradas da Rússia que era muito importante dar a conhecer aos operários que o órgão central do Partido se editava clandestinamente no estrangeiro com uma tiragem de dois mil exemplares e a sua difusão se fazia ilegalmente. Aos operários apenas chegavam alguns desses exemplares. Mas, ao cabo de uns meses, as condições mudaram radicalmente.

“Agora, a tribuna de onde podemos influir mais amplamente sobre o proletariado é o diário de Petersburgo (podemos publicar dez mil exemplares e reduzir o preço de venda até um copeque)”, escreveu Lênin a Plekanov, nos fins de outubro de 1905.

Em dezembro de 1911, Lênin expôs a importância enorme da “Duma do Estado como tribuna de agitação”. Essa importância era também compreendida pelos liberais, os kadetes, que já na segunda Duma insistiam no fato de os bolcheviques terem abandonado este ponto de vista sobre a Duma.

Quando mudavam as condições, repito, mudavam as palavras-de-ordens.

Em 1897, Lênin assinalou no folheto *As tarefas dos social-democratas russos* que não se deviam dispersar, mas sim, concentrar todas as forças no trabalho entre o proletariado das cidades. Fazer nesse momento agitação nas aldeias seria gastar inutilmente as energias. Mas, em 1907, Lênin escreveu:

“É preciso decuplicar o nosso trabalho de agitação e organização entre os camponeses, entre os que nas aldeias passam fome e entre os que no Outono passado mandaram os seus filhos para o exército e viveram aí o grande ano da revolução”.

A arte de apreciar cada momento de um ponto de vista marxista, de analisar os acontecimentos em todas as suas conexões, consequência e desenvolvimento, e de determinar o que a classe operária necessita num momento dado para triunfar, a consideração dialética marxista, dos momentos vividos apetrechou o Partido com a arte de escolher corretamente as palavras-de-ordens e de agarrar o elo fundamental. Lênin deu uma contribuição particularmente valiosa à análise das tarefas do Partido em cada etapa.

A escolha correta das palavras-de-ordens ligava a teoria com a prática e dava particular eficácia à agitação. A palavra-de-ordem da “paz” e a palavra-de-ordem da “terra”, lançadas antes de Outubro pelos bolcheviques, asseguraram o triunfo da classe operária e calaram profundamente no espírito dos camponeses e dos soldados. Lênin qualificava de fraseologia revolucionária as palavras-de-ordens que, mesmo brilhantes, não se baseavam na situação real.

Quando, em 1918, colocou-se o problema de aceitar as duríssimas condições de paz com a Alemanha, e alguns, opondo-se à conclusão da paz, falavam da guerra revolucionária, Lênin criticou-os num artigo intitulado *Acerca dos compromissos*:

“A fraseologia revolucionária é a repetição de palavras-de-ordens revolucionárias sem ter em conta as circunstâncias objetivas, a marcha dos acontecimentos e a situação das coisas. Palavras-de-ordens magníficas, sugestivas, embriagadoras, mas sem base firme, eis a essência da fraseologia revolucionária”, escreveu Lênin. “Quem não queira adormecer com palavras, discursos e exclamações – prossegue – não pode deixar de ver que a palavra-de-ordem de guerra revolucionária, em fevereiro de 1918, é uma palavra-de-ordem atrás da qual nada há de real e de objetivo. Sentimento, desejo, irritação, indignação, eis o único **conteúdo** desta palavra-de-ordem nos momentos atuais. À palavra-de-ordem que apenas tenha um conteúdo semelhante dá-se o nome de fraseologia revolucionária”.

“O trabalho de agitação política nunca se faz em vão”, escrevia Lênin, em 1908, quando a reação atingia o seu apogeu. “O seu êxito não se mede apenas pelo fato de a conseguirmos fazer agora e que a maioria tenha concordado numa ação política coordenada. Há, no entanto, a possibilidade de não conseguirmos isso: mas precisamente porque somos um partido proletário organizado não devemos nos deixar perturbar pelos reveses transitórios, fazendo o **nosso trabalho** com tenacidade, de maneira imutável, inclusive, nas condições mais difíceis”.

A vida demonstrou que Lênin tinha razão. Em 1912, começou o afluxo revolucionário e reviveram-se as tradições de 1905, que contribuíram para que os operários contestassem os acontecimentos do Lena com uma grandiosa greve de massas. Os operários compreenderam e ressuscitaram imediatamente esta tradição.

Lênin chamava à greve revolucionária de massas o método proletário de agitação.

“A revolução russa – escreveu Lênin, em junho de 1912 – desenvolveu, pela primeira vez, em vastas proporções, este método proletário de agitação, este método de despertar, coesionar as massas e incorporá-las na luta. E agora o proletariado põe de novo em ação, e ainda com maior firmeza, este método. Não há no mundo nenhuma força capaz de fazer o que a vanguarda revolucionária do proletariado faz com este método. Este imenso país com 150 milhões de habitantes, dispersos pela sua extensão gigantesca, divididos, oprimidos, sem direitos, ignorantes, afastados ‘das influências perniciosas’ por um enxame de autoridades, polícias, espões; **todo** este país entra em efervescência. Os setores mais atrasados, quer dos operários quer dos camponeses, entram em contato direto ou indireto com os grevistas. Aparecem de chofre em cena centenas de milhares de agitadores revolucionários, cuja influência se intensifica infinitamente porque estão ligados indissolivelmente com a base, com as massas, permanecem nas suas fileiras, lutam pelas necessidades mais imediatas de **cada** família

operária, enlaçam esta luta direta pelas necessidades econômicas imediatas com o protesto político e a luta contra a monarquia. A contrarrevolução inculcou em milhões e dezenas de milhões de homens o ódio profundo à monarquia, os germens de compreensão do seu papel, e agora a palavra-de-ordem dos operários avançados da capital – “Viva a República Democrática” – flui sem cessar através das milhares de condutas que vão de cada greve para os setores mais atrasados, para as províncias mais distantes, para o ‘povo’, ‘para as profundezas’ da Rússia”.

As massas convencem-se com fatos, não acreditam nas palavras, mas nos atos.

Na sua intervenção ao III Congresso dos Sovietes, Lênin afirmou:

“Sabemos que se levanta agora outra voz entre as massas populares; elas dizem a si próprias: a partir de agora não devemos temer o homem da espingarda porque defende os trabalhadores e afastará implacavelmente a dominação dos exploradores. O povo se deu conta disso, e, por isso, a agitação feita pelas pessoas simples e pouco instruídas, quando dizem que os guardas vermelhos dirigem todo o seu poder contra os exploradores, é uma agitação invencível”.

Durante a guerra civil, a agitação adquiriu proporções extraordinárias. O Comitê Central Executivo da Rússia organizou então comboios e barcos de agitação. Vladimir Ilich deu extrema atenção a este trabalho e dispôs algumas indicações acerca da escolha do pessoal, do caráter da agitação e de como se devia tomar em conta o trabalho já realizado.

Os decretos do Poder Soviético tinham igualmente grande relevância no terreno da propaganda e da agitação. Lênin escreveu:

“... Se renunciássemos a apontar nos decretos o caminho a seguir, trairíamos o socialismo. Estes decretos que puderam imediatamente ser aplicados na íntegra, desempenharam um importante papel do ponto de vista da propaganda. Se anteriormente tínhamos feito a nossa propaganda na base das verdades comuns, hoje **temos de a fazer com o nosso trabalho**. Este também é propaganda pela ação, e não no sentido de ações isoladas de alguns indivíduos, que tanta chacota nos provocaram na época dos anarquistas e do velho socialismo. Os nossos decretos são apelos, mas não no velho estilo: “Operários, levantai-vos e derrubai a burguesia!”. Não, são exortações às massas, são apelos a ações práticas. Os decretos são **instruções que convidam à ação prática das massas. Isso é o essencial**”.

LÊNIN RELACIONAVA ESTREITAMENTE A AGITAÇÃO COM A PROPAGANDA E COM A ORGANIZAÇÃO.

“A agitação ajuda as massas a se organizar – dizia Lênin –, coesiona-as e ajuda-as a atuar em uníssono”.

A agitação teve importância organizativa nos momentos da revolução, mas não a tem menos na fase da construção do socialismo. As formas de agitação mudam, mas a agitação continua a ter importância organizativa e, principalmente, a AGITAÇÃO PELOS ATOS, PELO TRABALHO E PELO EXEMPLO.

Lênin dava particular importância à **agitação pelo exemplo**. No artigo *Tarefas atuais do Poder Soviético*, escrito entre março e abril de 1918, Lênin sublinhou a grande força de agitação que o exemplo adquiriu na sociedade soviética.

“Com os métodos capitalistas de produção, a importância de cada exemplo isolado, suponhamos de uma cooperativa de produção, fica infalivelmente limitada ao extremo, e só uma fantasia pequeno-burguesa podia sonhar em “corrigir” o capitalismo através da influência de instituições modelo. Depois do poder político passar para as mãos do proletariado, depois da expropriação dos expropriadores, a situação muda radicalmente e, de acordo com as repetidas indicações de destacados socialistas, a força do exemplo adquire pela primeira vez a possibilidade de influenciar em grande escala. As comunas modelo devem servir e servirão como exemplo educador, como ensino e estímulo para as comunas atrasadas. A imprensa deve ser um instrumento para a construção do socialismo, difundido com todos os pormenores os êxitos das comunas modelo, analisando as causas dos seus êxitos, o modelo de organização das suas economias, colocando, por outro lado, na “lista negra” as comunas que obstinam em conservar as

“tradições do capitalismo”, quer dizer, a anarquia, a folgança, a desordem, a especulação”.

LÊNIN DAVA ENORME IMPORTÂNCIA À EMULAÇÃO SOCIALISTA COMO MEIO DE AGITAÇÃO.

Quando a guerra civil estava prestes a acabar, Lênin assinalou que a propaganda e a agitação deveriam ser dirigidas para outros fins, ligando-se o mais estreitamente possível à construção socialista e, sobretudo, às tarefas de edificação econômica e da economia planificada.

“A propaganda do velho tipo – dizia Lênin – fala e dá exemplos do que é comunismo. Mas essa velha propaganda não serve para nada, porque é preciso mostrar como é que se deve construir o socialismo. Toda a propaganda deve basear-se na experiência política da edificação econômica... A nossa política fundamental nestes momentos deve ser a construção econômica do Estado... E toda a agitação e propaganda devem basear-se nisso. Todo o agitador deve ser dirigente do Estado, um dirigente dos camponeses e dos operários na edificação do socialismo”.

Lênin exigia que se reforçasse o trabalho econômico e político de comboios e barcos de agitação, incluindo nas suas seções políticas agrônomos e peritos, escolhendo publicações técnicas e políticas adequadas, exigia que se rodassem filmes sobre temas agrícolas e industriais e que se comprassem no estrangeiro filmes desse tipo.

Exigia aos centros de instrução política que organizassem em grande escala a propaganda técnica, redigia teses sobre esta questão, pedia que se estudassem as formas que esta propaganda e agitação industrial se revestia no estrangeiro, sobretudo, nos Estados Unidos, e que se estudasse a aplicação destes métodos no nosso país. Relativamente ao relatório da GOELRO, exigia que se incorporassem as amplas massas operárias no trabalho de eletrificação e que se desse caráter político à agitação em torno de um plano único de eletrificação, exigia que se ampliasse o horizonte politécnico dos operários, sem o qual seria impossível compreender a essência da economia planificada.

Lênin sonhava apaixonadamente transformar o País dos Soviets numa espécie de centro de agitação que convencesse com exemplos, numa tocha que iluminasse o proletariado do mundo inteiro.

Texto 9: J. P. Cannon, A História do Trotskismo Norte-Americano

(...) Nossa imprensa apontava diretamente para os membros do Partido Comunista [que era o partido dos estalinistas, mas que organizava a maioria dos trabalhadores]. Não tentávamos convencer o mundo inteiro. Dirigimos nossa mensagem primeiro para aqueles que consideramos a vanguarda, aqueles que se viam mais interessados em nossas idéias. Nós sabíamos que tínhamos de recrutar ao menos os primeiros destacamentos de suas fileiras.

Depois que nosso pequeno jornal foi impresso, os editores, tanto como os membros, tivemos que sair a vender. Nós escrevíamos o jornal. Íamos na gráfica, ansiosos sobre as provas, até que o último erro fosse corrigido, esperando com ansiedade ver a primeira cópia saindo da impressora. Isto era sempre uma emoção — uma nova impressão [do jornal] The Militant, uma nova arma. Depois com os pacotes debaixo dos braços íamos vendê-los nas esquinas das ruas, na Union Square. Por certo que esta não era a forma mais eficiente do mundo para três editores, transformar-se em três jornaleiros. Porém, tínhamos pouca ajuda e tínhamos que fazê-lo, não sempre e mas algumas vezes. E isto não era tudo. Para vender nosso jornal na Union Square tínhamos que nos defender contra os ataques físicos [dos estalinistas, nessa época eles tentavam bater nos trotskistas que começavam a se organizar para impedir que o nosso partido se desenvolvesse].

Folheando hoje o primeiro número de The Militant, refrescando minha mente sobre alguns acontecimentos daqueles dias, li a primeira história sobre os ataques físicos contra nós, que começaram umas poucas semanas depois de nossa expulsão. Os stalinistas se surpreenderam a princípio. Antes que eles soubessem como íamos golpear tivemos o jornal e nossos camaradas estavam em frente do quartel general do PC vendendo [o jornal] The Militant a cinco centavos o exemplar. Isto criou uma tremenda sensação. Por umas poucas semanas eles não sabiam o que fazer. Depois decidiram provar com métodos de Stálin, o da força física.

(...) Aqueles foram os dias duros, mais apesar de tudo levamos em frente nossas tarefas de propaganda e de conjunto as fizemos bastante bem. Na Conferência de Chicago tínhamos decidido que a qualquer custo íamos publicar a mensagem completa da Oposição Russa, todos os documentos acumulados, que haviam sido

suprimidos, e os escritos recentes de Trotsky, que eram muito úteis para nós. Decidimos que a coisa mais revolucionária que podíamos fazer não era sair por aí a fora a proclamar a revolução na Union Square, tampouco tratar de nos pôr à cabeça de dezenas de milhares de operários que não nos conheciam, nem saltar sobre nossas próprias cabeças.

Nossa tarefa, nossa obrigação revolucionária, era imprimir, fazer propaganda no sentido mais estrito e concentrado, ou seja, publicação e distribuição de literatura teórica [o jornal cumpria esse papel]. Para este fim empobrecemos nossos membros para juntar dinheiro para comprar uma impressora de linotipo de segunda-mão e organizar nosso próprio negócio de impressão. De todos os negócios de empresas que foram idealizados na história do capitalismo, penso que este é o melhor, considerando os meios disponíveis. Se não houvésemos estado interessado na revolução penso que teríamos nos qualificado facilmente, só sobre a base desta empresa, como muito bons especialistas em negócios. Certamente fizemos todo o tipo de manobras para conservar este negócio andando. Contratamos um camarada jovem, que recentemente havia terminado a escola de linotipia, para operar a máquina. Não era um mecânico de primeira classe na época; agora ele não só é um bom mecânico mas também um dirigente partidário e um professor do *staff* da Escola de Ciências Sociais de Nova Iorque. Naqueles dias o peso completo da propaganda do partido apoiava-se sobre este solitário camarada que manejava a máquina de linotipia. Há uma história sobre ele — eu não sei se é verdade ou não — de que nunca soube muito sobre a máquina. Era uma máquina arruinada, de segunda-mão, que nos havia sido empurrada. A qualquer momento parava de trabalhar, como uma mula cansada. Charlie a ajustava com umas poucas chaves e se isto não ajudava, tomava um martelo e dava no linotipo uma ou duas marteladas. Depois começava a trabalhar de maneira apropriada de novo e outra impressão do [jornal] *The Militant* saía.

(...) Fizemos soar o alarme do eminente enfrentamento entre fascismo e comunismo na Alemanha. Depois, porquanto os acontecimentos fossem mais agudos, com fatos novos todos os dias na Alemanha, fizemos algo absolutamente sem precedentes para um pequeno grupo como o nosso. Transformamos nosso jornal. *The Militant* — que naquela época era um [jornal] semanário — passamos a tirá-lo três vezes por semana, cada edição agitava a mensagem do trotskismo sobre os eventos na Alemanha. Vocês poderiam perguntar como fizemos e eu não seria capaz de responder-lhes. Contudo fizemos. Não era possível, porém há um lema entre os trotskistas que em tempos de crises não se faz o que é possível e sim o que é necessário. E nós pensávamos que era necessário sair de nossa rotina de discussões e críticas aos stalinistas, para fazer algo que atingia a todo o movimento operário, que se dera conta do quanto fatais eram para o mundo inteiro o que se passava na Alemanha. Queríamos chamar a atenção de todos os operários e especialmente dos trabalhadores comunistas. Apressamos os ritmos. Começamos a gritar, a soar o alarme. Nossos camaradas corriam a cada manifestação que pudessem encontrar, até a mais insignificante reunião de operários, com fardos de *The Militant* debaixo dos braços, gritando com a voz mais forte possível: “Leiam *The Militant*”, “Leiam a verdade sobre a Alemanha”, “Leiam o que disse Trotsky”.

(...) Nossa Liga saiu com tudo para greve [dos hoteleiros de Nova York], como havíamos feito na crise alemã na primeira parte de 1933. Quando a situação alemã chegou ao ponto de quebra, produzimos *The Militant*, [o jornal do partido], três vezes na semana para dramatizar os eventos e aumentar nosso poder para golpear. Fizemos o mesmo na greve hoteleira de Nova York. *The Militant* era levado por nossos camaradas a todas as manifestações e linhas de piquetes. Para que todo trabalhador da empresa em greve visse *The Militant*, popularizando a greve, dando o ponto de vista dos grevistas, expondo as mentiras dos patrões, e oferecendo algumas idéias no caminho de fazer triunfar a greve. Nossa organização inteira, em todo o país, foi mobilizada para ajudar a greve dos hoteleiros em Nova York como tarefa número um; ajudar o sindicato a ganhar a greve e permitir a nossos camaradas estabelecer a influencia e o prestígio do trotskismo na luta. Essa é uma das características do trotskismo. O trotskismo nunca faz algo pela metade. Atua de acordo com a velha máxima: O que merece ser feito, merece ser bem feito. Esse foi o modo com que atuamos na greve hoteleira. Colocamos tudo na tarefa de fazê-la triunfar. A organização inteira de Nova York foi mobilizada; procuravam em suas bolsas buscando o último centavo para pagar o tremendo gasto das três vezes na semana do [jornal] *The Militant*. Os camaradas em todo o país faziam o mesmo. Levamos a organização quase a ponto de quebra para ajudar aquela greve.

Texto 10: Tony Cliff, Lenin e a construção do partido 1975

Capítulo 19

Pravda

O Periódico Legal

Os bolcheviques usaram todas as oportunidades legais para publicar seus materiais. A conferência de janeiro de 1912 do partido, como mencionamos, decidiu publicar um periódico legal, o Pravda. Ele substituiu o anterior Zvezda, um jornal semanal, publicado legalmente em São Petersburgo desde 16 de dezembro de 1910. Em janeiro de 1911, começou a aparecer duas vezes por semana e, a partir de março, três vezes por semana. As autoridades proibiram repetidamente. Eles confiscaram 30 e multaram oito de um total de 63 números. Zvezda, ao organizar coletas em massa de dinheiro de grupos de trabalhadores, preparou o terreno para o Pravda, cuja primeira edição saiu em 22 de abril de 1912.

O Pravda também sofreu perseguições regulares e teve que mudar seu nome oito vezes, tornando-se, por sua vez, Rabochaya Pravda (Verdade Operária), Severnaya Pravda (Verdade do Norte), Pravda Truda (Verdade do Trabalho), Za Pravda (Pela Verdade), Proletarskaya Pravda (Verdade Proletária), Put Prady (O Caminho da Verdade), Rabochy (O Trabalhador) e Trudovaya Pravda (a Verdade do Trabalho).

De novo e de novo, as instalações do Pravda foram invadidas, edições confiscadas, multas impostas, editores presos e os jornalheiros que vendiam o jornal assediados. Ainda assim, o jornal continuou a aparecer. De 22 de abril de 1912 a 8 de julho de 1914, 645 edições foram publicadas. Isso foi possível graças à engenhosidade do pessoal do jornal em contornar as ações judiciais, ao apoio financeiro dos leitores, às brechas na lei da imprensa e à ineficiência da polícia.

O uso de uma linguagem críptica permitiu ao Pravda discutir as questões do dia sem arriscar o confisco automático. Como era proibido referir-se ao POSDR, falava do “subterrâneo”, do “todo” e do “velho”. O programa bolchevique de três partes de uma república democrática, o confisco das propriedades fundiárias e a jornada de oito horas foi referido como as “exigências incontidas de 1905”, ou os “três pilares”. Um bolchevique era um “democrata consistente” ou um “marxista consistente”. Os operários avançados sabiam ler e entender o jornal.

Os regulamentos da imprensa exigiam que as três primeiras cópias de cada edição fossem enviadas ao censor. Os editores estavam determinados a distribuir o Pravda, quer o censor aprovasse ou não. Assim, tentaram ganhar o máximo de tempo possível entre o envio das três cópias e a chegada frequente da polícia à gráfica, e resolveram o problema de maneira engenhosa. A lei que exigia o envio das cópias para o censor não especificava quanto tempo a viagem deveria levar. A tarefa diária de entregá-los foi confiada a um trabalhador da imprensa de 70 anos, cujos anos avançados e marcha lenta garantiam que levaria algo como duas horas para chegar ao escritório do censor. Depois de entregar os jornais, o velho permanecia no escritório, supostamente para descansar, mas realmente para ficar de olho no censor, que examinava outros jornais além do Pravda. Se depois de ler o Pravda se virava para outro jornal, o velho voltava devagar para a gráfica. Mas se o censor telefonasse para o Terceiro Distrito da Polícia, que incluía as obras de impressão do Pravda, o velho saía disparado, chamava um táxi e corria de volta. Os vigias estariam em volta da gráfica, aguardando seu retorno, e quando o viam chegando na esquina a toda velocidade, sabiam imediatamente o que havia acontecido. O alarme era acionado e todos começavam a trabalhar febrilmente. Os jornais eram removidos e escondidos, o departamento de distribuição fechado e a imprensa parada. No momento em que a polícia chegava, a maioria dos documentos havia desaparecido, apenas alguns deixados para trás por causa do “protocolo”.

Foram nomeados editores nominais que iriam para a prisão enquanto os verdadeiros editores permaneciam livres. Havia aproximadamente 40 desses "editores", que eram bastante analfabetos. No primeiro ano da existência do Pravda, eles passaram 47 meses e meio na prisão. Das 645 edições publicadas, a polícia tentou sem sucesso confiscar 155, e 36 números incorreram em multas.

De cada edição, metade era vendida nas ruas por jornalheiros e metade nas fábricas. Em grandes fábricas em São Petersburgo, cada departamento tinha uma pessoa responsável. Ela distribuía o jornal, coletava fundos e mantinha contato com os editores. A distribuição fora de São Petersburgo era muito difícil. É verdade que o Pravda tinha 6.000 assinaturas postais, mas distribuí-las não era tão fácil quanto poderia parecer. Os

exemplares tinham de ser envolvidos para proteção e enviadas por correio de meia dúzia de agências de correio diferentes, que eram trocadas diariamente para afastar a polícia da pista. Além disso, pacotes de *Pravda* eram entregues às províncias por um número de rotas complexas. Assim, membros do partido ou simpatizantes que trabalhavam nas ferrovias jogavam fora os pacotes em locais especialmente organizados ao longo da rota, onde outros camaradas os esperariam. Em uma cidade, cópias foram enviadas diretamente para os correios, onde um camarada entre os carteiros se encarregava deles quando chegavam.

A tiragem do *Pravda* era bastante impressionante, especialmente se levarmos em conta o status ilegal do partido que o publicava. Ela variou entre 40.000 e 60.000 por dia, a quantidade mais alta alcançado aos sábados. Esse foi um passo gigantesco das quatro cópias originais de folhetos que Lenin escreveu à mão e depois copiou cuidadosamente em letras impressas. Foi também um grande contraste com o primeiro artigo sobre o qual Lenin colaborou em 1897, o *São Petersburgo Rabochy Listok* (Boletim dos Trabalhadores de São Petersburgo), órgão da Liga de Luta de São Petersburgo pela Emancipação da Classe Trabalhadora. Este primeiro periódico teve duas edições - uma mimeografada na Rússia, com 300-400 cópias (janeiro de 1897) e a segunda impressa em Genebra (setembro de 1897). Uma circulação de 40.000 a 60.000 pode parecer modesta pelos atuais padrões ocidentais, mas sob as condições repressivas do czarismo, foi uma grande conquista, e as ideias do jornal encontraram resposta entre centenas de milhares de trabalhadores.

No entanto, Lenin estava longe de estar satisfeito com a circulação. Ele escreveu em abril de 1914, em um artigo chamado *Nossas Tarefas*, escrevia:

O Put Pravdy deve circular em três, quatro e cinco vezes mais cópias do que hoje. Temos de criar um suplemento sindical e ter representantes de todos os sindicatos e grupos no conselho editorial. Nosso trabalho deve ter suplementos regionais (Moscou, Urais, Caucásio, Báltico, Ucrânio) (...) A crônica da vida organizacional, ideológica e política dos trabalhadores conscientes da classe deve ser expandida muitas vezes

(...) Put Pravdy em sua forma atual é essencial para o trabalhador com consciência de classe e deve ser ainda mais ampliado, mas é muito caro, muito difícil, muito grande para o trabalhador na rua, para as bases, para qualquer um dos milhões ainda não atraídos pelo movimento.

Há necessidade de começar com Vechernaya Pravda de um kopek [o Pravda custava 2 kopeks], com uma tiragem de 200.000 ou 300.000 cópias ...

Devemos assegurar um nível muito maior de organização por parte dos leitores de Put Prady do que há agora, em suas várias fábricas, distritos, etc., e uma participação mais ativa na correspondência, na execução e na circulação do periódico. Precisamos fazer com que os trabalhadores participem regularmente do trabalho editorial.

As aspirações de Lenin para um jornal de circulação em massa não deveriam ser alcançadas até depois da revolução.

Um jornal operário de verdade

Pravda não era um jornal para os trabalhadores; era um jornal dos trabalhadores. Era muito diferente de seu homônimo, o bimensalmente editado por Trotsky em Viena (1908-1912), que era praticamente todo escrito por um minúsculo grupo de brilhantes jornalistas (Trotsky, Adolphe Ioffe, David Ryazanov e outros). Como Lênin escreveu: “O diário operário de Trotsky é o diário de Trotsky para os trabalhadores, já que não há vestígios de iniciativa dos trabalhadores nem de qualquer conexão com organizações da classe trabalhadora”. Em contraste, no *Pravda* de Lenin, mais de 11 mil cartas e correspondências de trabalhadores foram publicadas em um único ano, ou cerca de 35 por dia.

Alguns meses depois de ter começado a publicação, Lenin expôs seu conceito de um jornal dos trabalhadores:

Quando analisam os relatórios sobre as coletas de trabalhadores em conexão com cartas de trabalhadores de fábricas e escritórios em todas as partes da Rússia, os leitores do Pravda, a maioria dos quais estão dispersos e separados uns dos outros pelas severas condições externas da vida russa, ganham alguma ideia de como os proletários de vários ofícios e várias localidades estão lutando, como estão despertando para a defesa da democracia da classe trabalhadora.

A crônica da vida dos trabalhadores está apenas começando a se transformar em uma característica permanente do Pravda. Não pode haver dúvida de que, posteriormente, além de cartas sobre abusos em fábricas, sobre o despertar de uma nova seção do proletariado, das coletas para um ou outro campo da causa dos trabalhadores, o jornal dos trabalhadores receberá relatórios sobre as opiniões e sentimentos dos

operários, campanhas eleitorais, a eleição dos delegados dos trabalhadores, o que os trabalhadores leem, as questões de particular interesse para eles, e assim por diante.

O jornal dos trabalhadores é um fórum dos trabalhadores. Ante toda a Rússia, os trabalhadores deveriam levantar aqui, um após o outro, as várias questões da vida dos trabalhadores em geral e da democracia da classe trabalhadora em particular.

Lenin acreditava que os próprios trabalhadores deviam escrever sobre suas vidas.

Os trabalhadores devem, apesar de todos os obstáculos, tentar de novo e de novo compilar as estatísticas de greve dos seus próprios trabalhadores. Dois ou três trabalhadores com consciência de classe poderiam compilar uma descrição precisa de cada greve, a hora em que começa e termina, o número de participantes (com distribuição de acordo com o sexo e a idade, sempre que possível), as causas e os resultados da greve. Essa descrição deve ser enviada em uma cópia para a sede da associação de trabalhadores em questão (sindicato ou outro órgão, ou o escritório do jornal sindical); uma segunda cópia deve ser enviada ao jornal central dos trabalhadores; por último, uma terceira cópia deve ser enviada a um deputado da classe trabalhadora da Duma para sua informação (...) Somente se os operários se envolvem, serão capazes de ajudar a ter uma melhor compreensão de seu próprio movimento – com o tempo, e depois de trabalhar obstinadamente e com esforços persistentes – assegurar desta maneira maiores conquistas para o dito movimento.

Lenin sabia escrever artigos curtos e muito populares para o **Pravda**. Eles sempre foram factuais, e todo artigo era centrado em apenas uma ideia, que foi discutida. Ele pode repetir um tema repetidas vezes, mas sempre usando ângulos diferentes, um exemplo diferente, histórias diferentes. (...)

Lenin admirava GN Chernyshevsky como o maior dos revolucionários russos. A semelhança entre os dois homens, incluindo seu estilo, era impressionante. Chernyshevsky no começo do seu **O que deve ser feito?** aborda o leitor da seguinte forma: “Eu não tenho a sombra de um talento artístico. Eu até uso mal a linguagem. Mas isso não é importante: continue lendo, público gentil. Leia e obterá um proveito. A verdade é uma grande coisa; compensa a deficiência do escritor que a serve”. Essa também era a atitude de Lenin. Ele detestava os *poseurs*, os locutores de frases e os estilistas elegantes que erigiram uma barreira entre a escrita deles e a realidade que deveriam representar. Alguém procuraria em Lenin, como em Chernyshevsky, qualquer toque de graça estilística.

Ao justificar um projeto de programa redigido de forma deselegante que ele escreveu em 1919, Lênin disse o seguinte:

Um programa composto de partes heterogêneas é deselegante (mas isso, é claro, não é importante), mas qualquer outro programa simplesmente estaria incorreto. Por mais desagradável que seja, qualquer que seja a sua falta de proporção, não poderemos por muito tempo escapar dessa heterogeneidade, essa necessidade de construir a partir de diferentes materiais.

Ele não toleraria uma apresentação florida ao custo de deixar de encarar a realidade honestamente. Ele era capaz de explicar problemas muito complicados de maneira simples. Ele não falou com seu público, mas pelo contrário demonstrou grande respeito por eles.

O escritor popular leva seu leitor a pensamentos profundos, a estudos profundos, procedentes de fatos simples e geralmente conhecidos; com a ajuda de argumentos simples ou exemplos impressionantes, ele mostra as principais conclusões a serem extraídas desses fatos e desperta na mente do leitor pensante questões cada vez mais novas. O escritor popular não pressupõe um leitor que não pensa, que não pode ou não deseja pensar; pelo contrário, ele assume no leitor subdesenvolvido uma séria intenção de usar sua cabeça e ajuda-lo em seu trabalho sério e difícil, leva-o, ajuda-lo em seus primeiros passos, e ensina ele para ir para a frente de forma independente. O escritor vulgar supõe que seu leitor não pensa e é incapaz de pensar; ele não o conduz em seus primeiros passos em direção ao conhecimento sério, mas de uma forma distorcida e simplificada, interligada com brincadeiras e facetas, distribui “prontas” todas as conclusões de uma teoria conhecida, de modo que o leitor nem precisa mastigar apenas para engolir o que lhe é dado.

Lenin foi um ótimo professor. Ele não desceu aos seus alunos das alturas do Olimpo, mas subiu para novos níveis junto com eles. Ele liderou os trabalhadores e eles o lideraram. Juntamente com eles, ele se esforçou para encontrar maneiras de superar as dificuldades, e seus ouvintes devem ter sentido que o líder estava pensando em voz alta para eles e com eles. Seus discursos geralmente terminavam não com retórica, mas com frases muito simples. "Se entendermos isso, se agirmos assim, então certamente venceremos" ou "É preciso lutar por isso não em palavras, mas em ações" ou, ainda mais simplesmente, "Isso é tudo o que eu queria dizer você."

Muitas pessoas, encontrando Lênin pela primeira vez, ficaram desapontadas. Eles esperavam ver um homem de dois metros de altura e, em vez disso, viram alguém muito pequeno. Mas depois de ouvi-lo, eles próprios sentiam-se a nove pés de altura.

O estilo simples e desprezioso de Lenin mostra o melhor dos seus numerosos artigos no Pravda . Eles deram ao leitor trabalhador confiança em sua própria habilidade de compreender questões, entender o mundo e modificá-lo. Ao mesmo tempo, eles não obscureceram a linha que separa os bolcheviques de outros grupos, especialmente os mencheviques. Eles deram uma direção política clara. Neste também, o Pravda de Lenin era completamente diferente do papel de Trotsky com o mesmo nome. Trotsky “pretendia dirigir-se a 'trabalhadores comuns' em vez de a homens do partido de mentalidade política e 'servir não para liderar' seus leitores.”

Sobre esta afirmação, Deutscher comenta o seguinte;

A linguagem do Pravda de Trotsky e o fato de que pregava a unidade do partido asseguravam-lhe certa popularidade, mas nenhuma influência política duradoura. Aqueles que defendem o caso de uma facção ou grupo geralmente envolvem-se em argumentos mais ou menos complicados e abordam as camadas superiores e médias de seus movimentos, e não tanto às bases. Aqueles que dizem, por outro lado, que, independentemente de quaisquer diferenças, o partido deveria fechar suas fileiras, como Trotsky teve, um caso simples, fácil de explicar e seguro de apelação. Mas, na maioria das vezes, esse apelo é superficial. Seus oponentes, que ganham os quadros do partido para o seu argumento mais complexo, provavelmente acabarão por obter também a audiência das bases; os quadros carregam seu argumento, de forma simplificada, aos demais. Os pedidos de Trotsky pela solidariedade de todos os socialistas foram aplaudidos por muitos ... Mas as mesmas pessoas que agora aplaudiram o chamado acabaram por desconsiderá-lo, seguir uma ou outra facção e deixaram o pregador da unidade isolado . Afora isso, havia na postura popular de Trotsky, em sua ênfase na conversa franca e sua promessa de "servir não para liderar", mais do que um toque de demagogia, pois o político, especialmente o revolucionário, serve melhor àqueles que o ouvem dirigindo-os.

Os artigos de Lênin no Pravda eram dirigidos não só à base, mas também aos quadros.

O ensino do ABC, instrução nos rudimentos do conhecimento e no pensamento independente, nunca será, em nenhuma circunstância, negligenciado nesta grande escola. Mas se alguém procurou invocar a necessidade de ensinar o ABC como um pretexto para descartar questões de ensino superior, se alguém tentou compensar os resultados impermanentes, duvidosos e “estreitos” desse ensino superior (acessível a um círculo muito menor de pessoas do que aqueles aprendendo o ABC) para os resultados duradouros, profundos, extensos e sólidos da escola primária, ele iria trair uma miopia incrível. Ele poderia até mesmo ajudar a perverter todo o propósito da grande escola, pois, ao ignorar o ensino superior, ele simplesmente facilitaria que charlatões, demagogos e reacionários enganassem as pessoas que haviam aprendido o ABC.

Lenin praticamente dirigiu o Pravda. A principal linha editorial foi decisivamente moldada por ele. Todos os dias, ele enviava os artigos do jornal, críticas de artigos, propostas, correções de outros, etc. Para dirigir melhor o jornal, em junho de 1912, mudou-se de Paris para Cracóvia, na Áustria (Galícia polonesa), que estava apenas a 24 horas, de trem expresso, de São Petersburgo.

Além do Pravda, Lenin usou outros jornais para servir aos quadros. Por exemplo, houve *Prosveshcheniye* (A Ilustração), um periódico sócio-político e literário publicado em São Petersburgo de dezembro de 1911 a junho de 1914. Lenin foi seu principal contribuinte, e sua seção de arte e literatura foi editada por Maxim Gorky. A circulação chegou a 5.000 exemplares.

O partido também tinha outra revista teórica dirigida aos quadros do partido, *Sotsial-Demokrat* , que ao ser ilegal poderia lidar mais abertamente do que a imprensa legal com certas questões. Cinquenta e oito edições foram publicadas entre fevereiro de 1908 e janeiro de 1917, cinco com suplementos. Mais de 80 artigos escritos por Lenin foram publicados nesta revista. Em 1912-13, *Sotsial-Demokrat* apareceu apenas em longos intervalos com um total de apenas seis edições nos dois anos. Lênin achou muito difícil entrar com o *Sotsial-Demokrat* na Rússia. Em uma carta de 1913, ele diz: “É quase impossível estabelecer um transporte adequado para a Rússia. A experiência de 1910 e 1911 mostra que as publicações se amontoavam em casas e lojas e não havia endereços ou locais de encontro para a sua distribuição.” Isso não foi surpreendente, se temos em conta que a pessoa responsável pela distribuição do material que entrava para a Rússia até 1912 foi Brendinsky, um agente da *Okhrana* .

No entanto, a *Okhrana* cometeu o erro de subestimar o significado da imprensa bolchevique publicada no exterior. Um relatório de um de seus agentes em junho de 1914 declarou:

Apesar da energia e recursos gastos em transportá-lo, não trouxe resultados positivos: recheado inteiramente por teóricos emigrantes e chegando à Rússia depois de um atraso considerável, esta literatura

perdeu todo o interesse atual, não é inteligível para as classes mais baixas semi-letradas e não tem capacidade para despertar sentimentos sociais.

Pelo contrário, *Sotsial-Demokrat*, como o *Proletari* antes dele, desempenhou um papel fundamental na direção dos principais quadros do partido bolchevique. As revistas forneceram o canal principal pelo qual as idéias de Lênin e do punhado de emigrados à sua volta alcançaram seus cooperadores próximos na Rússia.

Os bolcheviques também tinham uma editora, que publicava livros e panfletos. Uma das publicações mais populares foi um calendário de bolso para 1914, o *Sputnik Rabochego* (Manual dos Trabalhadores). Continha informações essenciais sobre a legislação trabalhista na Rússia, o movimento da classe trabalhadora russa e internacional, partidos políticos, associações e sindicatos, a imprensa, etc. O Manual dos Trabalhadores foi apreendido pela polícia, mas a edição foi de fato esgotada em apenas um dia, antes que a polícia conseguisse colocar as mãos nele. Quando Lenin recebeu uma cópia, ele escreveu para Inessa Armand que 5 mil cópias já haviam sido vendidas. Uma segunda edição foi publicada em fevereiro de 1914, com supressões e emendas feitas para fins de censura; no total, foram vendidos 20.000 exemplares.

Lenin insistia que toda publicação política deveria estar completamente subordinada às instituições partidárias:

Em contraposição aos costumes burgueses, à imprensa burguesa mercantilista e lucrativa, ao carreirismo e individualismo literário burgueses, ao “anarquismo aristocrático” e à busca de lucro, o proletariado socialista deve apresentar o princípio da publicação do partido, deve desenvolver esse princípio e colocar em prática o mais completa e completamente possível.

Qual é esse princípio da literatura partidária? Não é simplesmente que, para o proletariado socialista, a literatura não pode ser um meio de enriquecer indivíduos ou grupos: ela não pode, de fato, ser um empreendimento individual, independente da causa comum do proletariado. Abaixo os escritores apatidários! Abaixo os super-homens literários! A literatura deve tornar-se parte da causa comum do proletariado, “uma engrenagem e um parafuso” de um único grande mecanismo social-democrata acionado por toda a vanguarda politicamente consciente de toda a classe trabalhadora. A literatura deve tornar-se um componente do trabalho do Partido Social-Democrata organizado, planejado e integrado. Centros de publicação e distribuição, livrarias e salas de leitura, bibliotecas e estabelecimentos similares - todos devem estar sob controle do partido. Queremos estabelecer, e estabeleceremos, uma imprensa livre, livre não apenas da polícia, mas também do capital, do carreirismo e, mais ainda, livre do individualismo burguês-anarquista.

Cerca de um ano depois, Lenin acrescentou as seguintes observações, tratando dos social-democratas e da imprensa burguesa.

É permissível que um social-democrata contribua para os jornais burgueses?

Certamente não.

Temos algum direito de nos afastarmos dessas regras aqui na Rússia? Alguns podem replicar: há uma exceção em todas as regras. Isso é bem verdade. Pode ser errado condenar uma pessoa em banimento por escrever em qualquer jornal. Às vezes é difícil condenar um social-democrata que trabalha em um departamento menor de um jornal burguês para ganhar a vida. Pode-se justificar a publicação de uma refutação urgente e profissional, etc.

Pravda como organizador

O jornal atuou como organizador não apenas porque milhares de trabalhadores o leram, escreveram para ele e o venderam, mas também porque encorajou a formação de grupos de trabalhadores para arrecadar dinheiro para isso. Tanto o diário bolchevique quanto o diário menchevique *Luch* publicaram relatórios regulares de arrecadações e doações. No Pravda de 12 de julho de 1912, Lenin escreveu:

Do ponto de vista da iniciativa e energia dos próprios trabalhadores, é muito mais importante ter 100 rublos coletados por, digamos, 30 grupos de trabalhadores do que 1.000 rublos coletados por algumas dúzias de “simpatizantes”. Um jornal fundado na base de moedas de cinco kopek coletadas por pequenos círculos fabris de trabalhadores é um empreendimento muito mais confiável, sólido e sério (tanto financeiramente quanto, mais importante de tudo, do ponto de vista do desenvolvimento do movimento democrático dos trabalhadores) do que um jornal fundado com dezenas e centenas de rublos contribuídos por intelectuais simpatizantes.

Alguns dias depois, ele acrescentou:

Deve ser criado um costume para *todo* operário contribuir com *um kopek* para o jornal dos operários a *cada* dia de pagamento. Que as assinaturas para o jornal sejam tomadas como de costume, e deixe aqueles que

podem contribuir mais fazê-lo, como eles fizeram no passado. É muito importante estabelecer e difundir o costume de “*um kopek para o jornal dos trabalhadores*”.

O significado de tais coletas dependerá, acima de tudo, da sua realização regular a cada dia de pagamento, sem interrupção, e de um número cada vez maior de trabalhadores que participam dessas cobranças regulares. As contas poderiam ser publicadas de uma forma simples: “tal e tantos kopeks” implicaria que tantos trabalhadores da fábrica haviam contribuído para o jornal dos operários, e se houvesse maiores contribuições, elas poderiam ser declarados da seguinte forma: “Além disso, fulano e tal muitos trabalhadores contribuíram muito e assim.”

Em 1912, o Pravda recebeu contribuições monetárias de 620 grupos de trabalhadores, enquanto o jornal menchevique recebeu doações de 89 grupos. Em 1913, o Pravda recebeu 2.181 contribuições monetárias de grupos de trabalhadores e os mencheviques 661. Em 1914, até 13 de maio, o Pravda contava com o apoio de 2.873 grupos de trabalhadores e os mencheviques de 671. Assim, os praidistas organizaram 77% dos grupos de trabalhadores na Rússia em 1913 e 81% em 1914. A formação de grupos para arrecadar dinheiro para o Pravda compensou a falta de um partido legal. E Lenin, muito corretamente, chegou à conclusão: “... quatro quintos dos trabalhadores aceitaram as decisões do Pravda *como suas*, aprovaram o Pravidismo e, *na verdade*, reuniram-se em torno do Pravda.”

O número total de grupos de trabalhadores fazendo doações para o Pravda de abril de 1912 a 13 de maio de 1914 foi de 5.674 (claro que alguns grupos fizeram várias coletas, mas dados separados para estes não estão disponíveis, de modo que o número real de grupos em torno do papel era consideravelmente menor). A doação média dos grupos de trabalhadores no período de 1 de janeiro a 13 de maio de 1914 foi de 6,59 rublos, ou cerca de um salário semanal médio de um trabalhador de São Petersburgo.

O Pravda dependia quase completamente do apoio financeiro dos trabalhadores. Das doações para o jornal entre 1 de janeiro e 13 de maio de 1914, 87 por cento vieram de coleções de trabalhadores, e 13 por cento de não-trabalhadores. (Para o jornal menchevique, 44 por cento eram de trabalhadores e 56 por cento de não-trabalhadores).

Lenin escreveu em Trudovaya Pravda em 14 de junho de 1914: “5.674 grupos de trabalhadores unidos pelos pravidistas em menos de dois anos e meio é um número bastante grande, considerando as duras condições existentes na Rússia. Mas isso é apenas um começo. Nós precisamos, não milhares, mas dezenas de milhares de grupos de trabalhadores. Precisamos intensificar nossas atividades dez vezes.”

Infelizmente, a guerra eclodiu algumas semanas depois, e o Pravda nunca conseguiu atingir o alvo de Lênin.

Texto 11: Nahuel Moreno, Problemas de Organização

O Jornal

A grande ferramenta para a construção do partido e dos novos grupos é o jornal. Daí, já termos dado a partida para nossa “saída para fora” propondo-nos um salto na colocação do jornal.

Não há qualquer possibilidade de construir organismos do partido sobre outra base que não seja a unidade política daquilo que nos integra: a política partidária. Não podemos nos reunir por reunir. Reunimos para agir. Não há grupo que sobreviva se não tem urna atividade concreta, prática, sobre o setor que atua. O grupo em uma fábrica ou bairro reúne-se para discutir e armar todos os companheiros na política partidária e para saber o que cada militante tem que fazer no dia seguinte nessa fábrica ou bairro. Quantos são os contatos do partido? Quantos são os ativistas sindicais que nos respeitam e que estão dispostos a discutir conosco sobre como organizar a fábrica ou o que fazer no sindicato? Quem se encarrega de conversar com esses contatos e ativistas? O que nos propomos fazer com a Comissão Interna e com o Corpo de Delegados? Quais as atividades que o grupo faz para levar adiante as campanhas nacionais e internacionais do partido? O que se pode fazer na empresa ou no bairro, por exemplo, pela Nicarágua? E pelos direitos humanos? E contra o FMI?

A reunião precisa responder a todas estas perguntas e distribuir entre os companheiros toda a atividade. Fulano fala e passa o jornal a tais e tais operários que nos olham com simpatia política. Beltrano, que é muito vivo para a questão sindical, fala com os melhores ativistas e também lhes passa o jornal. Sicrano, que não se anima a falar na fábrica, mas que é muito organizado, administra as nossas finanças e a do jornal, procurando

vender o jornal em seu bairro e aos seus familiares. E todos discutem o jornal e suas campanhas políticas com todos os leitores, procurando uma maneira de ganhá-los para a participação ou para a propagação das posições do partido. Se na fábrica não ocorre uma conversa sobre a Nicarágua, ela sai no bairro. Porém, lá saiu um belo papo com os companheiros da fábrica para explicar porque não pagar a dívida se queremos que nos aumentem os salários. São infinitas as possibilidades de atividade, porém todas têm um ponto em comum: o jornal. Precisamente porque o jornal é o porta-voz da política do partido e, por essa via, organiza toda nossa atividade. Por essa razão, a construção de novos grupos do partido está mediada pela colocação do jornal. Em geral, vai ser muito mais fácil fazer uma reunião se os que queremos que participem conheçam nossa política e trajetória através do jornal.

Ninguém está verdadeiramente ganho ou em processo de captação se não quer que o partido cresça, estenda-se, torne-se mais forte, começando pelo primeiro passo: que cada vez mais gente leia nosso jornal. Apenas começamos e já estamos quase cometendo um erro - em alguns lugares já cometemos -: por as reuniões adiante do aumento da venda do jornal. Arrebatamos a alma para reunir novos companheiros ou tornar a reunir os velhos antes de ter saído com tudo para multiplicar o número de jornais. Assim, torna-se difícil reunir o velho e quase impossível ganhar o novo.

Temos que fazer o oposto. Saímos com tudo com o jornal. Vendemos como loucos enquanto ritmo de atividade, porém, sempre pensando, caracterizando e planejando o trabalho. Dessa maneira vamos encontrando os companheiros que, às vezes por conta própria e às vezes porque nós lhes instigamos, oferecem-se para levar algum jornal a mais para vender a um companheiro conhecido com o qual começa a construir a equipe. Apenas tenhamos dois, três ou quatro companheiros de uma mesma fábrica, bairro, colégio ou faculdade, a reunião converte-se em uma necessidade real, não em algo imposto por nós.

Daí darmos importância fundamental a duas tarefas-chaves: o piquete e a listagem dos leitores do jornal.

Os piquetes devem ser sistemáticos, semana após semana, sempre que possível com os mesmos companheiros. Os operários de uma fábrica têm que se acostumar que no mínimo uma vez por semana os socialistas estão vendendo seu jornal na porta. Nesta situação política, nosso jornal converte-se em um ponto de referência para setores da classe operária ainda que, todavia, não concordem conosco. Já são numerosas as informações sobre seções de fábricas que comentam nosso jornal na hora do cafezinho. Já existem trabalhadores que nos esperam para comprar o jornal. Não são muitos milhares, todavia podem chegar a ser. Temos que estar ali. Se as forças não dão para piquetear todas as fábricas, selecionamos as que podemos tocar, porém façamos piquetes de maneira sistemática. Piquetear todas as semanas uma fábrica diferente é pouco útil para nós.

À medida que avança a colocação do jornal, tem que avançar o recenseamento ou alistamento dos nossos compradores. Os piquetes nas estações e centros comerciais são muito bons para que o partido ganhe a rua, faça sentir sua presença política. Porém, o mais importante é o estrutural, onde vamos acabar sabendo o nome e sobrenome e até o endereço dos compradores. Nos bairros é mais fácil. Nas fábricas é mais difícil, porém não impossível. Por isso é muito importante que sejam sempre os mesmos companheiros que vão às fábricas. Talvez não convenha, na primeira vez, pedir o nome do comprador. Porém, seria um erro mortal subestimar aquele que já comprou pela segunda vez. Este companheiro quase certo que já é um simpatizante do partido; pode ser um militante potencial.

O jornal é, então, a ferramenta, o meio para a construção do partido, de seus grupos, nas fábricas e bairros. A atividade começa por aí. Portanto, logicamente, há uma dialética. Ganharemos novos companheiros que venderão, por sua vez, mais jornais. Construiremos grupos do partido que venderão muitíssimo mais. Porém, como dizem os chineses, todo caminho de mil quilômetros começa pelo primeiro passo. E o primeiro passo é vender o jornal.

Texto 12: Ernesto González O trotskismo operário e internacionalista na Argentina

Com a orientação de construir o MAO [Movimento de Agrupamentos Operários], começamos a editar um dos jornais mais renomados da nossa história, Palabra Obrera, que apareceu desde 23 de julho de 1957. Seu editor, Ángel Bengochea, apresentava assim a publicação para os leitores:

“Palabra Obrera sai à rua com o duplo propósito de combater ao governo oligárquico e defender a soberania política do país e seu patrimônio econômico, por outro lado para tratar a questão operária com firmeza como até agora ninguém fez. Até agora conhecemos dois tipos de jornalismo antigorila: aqueles que tratam a questão da defesa do país alegando que os operários só jogam um papel de força a serviço de interesses não operários, e aqueles que sendo amplamente informativos das questões sindicais e não dão saída frente a nenhum problema operário, limitando-se somente a descrever os fatos. Nenhum deles nos serve. Na verdade, ambos partem de um só e mesmo critério: os trabalhadores só devem servir como espectadores ou de força a serviço de terceiros.”

Havia também um chamado para que os ativistas tomassem como sua a publicação: *“(...) para tratar os problemas do país e dos trabalhadores desde o ponto de vista das massas operárias argentinas, de seus interesses irrenunciáveis, Palabra Obrera necessita aumentar o número de colaboradores. Para isso lançamos a campanha de 500 correspondentes. Pretendemos com isso que como mínimo 500 fábricas do país estejam diretamente representadas na redação do jornal.”*

Este chamado teve um notável eco, e em toda sua primeira etapa Palabra Obrera contou com uma rede de correspondentes operários em quase todos os sindicatos, bairros e nas principais fábricas, o que lhe permitiu tratar todos os fatos mais importantes, e até alguns aparentemente secundários, da luta dos trabalhadores e do povo. Sua presença em todas as mobilizações e conflitos e sua intransigência política, antipatronal e antiburocrática fizeram que nosso jornal fosse perseguido pela ditadura e por seu sucessor, Frondizi.

Era frequente que aos domingos pela manhã nossos militantes recorressem aos bairros operários oferecendo o semanário. O companheiro “Toti” Pugliara recorda: *“íamos muito piquetar no bairro Villa Obrera (...), gritando como loucos: ‘Apareceu Palabra Obrera, contra Palabra Operária aparece contra os dedo-duro da Marinha e contra os socialistas da Casa de Repetto’. E o povo ficava meio assombrado e nos diziam: ‘esperam muchachos, não tem medo?’ E o Vasco [Bengochea] dizia: Bah, é como um casamento, depois de um tempo se acostuma’. E o povo ria e nos diziam: ‘passem na semana que vem’”*.

Também os companheiros universitários – setor sobre o qual o partido havia começado a trabalhar, como veremos logo –, realizava essa atividade. “Fierro”, um dos nossos primeiros militantes estudantes nesse tempo nos relatou: *“Nos fins de semana sobretudo aos domingos saíamos a piquetar Palabra Obrera. Recordo que uma vez fomos a Ciudadela, [Lázaro] Feldman, [Juan] Pundik, éramos um grupo de seis ou sete companheiros. Nunca vou me esquecer que eu ia na frente, gritando sobre o jornal, eram umas nove da manhã, um domingo. Saíam alguns e nos olhavam... ‘que caralho’, porque o peronismo estava sendo perseguido e nós vínhamos gritando ‘Perón, Perón...’ Nunca vou me esquecer que ao me virar percebi que ali no bairro havia um posto de polícia. Quando eu vi me calei e fui avisar aos companheiros o que estava acontecendo, mas já era tarde demais. Havia um inspetor de polícia responsável pelo posto, estava meio desarrumado, de camiseta e bermuda. Ele saiu desesperado sem poder acreditar: ‘Parem, muchachos, o que pensam que estão fazendo? Eu também sou peronista, porem isto não se pode fazer... nesse bairro é proibido...’ e nos mandou ir embora”*

Também se distribuía Palabra Obrera nas bancas de jornal, exceto quando a “Coordenação Policial do Ministério do Interior” proibia recolhendo os jornais, o que ocorreu quatorze vezes entre 1957 e 1958. Ángel Bengochea, como editor, foi processado outras tantas vezes e esteve cerca de um ano preso pela mesma causa.

Porém ainda embaixo da repressão, “gorila” primeiro e frondizista depois, não deixamos de aparecer semanalmente nesses anos. Estava impresso em tamanho de uma folha com quatro página, com títulos provocativos e com letras grandes. Seu estilo jornalístico, direto e muitas vezes agressivo o converteu em uma das publicações operárias que estabeleceu o melhor diálogo com os seus leitores. Durante esta primeira etapa o jornal tinha uma sessão fixa destinada a Intersindical, o Congresso Extraordinário da CGT e as 62 Organizações. Nessas sessões se seguiam semana após semana os plenários e sessões desses organismos operários, transcrevendo as principais intervenções dos delegados, como também a sua atividade – as vezes descrevia com uma exagerada rigorosidade de um livro de atas, dando aos ativistas uma informação direta das principais discussões que tinham lugar nas direções.

Todas essas características, de conteúdo e de estilo, fizeram que Palabra Obrera alcançasse uma grande difusão no ativismo. Como prova do êxito imediato que teve, em agosto de 1957 o Comitê Central do partido destacava que a venda de jornais havia se quadruplicado, passando dos 2 mil exemplares de Unidade Obrera, [o jornal que o partido publicava antes], a uma cifra de entre 8 e 9 mil que exemplares de Palabra Obrera. Foi

sem dúvida uma das publicações mais memoráveis do jornalismo proletário e revolucionário da Argentina, em cujas páginas está fielmente refletida uma etapa chave da história da nossa classe.

Sua repercussão no ativismo nesse momento, muito mais estendida que nossa influencia orgânica, levou a que o feito do MAO, primeiro, e nossa corrente, imediatamente depois, fossem conhecidas publicamente como Palabra Obrera, prescindindo de outra denominação.

Texto 13: MAS: Sobre o jornal

Anos 80

A captação: eixo da atividade partidária

A formulação geral, fortalecer o Partido, se concretiza agora na necessidade de captar novos militantes para o partido e é o eixo organizativo ao redor do qual tem que girar nossa atividade.

Toda tarefa que realizamos tem este objetivo: captar novos militantes para o partido e construir novas equipes. Se participamos de uma greve, um enfrentamento, se programamos uma mesa redonda ou conferência, se distribuimos um panfleto ou vendemos um jornal, se lançamos uma campanha pela libertação de presos políticos e sindicais ou contra a censura, nossa preocupação fundamental tem que ser como captamos novos militantes de cada uma delas. Não basta que façamos propaganda e agitação ou ampliemos a periferia, sem dúvida que são importantes também, porém, agora, a motivação que temos que ter é que essa agitação e propaganda, essa nova periferia que ganhemos, tem que significar a incorporação de novos membros ao partido.

Recorramos novamente ao documento nacional: ‘...os trabalhadores que ganhamos, são ganhos não só para o programa e política geral do Partido, mas também para o seu regime centralista democrático’. Ganhar e definir alguém como militante partidário quer dizer então ganha-lo para o programa e a política do Partido, para as reuniões regulares de sua equipe sejam semanais, quinzenais ou mensais, para que se discipline ao seu organismo, para que cotize mensalmente, para que venda o jornal, para que cumpra as tarefas que seu organismo vote, aplicando a política do Partido na sua frente. Só será militante quem cumprir com esses requisitos que constam nos Estatutos. Além disso, são os mesmos critérios que utilizamos para os aspirantes, recordemos que um aspirante tem as mesmas obrigações e direitos dos militantes com apenas uma exceção: não tem direito a votar no seu organismo.

Temos que ser rigorosos na aplicação destes critérios agora que colocamos como principal eixo a captação. Ser rigoroso não quer dizer ser sectário. Não vamos encontrar trotskistas no movimento operário que cheguem a nós conhecendo o programa, a política, o método e o regime partidário. Ao contrário, o que nos deparamos todos os dias são peronistas, radicais, intransigentes nas crises, centristas que começam a romper com suas direções. A estes nós temos que captar e educar no programa e método partidário.

Por isso, dizemos que não devemos ser sectários, porém rígidos na aplicação destes critérios. Começamos por falar explicitamente. Todo proletário ou companheiro que chega ao partido pela primeira vez tem que saber que chega ao Partido revolucionário e ingressa num de seus organismos. Que isso exige aplicar uma política que em geral tem acordo e há deveres – cotização, jornal, participação regular nas reuniões – que tem que cumprir. Se o proletário nos diz: sim, quero ser membro do Partido, temos que vinculá-lo a um organismo como aspirante. Vai chegar com desvios centristas, sem saber o que é a Revolução Permanente ou o Programa de Transição; seguramente vai pedir que as reuniões sejam quinzenais ou mensais porque tem que trabalhar muito para sobreviver e dedicar tempo a sua família; vai nos dizer que só pode distribuir um jornal e cotizar pouco porque seu salário é baixo. Não importa nada disso se se compromete a fazê-lo, o Partido tem que abrir suas portas para ele e iniciar um trabalho de educação para que compreenda a totalidade do programa e a política e para que aprenda a realizar o trabalho político. Depois, começará a pedir jornais, a ganhar simpatizantes e contatos, aumentará sua cotização, faremos dele um militante trotskista como os que queremos ter, aqueles que dedicam o melhor da sua vida e seu tempo ao Partido. Este processo fazemos com o companheiro como membro do Partido na qualidade de aspirante, porém depois de ter discutido com ele seus elementos essenciais.

O jornal; nosso instrumento fundamental

Se a etapa e a conjuntura põem na ordem do dia a agitação e a propaganda e definimos a captação como o eixo da nossa atividade partidária, o jornal será o instrumento fundamental de trabalho com o qual conta o Partido.

O jornal permite-nos:

- a) Tornar conhecido o partido, sua política, suas palavras de ordem e sua atividade;
- b) Por seu caráter, de denúncia e propaganda, nos servirá como instrumento para a discussão política nas equipes de aspirantes e militantes e como instrumento para realizar essa mesma discussão com a periferia que estamos atendendo;
- c) Organiza e dá continuidade à atividade dos militantes. Com ele teremos que planejar as visitas à periferia, o tipo de discussão que com ela vamos fazer, e, obrigados pela sua saída mensal, seremos obrigados a visitar, pelo menos uma vez no mês, a todos os que o recebem. A continuidade do trabalho sobre a periferia é elemento fundamental nesta fase de captação. Não podemos permitir que passem 3 ou 4 meses sem que seja visitado um companheiro da periferia, mas também não podemos permitir que cheguem ao partido companheiros sem caracterização. Só um trabalho contínuo de discussão política, em que vamos passando atividades concretas políticas para os companheiros, nos permitirá fazer boas caracterizações de cada um deles. O jornal é o instrumento fundamental para realizar esta atividade. Por isso, dizemos que é um organizador da atividade dos militantes e do Partido.

A importância que damos ao jornal tem que traduzir-se no aumento do número de exemplares que agora estamos vendendo, o que significa aumento da periferia partidária.

(...)

Necessitamos de uma equipe de redação que possa se mover com facilidade pelo partido. Não podemos improvisar companheiros para a redação, ou melhor ainda, temos que vincular a ela os companheiros que por sua experiência e qualidades, possam garantir desde o início o melhor rendimento possível. Por isso tem que existir no Partido, em todas as regionais, a disposição para que os companheiros que nela militam possam trabalhar com o jornal, se possuem as características e experiência para este tipo de tarefa.

c) a estes aspectos agreguemos a cobrança do jornal. Todos os jornais que são entregues a um contato ou a periferia devem ser cobrados. É a única maneira de garantir sua publicação e inclusive conseguir que o jornal dê lucro que ajude às finanças partidárias.

d) por último, é necessário ajustar os mecanismos de distribuição. Tem que ser tarefa de grande importância em todas as regionais para que se possa realizar com eficiência o trabalho político com ele e para garantir a máxima segurança possível nesta tarefa.

Texto 14: Extratos dos documentos de Construção dos congressos (2016 – Conferência 2019)

a) Congresso Extraordinário 2016

Minuta de Construção/Proletarização - A centralidade do trabalho com o jornal do partido

Precisamos de **uma revolução no trabalho com o jornal do partido**. Estamos em meio ao esforço por fazer de nosso jornal cada vez mais um jornal adequado ao trabalho no movimento operário. Melhoramos, mas ainda devemos avançar mais. No entanto, sabemos a fragilidade que é a relação da nossa militância com o jornal.

Ele pode e deve ser, como dizia Moreno, um instrumento fundamental para o trabalho partidário, funcionar como agitador, propagandista e organizador do partido. E o que ocorre hoje está muito longe disso. O jornal pode e deve ser o eixo ordenador de todo nosso trabalho partidário (para as tarefas que se depreendem tanto do ponto 1 como do ponto 2 desta minuta).

Em torno à política expressa no jornal devemos organizar nosso trabalho de agitação, em torno às matérias do jornal podemos fazer propaganda, em torno ao trabalho com o jornal podemos organizar a atividade partidária da militância junto à vanguarda.

Assim, o trabalho com o jornal precisa ser parte importante do planejamento de nosso trabalho de construção do partido, seja nos planos regionais, seja nos planos de construção relacionados aos conflitos onde intervimos ou iniciativas políticas do partido.

Organização do nosso tempo militante

Por último, queremos destacar um tema que, ao nosso ver, tem uma importância muito grande e afeta as várias áreas de atuação partidária. Precisamos aprender a organizar melhor nosso tempo militante, combater o movimentismo. Fazemos coisas demais e com isso **não temos tempo de fazer o fundamental: a construção do partido.**

Por outro lado, este movimentismo que nos caracteriza traz um **prejuízo enorme para a construção das equipes de direção regionais.** Há um esgarçamento de boa parte das equipes de direção regional com a quantidade de tarefas, o que conspira contra qualidade da execução das mesmas, em particular de tudo que tem a ver com construção do partido.

Este problema, do volume de atividades, do ritmo que impomos ao partido, é **especialmente danoso para a construção de direções mais operárias.** Elas tendem a ser **mais lentas, mais reflexivas, o que é bom e desejável.** No entanto, o ritmo do partido tende a inviabilizar que direções assim consigam dirigir o partido.²³

Além de tudo isso há também tudo que tem a ver com **a leitura, o estudo e a formação teórica dos quadros e militantes.** Não há como avançar aí sem administrarmos melhor o nosso tempo.

O nó central deste problema, como é óbvio, está na direção nacional do partido. Se orientamos desde cima um conjunto infundável de coisas para fazer, não vai haver como evitar o movimentismo embaixo. E isso afeta tudo, desde a capacidade de o partido intervir corretamente, elaborando uma política e programa para cada conflito onde participa (isso leva tempo); limita a capacidade de o partido fazer propaganda e dar seguimento aos contatos que aproximamos em nossa intervenção no movimento; afeta até mesmo o nosso regime, pois não havendo tempo para discutir em profundidade a política nos organismos, de fazer balanços e ajustes na linha votada, prevalece as ordens dos dirigentes e acertos por fora dos organismos...

Já tratamos disso muitas algumas vezes, avançamos um pouco em relação ao passado. Mas é preciso avançar muito mais. E

b) Congresso Nacional 2017 – BDI 5 – Jornal e Direção

43. Por último, mas não menos importante: devemos discutir o lugar que deve ocupar o jornal a partir de tudo o que foi escrito e proposto anteriormente. A construção das respostas políticas do partido é realizada no interior da direção, isso se reflete não somente nas minutas internas, mas nas páginas do jornal, na Internet e na circular semanal. No entanto, a atual divisão de tarefas não implica em uma responsabilidade direta por escrever e acompanhar detalhadamente a sua execução da luta política. Em outras palavras, a luta política, programática e teórica não é o centro de sua atividade.

44. A relação da direção com o jornal, somente expressa o lugar em que a propaganda e a agitação ocupam em seu interior. A nossa trajetória na discussão sobre a debilidade de trabalho com o jornal é a confirmação de que é ineficaz votar qualquer medida isolada com a relação ao trabalho com jornal se não modificamos a relação, em primeiro lugar, da direção com a propaganda, na medida em que o cotidiano do partido é o reflexo das orientações da circular.

45. Para que a coluna de quadros e os núcleos se organizem em função da luta política, programática e teórica, devemos reordenar o funcionamento da direção do partido. Como uma hipótese de trabalho, implicaria em uma mudança do veículo da relação entre a direção e os organismos intermediários. Se o jornal (e o site) se converte neste instrumento, a circular perderia a função política que desempenha hoje e se converteria em um instrumento de organização interna. Devemos amadurecer esta discussão, pois como afirmamos no início deste texto, não basta com que seja votado no congresso que o nosso objetivo é superar o desvio sindicalista/economicista para que isso se converta em realidade. A direção do partido, apoiada na estrutura de quadros, deve travar uma batalha consigo mesma para garantir a aplicação desta resolução.

46. Neste sentido, estamos realizando uma experiência muito importante com o OS535, mais do que triplicamos nossa edição habitual. Devemos tirar todas as conclusões desta atividade e enriquecer a discussão do pré congresso sobre a importância deste instrumento para a luta política.

(...) **ao definir o planejamento das nossas atividades**, ele deverá ser feito levando em conta esta necessidade, para a direção e para a base do partido.

c) Congresso do Partido de 2018 – Documentos de Planos e Construção – O balanço das medidas para a superação dos problemas estruturais do Partido

(...) Quando a luta de classes no país começou a se agitar, começando com o 8 de março do ano passado, passando por vários dias nacionais de luta e a Greve Geral, o nosso partido saiu a realizar piquetes com o jornal em várias estruturas, em especial operárias, e explicar aos trabalhadores o nosso programa;

A Campanha sobre a Revolução Russa foi outro aspecto dessa luta teórica, política e ideológica com a militância e um setor da vanguarda. Conseguimos organizar dezenas de palestras na maioria das regionais, discutindo o conceito da revolução, o papel dos conselhos, o papel do partido, o protagonismo das mulheres, a luta contra as opressões, as medidas da revolução. Foi uma escola de formação. E junto com isso o filme Pão, Paz e Terra, foi uma ferramenta de qualidade nesta luta, que teve seu lançamento em um grande ato no congresso da FEDERAÇÃO. Quase a totalidade de nossas regionais desenvolveram atividades de propaganda sobre a revolução utilizando este instrumento.

Agora, enquanto escrevemos esse documento, estamos iniciando um processo de debate programático com uma vanguarda que nos acompanha nas lutas em torno de um projeto para o Brasil que apresentaremos nas eleições burguesas. Um chamado a Rebelião e defesa de um projeto socialista dos trabalhadores e dos pobres contra os ricos e grandes empresários. Esse processo está apenas se iniciando, mas já tem mostrado frutos importantes. Em vários setores vemos quadros dirigentes do movimento, que se aproximam do partido a partir da discussão programática e estratégica. Trata-se ainda, como dito, de um processo em seu início, mas pode se desenvolver e abrir grandes possibilidades ao partido. Devemos lutar para que as coisas caminhem neste sentido.

Esses momentos que descrevemos foram exemplares de como deve atuar o partido, fazendo agitação e propaganda e nos delimitando fortemente dos reformistas. Mas a nossa agitação e propaganda revolucionária não pode funcionar apenas em torno à campanhas. Ela tem que ser parte do cotidiano dos militantes. A III Internacional em seu IV Congresso dizia que “A propaganda e a agitação comunista deve, antes de tudo, se enraizar nos meios mais profundos do proletariado. Elas devem ser engendradas pela vida concreta dos operários, seus interesses comuns, particularmente por suas lutas e esforços.”. Demos passos importantes neste sentido estabelecendo estruturas prioritárias (fábricas principalmente) e buscando uma estruturação do partido nas áreas periféricas das grandes cidades.

Para isso é preciso melhorar a qualidade das reuniões. Elas precisam deixar de estar centradas nas discussões sindicais e precisam ser mais centradas na discussão da política do partido para o movimento, das saídas mais estratégicas que apontamos para cada situação dada. É essa política que precisa ser levada aos piquetes de agitação com o jornal e com os panfletos, assim como às lutas e ações sindicais e dos movimentos, ou seja, à nossa atuação cotidiana. Se as reuniões não discutem isso centralmente, não servirão para armar essa que é a ação mais importante dos militantes.

O trabalho com o jornal

Em primeiro lugar, queremos valorizar o avanço com a qualidade de nosso principal instrumento de propaganda e agitação. Nossa equipe de comunicação vem se esforçando para qualificar este instrumento, ainda que seja necessário seguir avançando. Ainda há pouco retorno das regionais opinando sobre os artigos, linguagem, fruto de não termos conseguido ainda avançar na implantação da metodologia dos balanços sistemáticos.

Avançamos também no trabalho com o jornal. Hoje temos mais de uma centena de estruturas, principalmente operárias, onde desenvolvemos trabalho com nosso jornal, e podemos afirmar que está em curso uma mudança de qualidade da relação com o jornal. Fazemos piquetes em muitas fabricas, em mineradoras, em bairros, ocupações, em assentamentos rurais, nas universidades, em muitas lutas, etc. Há experiências com a formação de grupos de leitura e estudo do jornal, temos a criação de grupos de zaps com nossos leitores/compradores, em fábricas. Chegamos a algo em torno de 9 mil jornais, uma média de mais de quase 6 por militante.

Dito isso é preciso ver que em muitas regionais esse trabalho e os piquetes não atingiram a sistematicidade necessária. Não estão incorporados, assimilados ao cotidiano dos militantes e do partido. Temos que avançar em ter uma atividade mais sistemática, ordenada, pensada mais cientificamente nas reuniões dos organismos. E fazer com que esta ação permita ao organismo (e ao partido) interagir com as massas, conhecer mais de perto sua forma de ver as coisas, sua consciência, pois isso é fundamental fortalecer o processo de elaboração política e melhorar o diálogo com os próprios trabalhadores. Há exemplos importantes, como o da zona leste de SP onde, a partir de uma agitação sistemática na porta de algumas fábricas, com os panfletos e jornais do partido, construíram um padrão expressivo de contatos (sem termos nenhum militante na fábrica).

Outra questão é que agitação e propaganda revolucionária não pode se resumir aos piquetes com jornal nas estruturas, ainda que este seja um aspecto fundamental da ação cotidiana do partido. A agitação e propaganda revolucionária deve ser feita em todas as atividades e lugares onde o partido intervenha, e o exemplo mais importante disso são as lutas. As lutas são o lugar onde mais se abre espaço para a construção do partido. Mas para aproveitar este espaço, o partido precisa disputar a consciência das massas e de sua vanguarda para sua visão de mundo e contra a visão de mundo da burguesia e do reformismo. Para isso a agitação e propaganda revolucionária, arrancando da situação concreta da luta dada são decisivas. Ou seja, a tarefa de revolucionar a atuação do partido que votamos no Congresso passado está em curso, mas precisa avançar. A direção do partido precisa seguir empenhada nessa tarefa, e ajudar o partido a compreender a fundo essa mudança que precisa realizar. Temos que ter organismos mais políticos, que ordenem a tarefa de agitação e a propaganda como o centro de nossa intervenção, que reflitam sobre a nossa ação, e faça os balanços da política e da atividade de forma sistemática.

d) Conferência Nacional 2019 – Documento Nacional de Construção

(...) Melhorar as reuniões dos organismos, onde o centro fosse à política do partido e o instrumento privilegiado, o nosso jornal.

1. **MUDAR A RELAÇÃO COM O JORNAL** Estabelecer uma relação distinta com o nosso jornal. Começar a tê-lo como o nosso instrumento central de discussão e armação de nossa intervenção política no conjunto dos organismos.

Vimos fazendo esforços para qualificar nosso jornal. Porém ele só pode cumprir seu papel, se ele for um instrumento de armação e intervenção da atividade política do partido cotidianamente. Neste sentido, o que chamamos de ida e volta, o retorno dos debates, devem ser garantidos. Este canal está entupido. Precisamos oxigenar esse movimento. Os debates políticos nos organismos devem circular, ou seja, a elaboração é coletiva. A opinião dos organismos deve retornar a direção. Por isso, a necessidade dos relatórios dos organismos é fundamental porque expressa uma relação reflexiva com a ação do partido. No entanto, fruto de nosso movimentismo, é muito difícil que dediquemos tempo para escrever o que os organismos discutem. E este [relatório] é parte do processo de elaboração coletiva, que necessitamos avançar.

Temos que aprofundar nossa relação orgânica com o jornal. Ele é o nosso principal ferramenta política de trabalho. Um dado negativo durante da campanha eleitoral apesar de que tivemos uma campanha mais ideológica e programática - foi a diminuição de nossas vendas do jornal. O que pese que a maioria das regionais manteve o mesmo número e uma pequena parcela aumentou, tivemos uma porcentagem importante de regionais que diminuiu. O que no geral, podemos dizer que houve uma diminuição durante a campanha, fruto de não conseguirmos hierarquizar o papel do jornal com o conjunto de panfletos nacionais e regionais.

O jornal é parte da materialização, do que chamamos de práxis revolucionária, ele cumpre o papel de ligar a teoria/programa e política à prática revolucionária. Então, nossa relação com o jornal é um sintoma do tipo de atividade cotidiana que desenvolvemos.

O acompanhamento político e sistemático do padrão individual deveria ser um dos principais centros de nossa ação cotidiana. Durante a campanha eleitoral várias regionais avançaram em mapear, qualificar e atender esse padrão. Porém, o que ainda primou foram as dificuldades no trabalho com os cadastros. É necessário uma política consciente para a reversão desse problema.

Por outro lado, o trabalho extensivo com o jornal, os piquetes, principalmente nas estruturas operárias devem ser um centro de nossa ação. Temos que ter presença política nas estruturas onde o partido intervém; manter e aprofundar os piquetes nessas estruturas: fabricas, canteiros de obra, escolas, órgãos públicos, universidades, bancos etc.

Hoje o que identificamos ainda é uma fragilidade, evidenciando que a essência de nossa intervenção não é a propaganda e a agitação revolucionária. Temos que analisar se os organismos do partido se ordenam a partir de nosso jornal. Este também deveria ser o instrumento central de nossa intervenção para o movimento, com o piquete, o padrão.

Como estamos desenvolvendo o trabalho com o jornal? Temos que avançar neste diagnóstico também:

- a) As direções discutem em torno ao jornal?
- b) E os núcleos?
- c) Existe padrão por núcleo?
- d) Se acompanha a periferia política, o padrão, com o jornal?
- e) Se tem retorno do que pensa a periferia sobre a nossa política, expressa no jornal?
- f) Se acompanha as dúvidas, as diferenças, se analisa onde está a consciência desses contatos? Enfim os organismos se ordenam a partir do jornal?
- g) Por outro lado em nossas atividades políticas cotidianas, manifestações, assembleias, reuniões de diretorias de sindicatos ou as reunião de delegados sindicais, reuniões com as vanguardas das categorias, seminários, são acompanhadas pela presença de nosso jornal?

3. OUTROS INSTRUMENTOS CENTRAIS DA DISPUTA IDEOLÓGICA

A nossa propaganda e armação de nossa luta programática, teórica e ideológica, deve também compreender, além do jornal e os panfletos, uma melhor utilização de outros instrumentos de propaganda que a nossa internacional e o PSTU produzem, como o Correio Internacional, a Revista Marxismo Vivo, nossos livros editados pela Sundermann, nossas cartilhas e revistas teóricas, apostilas de cursos e etc.

4. NOVA RELAÇÃO COM OS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Devemos estabelecer uma relação distinta com os novos meios de comunicação que o partido utiliza, especialmente as redes sociais, como WhatsApp, Facebook, canal de YouTube, site etc. Nós vimos o peso que teve nesta campanha eleitoral. E nós não conseguimos organizar na dimensão que queríamos a rede de zap, apesar de termos dados alguns passos.

Um partido bolchevique, como o nosso, que consiga ter a agitação e a propaganda revolucionária, portanto, uma atuação através do partido no seio do movimento de massas tem a necessidade e deveria ter a capacidade de utilizar as redes sociais para fins de agitação, propaganda e organização revolucionária em prol do partido em outro patamar. Atualmente as redes sociais são uma dimensão da atividade de agitação e propaganda. Não devemos atuar de qualquer jeito nestes espaços, as mensagens que enviamos por zap, as publicações de nossos militantes, os vídeos, devem ser pensados e traduzidas para essas plataformas com cuidado, pois embora seja uma linguagem diferente, é parte da agitação e propaganda, estas devem ser entendidas como uma continuidade do trabalho com o jornal e os panfletos e etc.

e) BDI 5 - Conferência Nacional 2019 – Agitação e Propaganda na Classe Operária

Introdução

Nosso objetivo é contribuir ao debate através da experiência desenvolvida na regional leste de SP entre Out/17 e Fev/19 em uma Metalúrgica de SP (600 trabalhadores), outra metal de Ferraz, (600 trabalhadores), e uma de brinquedos, varia de acordo com a época do ano, oscilando entre 600/900.

a) A agitação e propaganda nas estruturas operárias; Buscamos construir uma análise e caracterização sobre a classe na região e suas características, mas fomos sem nenhum contato, partindo da definição sobre a importância da agitação e propaganda do P. e a prioridade na classe operária.

Descrição de como começamos “1. São sempre as mesmas pessoas que vão (...).Entregamos o panfleto como uma desculpa para falar com as pessoas (...) 3. Destacamos que somos um partido só de trabalhadores.

d) Pedimos o contato para que possamos conversar e tentamos amarrar alguma conversa. (...) Em dois meses de agitação (...) acumulamos, 32 contatos telefônicos, somos reconhecidos pelos trabalhadores, que param para conversar conosco, há um padrão de jornal, com operários que pegam as edições de nosso jornal e pagam o anterior e (...) iniciamos um processo de discussão do partido com um trabalhador.”¹ e nossos objetivos

“(...)a construção da regional na classe operária passa pelas estruturas operárias, (...)ou seja, construir uma periferia operária diretamente com o nosso programa, e dentro dessa periferia ter um setor mesmo que pequeno, que temos uma relação mais profunda, sobre o qual fazemos mais propaganda, conversamos mais, nosso padrão.”

Atualmente temos 195 cadastros atendidos semanalmente, padrão de 30 jornais, durante as eleições vendíamos 60 e realizamos uma atividade com 9 operários para debater nossa candidatura, essa atividade foi construída por companheiros de dentro da estrutura, e a partir dela estabelecemos relação com um trabalhador que hoje faz experiência com o p, nos reunimos com alguns e mantemos discussão sistemática de p com ao menos mais dois.

2. Equipe especializada e relação com o conjunto da estrutura

Destacamos dois elementos que foram essenciais para esse projeto.1º) na medida em que fomos aplicando, foi necessário deixar de ser mais uma atividade dos militantes que estavam desenvolvendo aquela atividade, para ser um organismo com a tarefa central de desenvolver esse trabalho de maneira coerente. Isso porque a panfletagem ou o piquete de jornal se demonstrou a menor parte ou a parte mais simples. Destacar militantes, para esse trabalho, significou enfraquecer nosso trabalho em outra frente, decisão tomada pesando os prejuízos e fazendo uma escolha consciente.

2º) Nossa relação não é com o operário individual, em certo sentido é com o conjunto das estruturas, temos relação com a “vanguarda” e com a retaguarda, apesar do padrão nas fábricas, temos uma rede de cadastro que debatemos com aqueles que têm acordo e com quem não tem acordo conosco, há aqueles que ao descobrirem algumas posições nossas, nos dizem que não podem colaborar e nem pega nossos materiais, há aqueles que mantêm relação apenas pelo panfleto, e outros que repassam o jornal dentro da fábrica. Ao nossa relação não se restringir a quem tem acordo conosco, mesmo quando quem estávamos debatendo o p saiu da estrutura, não ficamos pressionados em abandonar o trabalho, ou diminuir a frequência, porque nossa relação não está baseada em algum ativista.

Ter uma relação sistemática e ser uma força política destas estruturas “permitiu” que em 2 assembléias ordinárias dos metalúrgicos, fosse nos cedido a palavra pelo sindicato. Falamos como P, não entramos nos debates sindicais, e polarizamos o debate, sendo que nas duas situações o sindicato teve que nos responder.

3. Problemas e resposta política: Jornal e atendimento pelo zap

Quando fomos para a porta da fábrica divulgar nosso jornal, panfleto e pedir o contato para as pessoas, falávamos que queríamos ouvi-los, saber suas opiniões. Ao sermos coerentes com isso e nos comunicar, não apenas alimentando-os de informação, mas discutindo a partir de suas demandas, incentivando-os a falar (ou escrever) tarefa que em si não é um passeio, esse processo nos colocou necessidades, sendo que a primeira foi a apropriação de forma mais permanente do nosso jornal. O jornal passou de forma consciente a estruturar, basear toda nossa atuação nestas estruturas, ou seja, além do fato de que todo jornal é piqueteado nestas estruturas, construímos os textos de Zap a partir do jornal, as respostas que mandamos nas conversas são construídas utilizando esse instrumento e por aí vai.

Portanto toda nossa atuação, debates, propaganda, agitação e inclusive a formação daqueles que estão a frente dessa tarefa está ligada ao jornal. Naturalmente, na medida em que conseguimos convencer os trabalhadores a seguir nosso jornal os erros e acertos políticos incidem diretamente na aproximação dos operários, captação, etc.

Whatsapp e níveis de relação

O trabalho com o zap é feito de maneira sistemática. Enviamos semanalmente textos com nossa política, além da lista nacional. Os textos são feitos com objetivos claros e quase sempre reafirmando alguns conceitos, como o classismo etc. Na medida em que os operários nos dizem suas opiniões, dúvidas e críticas a levamos em consideração na elaboração dos textos, sua explicação mais concreta, os limites que eles apresentam e elementos que precisam avançar.³ Há níveis distintos de relação que as pessoas estabelecem no zap, que vão desde responder, concordar, elogiar, se dispor a ajudar, mandar joinha, nos criticar, até nos bloquear. Há aqueles que a relação que estabelecemos de conversa, discussão, é na porta da fábrica, algumas vezes conseguimos combinar de chegar um pouco mais cedo, há aqueles que toparam conhecer o partido, mas tinham interesses materiais, os que gostam de nossa política e inclusive haviam se disposto a discutir o partido, mas que retrocederam por motivos políticos (política para o segundo turno em especial), há ainda aqueles que ainda não confiam em nós, se dispõem até a construir atividades, repassar o jornal, apresentar pessoas, mas a adesão ao partido ainda é um processo.

Enfim... todo esse processo nos levou a algumas conclusões políticas

Desde o início e a cada estrutura nova, precisamos reafirmar que somos um p. só de trabalhadores que repudiamos a exploração e a injustiça ao que os trabalhadores estão submetidos. O nosso classismo é a independência de classe por um lado, mas também a necessidade de organizar-se e lutar como classe contra os patrões, banqueiros. Isso é assim inclusive como parte da necessidade de nos diferenciar do petismo e combater a direita. Diferente dos locais em que já somos conhecidos, a diferenciação política e programática (qual projeto cada um defende) é central. É evidente que essas são discussões que se repetem com a mesma pessoa, pois é um processo de conhecimento, de luta política e ideológica permanente, contra as correntes majoritárias do movimento por um lado, da burguesia por outro e contra a democracia burguesa. Todo esse processo é permeado por desconfiança (parte do desgaste do regime, da ruptura com o PT, da traição que os trabalhadores entendem que sofreram) e pela luta política e ideológica contra o burguês que existe na cabeça de cada operário, nesse sentido acreditamos que todos os nossos materiais devem ter essa preocupação. Mesmo o “título” é uma palavra de ordem que disputa a consciência dos trabalhadores contra um conjunto de ideologias que se expressam através de medidas concretas, mas que devem chegar até a saída, ou seja, a necessidade de destruição do capitalismo e a tomada do poder.

Formação de quadro:

A atuação hierarquizada pela política e a compreensão maior da classe operária exige responder as demandas que os operários nos apresentam, com suas polêmicas de forma mais qualificadas, com maior compreensão da realidade e do nosso programa. Os operários tem opinião política sobre a realidade, não são papel em branco, sabem em algum grau sua condição de explorados, e são disputados pela ideologia burguesa. A disputa da consciência para a revolução exige esforço da militância: acompanhamento da mídia burguesa, leitura das mais diversas, debate de todo o jornal do partido, estudo marxista, enfim, o mais simples questionamento vindo do operário nos demanda, em função dos nossos limites, horas de estudo. O zap também nos obriga a estudar mais a fundo os temas. Esse processo fez com que o núcleo se hierarquizasse pela política, fazendo com que os militantes dessem um salto.

Conclusão

Estamos ainda em processo de construção de nossa periferia política, e buscando entender e superar as contradições e limites que são parte da realidade e do partido. Nesse um ano de debate, elaboração, trabalho cotidiano e prático, concluímos que agitação e propaganda revolucionária são duas partes indissociáveis com o objetivo da disputa da consciência da classe operaria, que essa atividade tem sido central para o enraizamento do partido na classe operaria, para construção de uma periferia e para o desenvolvimento dos nossos quadros, mas esse trabalho exige sermos essencialmente *políticos, ter constância e paciência*, que não devemos nos desesperar pela lentidão ou aparentes retrocessos, pois por esta *práxis* podemos avançar na estruturação de nosso p nesse setor.

Nota: Nas msgs pra lista de cadastro, adaptamos palavras mais simples, frases curtas e diretas e etc poder pelos trabalhadores. Nosso jornal deve ser a aplicação do programa de transição, ou seja, deve discutir as tarefas necessárias em cada momento até a tomada do poder. Acreditamos que nosso jornal, não pode quase nunca partir do principio de que há coisas que já são acordos, não podemos tratar como se todos concordassem conosco. Precisamos dizer literalmente as coisas, nunca deixar subentendido.